

34

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS





CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Ensino Médio



34

VOLUME

Diretor-geral
Ricardo Tavares de Oliveira**Diretor Adjunto de Sistema de Ensino**

Cayube Galas

Gerente de Conteúdo

Júlio Ibrahim

Editora

Cláudia Pedro Winterstein

Editoras Assistentes

Carolina Massuia de Paula

Susi Novaes

Colaboradores

Alex Cardoso

Andréia Szczypula

Caio Cobucci Leite

Felipe Fernandes

Fernanda Mirele Heberle

Izabella Bosisio

Janaina Tiosse de O. Corrêa

Karen Heberle

Maria Carolina Aguilera Maccagnini

Marília Gonçalves

Coordenador de Eficiência e Analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Assistente de Fluxo

Letícia Bovolon Bezerra

Supervisora de Preparação e Revisão

Adriana Soares de Souza

Assistente Editorial

Renata Slovac Saverio

Preparação e Revisão

Equipe FTD

Coordenadora de Imagem e Texto

Marcia Berne

Imagen e Licenciamento de Textos

Equipe FTD

Gerente de Produção e Design

Leticia Mendes de Souza

Coordenadora de Criação

Daniela Máximo

Supervisor de Produção e Arte

Fabiano dos Santos Mariano

Projeto Gráfico e Capa

Juliana Carvalho

Editores de Arte

Francisco Lavorini

Glauber Munhoz

Junior Carvalho

Diagramação

Essencial Design

Supervisora de Arquivos de Segurança

Silvia Regina E. Almeida

Diretor de Operações e Produção Gráfica

Reginaldo Soares Damasceno

Elaboradores de Original

Davi Alexander Boruszewski (Sociologia)

Rafaela N. Pannain (Sociologia)

Caio Gomes (História)

Eduardo Guimarães (Filosofia)

Elisa Favaro Verdi (Geografia)

Geison Loschi (Filosofia e Seções finais)

Romulo Vitor Baptista Braga (Filosofia)

Alexandre Costi Pandolfo (Filosofia)

Leandro Calbente (História)

Pedro Filardo (Geografia)

CONSELHEIROS

Cesar Sponton (coordenador da área do conhecimento)

Caio Sarack de Mello (Filosofia)

Cláudio Roberto Duarte (Geografia)

Mateus Alves Silva (História)

Vera Ceccarelo (Sociologia)

AGRADECIMENTOS

A contribuição humana e profissional de diversas pessoas foi essencial para o sucesso deste projeto. Registramos aqui nosso agradecimento a todos os envolvidos e, especialmente, a: Alison Rosa da Silva, Ana Gabriela Lopes Noquelli, Beatriz Mendes Carneiro, Elisabete de Paula Leite, Fernanda de Lima Bernardes, Guilherme Paes Molina, Michelle Silva da Mata, Nataly Freire Carvalho, Paris Zandoná, Roberta Perazzo Campanini, Thiago Scherer e Vivian Kaori Ehara.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

FTD Sistema de Ensino : ensino médio : ciências humanas e sociais aplicadas : 3^a série. -- 2. ed. -- São Paulo : FTD, 2022.

Vários autores FTD.
ISBN 978-65-5742-242-7 (aluno)
ISBN 978-65-5742-243-4 (professor)

1. Ciências humanas (Ensino médio) 2. Ciências sociais (Ensino médio).

21-58358

CDD-373.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livro-texto : Ensino médio
373.19

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.
Todos os direitos reservados à EDITORA FTD.

Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300
www.ftdse.com.br
central.relacionamento@ftd.com.br

Produção gráfica



Avenida Antônio Bardella, 300 - 07220-020 GUARULHOS (SP)
Fone: (11) 3545-8600 e Fax: (11) 2412-5375

A comunicação impressa
e o papel têm uma ótima
história ambiental
para conferir



www.twosides.org.br

Enviamos nossos melhores esforços para localizar e indicar adequadamente os créditos dos textos e imagens presentes nesta obra didática. No entanto, colocamo-nos à disposição para avaliação de eventuais irregularidades ou omissões de crédito e consequente correção nas próximas edições. As imagens e os textos constantes nesta obra que, eventualmente, reproduzem algum tipo de material de publicidade ou propaganda, ou a ele façam alusão, são aplicados para fins didáticos e não representam recomendação ou incentivo ao consumo.

SUMÁRIO



IMAGENS: IRINA STRELNIKOVA/SHUTTERSTOCK.COM

FILOSOFIA

Estruturalismo e Pós-Estruturalismo 8

GEOGRAFIA

Leste Europeu e Oriente Médio 34

HISTÓRIA

O colapso do Socialismo e os novos nacionalismos 74

SOCIOLOGIA

Sociedade e meio ambiente 112

Seções finais

141

APRESENTAÇÃO

Caro(a) estudante,

O FTD Sistema de Ensino é uma solução educacional completa que o acompanhará ao longo do Ensino Médio, auxiliando você a trilhar seus caminhos para além da educação básica.

Nesta coleção, partimos do entendimento de que o Ensino Médio é a etapa em que você tem a oportunidade de consolidar seu projeto de vida. É aqui que você vai retomar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, preparando-se para seguir novos caminhos.

Desejamos a você uma ótima jornada!



CONHEÇA SEU LIVRO

O QUE É FILOSOFIA?

Que ninguém neste em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se cansa de fazê-la depois de velho...

Educa

A jornada que faremos juntos ao longo destas páginas perpassa uma história de mais de 2.500 anos, para tentar responder o que é filosofia, afinal? A proposta é que você possa construir sua própria resposta pronta e plenária. A Filosofia evolui e continua passando por reflexões, recém-fins debates. A filosofia acompanha os movimentos da história e está presente desde o momento em que nos perguntamos quais somos ate a reflexão sobre os limites éticos no uso da tecnologia moderna.

Se você nunca se questionou o que é filosofia, este é o momento certo para isso. A filosofia está presente em todos os momentos da vida, mas pode parecer simples a primeira vista, e curiosamente

é a curiosidade que nos impulsiona a questionar o mundo, a refletir sobre novas ações, a pensar sobre a vida e a morte, a analisar nossas relações, nossos comportamentos e anseios; mas devemos nos lembrar que a curiosidade é somente o primeiro passo para nossas descobertas e que só depois deve ser estimulado em que direção queremos nos dirigir com essas questões que nos levam à reflexão.

Esa reflexão, que todos nós temos capacidade de realizar, quando é feita com base em determinados princípios e métodos, fundamentalmente a filosofia.

E que tal começarmos essas reflexões agora mesmo? Comente com os colegas o que significa filosofia para você e se já teve a oportunidade de conversar com pessoas mais velhas para trocar ideias sobre suas experiências de vida.

• Nunca é cedo (não é tarde) para começarmos a filosofar e a discutir e outros sono fonte de conhecimento e experiência, qualquer que seja sua idade.

As imagens e os representados neste livro apontam para o que é filosofia. Quando não é indicado, encarte para correspondência à escola.



ABERTURA

Aqui você terá conteúdo para contextualizar o assunto que será estudado em cada capítulo.

SEÇÕES

① Exercícios

PRATIQUE

PRATIQUE

1. Reflita sobre as experiências que teve ao longo da vida com pequenos grupos de amigos, colegas ou familiares e descobre aspectos dessas interações que tenham contribuído para a sua formação ou para mudanças significativas no seu modo de viver, sentir e pensar.

2. Se você tivesse que avaliar sociologicamente os controles relativos às questões anteriores, qual seria a forma de abordar? E se o objeto de investigação sociológica fossem as relações de trabalho em uma grande indústria automobilística partindo da perspectiva dos funcionários após as reformas trabalhistas e previdenciárias?

DESENVOLVENDO A HABILIDADES

Resumo sociológico indica uma descrição crítica da experiência dos fenômenos sociais a serem analisados, levando em consideração contextos e abordagens da Sociologia apresentados no capítulo. Faz uma perspectiva sobre a função social do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Braga, M. S. (2020). Resumo sociológico: COVID-19: impactos e desafios. In: *Revista Brasileira de Psicologia da Saúde*, 30, 30-40. Rio de Janeiro: UFRJ.



Ao longo da teoria, você terá exercícios inéditos ou de vestibulares e Enem para praticar os conteúdos trabalhados.

O PROFUNDE

1. (Unicamp-SP)

A dialética é uma atitude que (junto) ao tempo de tentar compreender o mundo, impulsiona a tentativa de transformá-lo. Nesse compromisso, a tentativa de atingir acesso ao supremo princípio de todo conhecimento, que passa a ser considerado como mais operado. A dialética gera um ação e espírito crítico pronto ao

processo filosófico.

(Adaptado de C. A. R. Ribeiro, *Introdução à Filosofia*. Porto Alegre: Edições da UFRGS, 2002).

A partir do texto, é correto afirmar:

- a) a dialética é um método de racionalização que visa a transformação das coisas.
- b) a dialética é necessária para o pensamento filosófico, por se expressar e dispensar o rigor metodológico.
- c) a dialética é uma característica da filosofia e surge com o espírito operado e verdadeiro e consistente.
- d) a dialética é o pensamento rigoroso e o espírito crítico são fundamentos da pensamento filosófico moderno.

2. (Unicamp-SP)

Considerando o conceito de realidade no pensamento idealista. Dessa concepção, realidade é aquilo que existe independentemente das verdades absolutas, que humanos entendem incorretamente. Para chegar a elas e que todo aquilo que tem concepção humana é realidade, é preciso que esse concepção seja correta. O que é correto dizer sobre a realidade?

a) é o que existiu ou existe, ou que pode existir.

b) é o que existe ou que pode existir.

c) é o que existe ou que pode existir.

d) é o que existe ou que pode existir.

e) é o que existe ou que pode existir.

(Adaptado de M. A. P. Góes, *Introdução à Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002).

Nossa resposta: B.

Realidade é um conceito que fazem parte da filosofia.

a) defende a materialidade contra as teses empíricas sobre o conhecimento.

b) valoriza o possuir o verdade-absoluta como maior a realização da paz.

c) defende a liberdade como aliança para o desenvolvimento.

d) identifica a materialidade intelectual com a capacidade de conhecer a verdade-absoluta.

e) valoriza uma postura crítica da autorreferencial, em oposição ao dogmatismo.

Fonte: www.filosofia.uol.com.br.

APROFUNDE

No fim de cada capítulo estão os exercícios inéditos ou de vestibulares e Enem para aprofundamento.

2 Final de capítulo



SÍNTESE

Resumo esquemático dos conteúdos do capítulo.

PROJETO PESSOAL

Propostas de reflexão sobre o projeto de vida por meio de abordagens que valorizam o seu repertório.

PROJETO PESSOAL

"CONHECE-TE A TI MESMO"

Quando observamos o objeto de estudo e o desenvolvimento das diferentes Ciências Humanas, podemos perceber que refletir sobre o mundo e o lugar que ocupamos é uma tarefa abrangente que envolve muitos aspectos e interesses muito diversos. As reflexões lidam com questões categóricas, conceituais e processuais que têm tudo a ver com o nosso estar no mundo.

A frase que abriu desde a seção — inserida na entrada do Templo de Delfos desde a Grécia antiga — até hoje nos convoca a fazer essa reflexão. Mas o que é conhecer a si mesmo?

Aquilo que somos é resultado do cruzamento de incontáveis referências que fazem parte da nossa formação. Os valores e as relações sociais estabelecidas no momento histórico em que vivemos, o espaço que nos movemos, e que é resultado dessas relações, as interpretações dadas aos eventos do passado e do presente — tudo isso se soma de maneira única para compreendermos quem somos. E é exatamente nesse cruzamento que devemos nos questionar: quem somos, a respeito das nossas individualidades e à conceber nossos projetos, pessoais e coletivos.

Quais são os referenciais e inspirações que fazem de você quem você é? Que relações, espaços, pessoas, instituições, obras e projetos o ajudam a entender e a expressar quem você é e quem deseja ser?

Que tal fazer essa investigação pessoal por meio da técnica da colagem artística? Você pode começar listando alguns desses elementos, se parecer mais fácil. Ou então, dizer que as próprias imagens chamam sua atenção e ajudam você a "descobrir" o que desejamos.

Reúna revistas, jornais ou outros materiais gráficos, ou mesmo imagens procuradas na internet, e selecione figuras que ajudem a expressar seu lugar no mundo e algo sobre você. Recorte e faça uma composição com os fragmentos escolhidos; em seguida, cole sua composição no verso desta ficha. Caso tenha acesso a ferramentas digitais, uma opção é fazer a atividade em meio eletrônico e depois imprimir e colar na ficha.

Você pode revisitar sua obra com frequência: será que ela terá sempre o mesmo significado para você?

Este seção elaborada para o desenvolvimento da competência geral BNCC!
Com base no aprendizado e no caráter de sua ação/luta e empatia, compreenderá seu desempenho humano e social, buscando suas ameaças e as das outras, e aprimorar suas competências para a sociedade.



Este tutorial pode ajudar com inspirações e procedimentos para sua colagem.



Mais informações

3 Final de volume

DIÁLOGOS

Como lidamos com o nosso patrimônio?

• A imagem ao lado é do Museu Nacional em chamas. Que sensações ela nos traz?

Em setembro de 2018, a imprensa e as redes sociais foram tomadas pela notícia do incêndio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. O incêndio foi provocado pelo superaquecimento do ar-condicionado, que acabava gerando um curto-circuito. Não houve vítimas fatais, entretanto, o museu perdeu quase 90% de seu acervo histórico, que continha compondo o maior acervo de cultura brasileiro. O acervo incluía peças de coleção mundial e expôs, dentre elas, com um dos museus mais importantes do país, trazendo à tona a questão da importância do patrimônio brasileiro.

Esse trágico episódio de 2018 pode nos servir para o seguinte reflexão: como nos relacionamos com o passado, seja o nosso ou dos "outros"? As nossas relações e os usos que fazemos do passado são atos políticos. Por meio da construção de narrativas e memórias, podemos exaltar ou silenciar grupos sociais. O conhecimento histórico acumulado da humanidade revela essa disputa por prevalências de algumas memórias sobre outras.

Um dos aspectos que mais nos chamou a atenção é as questões de anamneses (memórias) que sobreveem ao tempo, aos quais conferem valor e sussurram previsões para nós e para as gerações futuras, encantados com seus bens culturais. Se ampliarmos esse horizonte pelas sociedades e poder público, esses bens podem se transformar em patrimônio cultural. Quando isso acontece, vêm instrumentos para a sua preservação, com o tombamento ou registro. Mais ainda: reconhecimentos e as políticas de preservação são permitidos por disputas de poder sobre a memória. Sua razão, portanto, podem chegar inclusive na destinação de recursos financeiros para o funcionamento de instituições como o Museu Nacional.

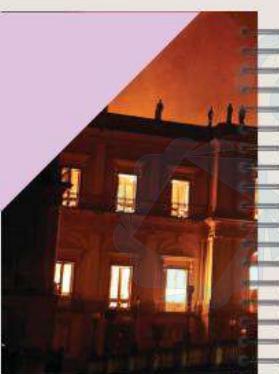


Imagem de incêndio que atingiu o Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 2 de setembro de 2018.

Vejamos uma breve definição de patrimônio cultural elaborada pela pesquisadora Silvana Rubino:

...[...] Patrimônio não é uma representação coletiva como outra qualquer, o sim uma prática constituída por um processo de atribuição de um valor, que deve ser reconhecido para que possa ser disponibilizado a conservação. Em outras palavras, patrimônio histórico remete a políticas públicas ou a ações que têm lugar na esfera pública.

Os grupos sociais atribuem valores diferentes aos seus bens materiais, suas memórias, suas marcas territoriais; no entanto — e de modo distinguível, classificam — o ambiente que os rodeia, destacam passagens de sua história comum, de um passado coletivo, elegem passagens. Por isso, quando falamos em patrimônio (histórico, cultural etc.), é disso que se trata: de um conjunto de bens materiais ou imateriais fruto de uma decisão



DIÁLOGOS

Atividades que dialogam com os conteúdos mobilizados ao longo dos capítulos dos componentes da área do conhecimento.

CONHEÇA SEU LIVRO

BOXES

DESENVOLVENDO HABILIDADES

Atividade inédita e contextualizada.

EU NO MUNDO

Neste boxe você verá como é a relação do conteúdo estudado com o mundo fora da escola.

INVESTIGAÇÃO

Atividades práticas e diferenciadas: seminários, debates, pesquisas, investigação, práticas de laboratório, experimentos e afins.

ENEM EM FOCO

Questão real do Enem relacionada ao capítulo, com a indicação de como aquele conteúdo costuma ser cobrado no exame.

FIQUE ATENTO!

Ao longo do material você encontrará outros *links* e QR Codes indicativos de conteúdo digital.

AMPLIE

Indicações de conteúdo complementar que ampliam o seu repertório sobre o assunto do capítulo.

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

Exercícios de vestibulares ou Enem com resolução detalhada.

ACELERE!

Os conteúdos indicados aqui estão disponíveis na lônica.

VÍDEOS

Assista a este capítulo

Aprofunde sua compreensão sobre os temas estudados por meio das videoaulas de cada capítulo.



Este capítulo em 1 minuto

Divirta-se e aprenda mais com um resumo dinâmico do capítulo que você acabou de estudar.

IRINA STRELNIKOVA/SHUTTERSTOCK.COM

Conheça seu livro



<http://ftd.li/em-seulivro>



FILOSOFIA

34.

ESTRUTURALISMO E PÓS- -ESTRUTURALISMO

Existem diferenças de todos os tipos: homens e mulheres, crianças e velhos, altos e baixos, nativos e estrangeiros. Assim como há diferenças que se expressam em nós mesmos, quando nosso corpo muda com o tempo ou a nossa forma de pensar se modifica. Tal diversidade faz parte da nossa realidade e é fundamental para o desenvolvimento da vida, embora existam ideologias que preguem o ataque e a exclusão do diferente. Enquanto as diferenças se apresentaram como uma ameaça a uma identidade sólida, um novo horizonte se desenhava a partir da metade do século XX, derrubando as barreiras da indiferença e da opressão.

As diferenças, que eram vistas numa escala linear evolutiva, que parte de baixo para cima, do inferior ao superior, do selvagem ao civilizado, passaram a ser percebidas como múltiplas possibilidades de configuração de uma estrutura comum, fundamentada em elementos basilares do pensamento. Essa mudança de perspectiva trouxe importantes desdobramentos éticos e políticos, especialmente pela noção de alteridade e pela necessidade de acolher quem é diferente e perceber que nos constituímos a partir da relação com o outro, num processo contínuo de transformação. Reflita sobre como as diferenças são percebidas e vividas em ações de seu cotidiano em relação com os outros.

- Sua perspectiva se aproxima à de outras pessoas de seu convívio? Como você pode ampliar seu olhar para as diferenças com as quais você se depara? Você já percebeu diferenças em você mesmo? Como é lidar com as mudanças pelas quais nós mesmos passamos?

▲ Mickey: The True Original Exhibition, de Kenny Scharf, 2018.

A bricolagem (do francês *bricolage*) é um procedimento de criação que se utiliza de diversos tipos de materiais e técnicas para a construção de um objeto que nem sempre é idealizado no início do processo. Para Lévi-Strauss, as culturas são formadas como uma espécie de bricolagem, enquanto Jacques Derrida e Gilles Deleuze acreditavam que a bricolagem descreve bem o funcionamento da atividade filosófica e do pensamento em geral.





© SCHARF, KENNY/AUTVIS, BRASIL, 2021.
FOTO: CRAIG BARRITT/GETTY IMAGES FOR DISNEY

O ESTRUTURALISMO

O Estruturalismo é um movimento intelectual desenvolvido e difundido especialmente na França a partir da primeira metade do século XX. Ele foi muito importante por influenciar os diversos componentes das Ciências Humanas consolidados até então, desde a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Literatura, a História, entre outros. Pode-se dizer que essa corrente de pensamento se instaurou em um momento histórico importante do mundo ocidental, no chamado pós-guerra, período que sucedeu às duas grandes guerras mundiais. O Estruturalismo se colocou como uma ruptura com um modelo antigo de pensamento que privilegiava a razão e a consciência soberana do sujeito frente a ele mesmo.

Os estruturalistas buscaram desenvolver uma perspectiva crítica ao estabelecido e demonstraram especial interesse naquilo que se convencionou chamar de avesso ao sentido manifesto, ou seja, aos elementos que não são conscientes, diretamente aparentes ou evidentes, mas que são fundamentais para compreender o modo como nossa sociedade se estrutura. Dessa maneira, temas como a loucura, os sonhos, a cultura dos povos nativos ou originários (que os estruturalistas chamavam de "selvagens") etc. ganharam especial atenção e ofereceram elementos importantes para a análise de estruturas que pareciam naturais e universais, mas que se revelavam aspectos arbitrários e contingentes. Segundo o historiador e sociólogo francês François Dosse,

O estruturalismo terá sido, nesse plano, o estandarte dos modernos em sua luta contra os antigos. Terá sido o instrumento de uma desideologização para numerosos intelectuais comprometidos, ao ritmo das desilusões da segunda metade do século XX. Conjuntura política particular marcada pelo desencanto, configuração do campo do saber que precisava fazer uma revolução para ver uma reforma ser bem-sucedida: essa conjunção permitiu ao estruturalismo ser o polo de convergência de uma grade estrutural.

Essa busca maior de uma saída para o desconcerto existencial teve por efeito uma tendência para ontologizar a estrutura: esta apresentou-se, em nome da Ciência, da Teoria, como alternativa para a velha metafísica ocidental. Ambição desmedida de um período que deslocava as linhas fronteiriças, os limites das figuras impostas, para aventurar-se nos caminhos mais recentes, abertos pela eclosão das ciências sociais.

DOSSE, François. *A história do estruturalismo*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993, p. 13-14.



FRANZ ABERHAM/GETTY IMAGES

A palavra “estrutura” aparece na história da filosofia já no final do século XX em autores como Spencer, Morgan e, especialmente, Marx, que relacionou a ideia de estrutura às instituições que contribuem para a manutenção das relações de classe estabelecidas. No entanto, o sentido de estrutura que oferece as bases para o movimento estruturalista foi desenvolvido pelos linguistas Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson a partir da primeira metade do século XX. A contribuição desses linguistas para a Filosofia e as Ciências Humanas do século XX foi monumental. A ideia central que está na base dos estudos da fonética estruturalista é que a linguagem se estrutura em três elementos fundamentais: o signo, a língua e a fala.

A ideia de signo em Saussure foi genial, pois ele defendeu que o enfoque dessas estruturas elementares da linguagem não deveria ser o do significado em relação a algo que faz referência. Por exemplo, a palavra “porta” significa o objeto de madeira ou alumínio que separa o ambiente interno do ambiente externo. A atenção se deposita no fato de que o signo é composto de elementos mais fundamentais, como os “fonemas” que se estruturam em relação de oposição uns com os outros. A língua, por sua vez, é um sistema fechado de formas em mútua oposição, que existe independentemente de cada sujeito particular, precedendo-o e sucedendo-o, ou seja, à revelia do sujeito. Já a fala é o resultado das relações históricas estabelecidas pelos sujeitos que fazem uso da língua.

Essa compreensão da linguagem foi fundamental para uma mudança de perspectiva sobre a compreensão da realidade humana como um todo, em seus aspectos psicológicos, sociais, culturais, econômicos, artísticos etc., deslocando o olhar sobre os elementos estruturantes que incidem de maneira direta sobre a nossa forma de ser.

Pode-se comparar a perspectiva da linguística de Saussure com um jogo de cartas, no qual as cartas só existem em relação de oposição umas com as outras e não teriam sentido sem essa relação. O que posso fazer com uma única carta? Da mesma forma, os diferentes jogos possíveis de se jogar com as cartas podem ser comparados com a ideia das diversas línguas que se estruturam. Já a atualização do jogo entre amigos, ao redor de uma mesa, é como a fala, que se desenvolve historicamente em relação aos sujeitos que a dispõem.

AMPLIE

Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, na Suíça, em 1857, e foi um linguista e filósofo muito importante por dar maior autonomia ao campo da linguística como uma ciência dos signos, ou semiologia. Seus estudos deram as bases para o desenvolvimento do Estruturalismo e as contribuições notáveis desse método às Ciências Humanas ao longo de todo o século XX.

▲ O linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) em foto de cerca de 1910 (colorida posteriormente).



FOTOTECA GILARDI/AGENCE FRANCE PRESSE/GETTY IMAGES/ALBUM/FOTOARENA

Com base no exemplo do jogo de cartas, é possível compreender um alicerce fundamental do Estruturalismo, que é a ideia do privilégio da sincronia sobre a diacronia. Ou seja, o aspecto mais importante da análise estrutural é a composição síncrona dos elementos basilares que estruturam uma determinada realidade humana. Por meio da análise desses elementos, é possível compreender o modo como eles se desenvolvem historicamente, ou seja, diacronicamente. De acordo com o antropólogo Frédéric Keck,

A definição de signo como relação levou Saussure a definir a língua como um sistema. Se o signo não remete a outra coisa senão a ele mesmo, sendo, porém, uma relação mais determinada que os fenômenos que ele liga, a língua não deve ser estudada pela comparação a outra coisa que não ela mesma (por exemplo, investigando-se o que ela imita, ou os eventos históricos que a transformaram), e no conjunto das relações que a constituem é possível estabelecer o sentido do signo. Este estudo sistemático da língua efetua-se, inicialmente, em ‘sincronia’: introduz um corte no devir histórico da língua para estudar as relações que a constituem num dado momento; depois, pode prosseguir em ‘diacronia’, observando como essas relações se conservam ou se transformam no correr do tempo. Nesse sentido, a linguística é um estudo da ‘língua’, definida como um sistema de signos, e não da ‘fala’, no sentido do conjunto dos desempenhos linguísticos praticados pelos locutores.

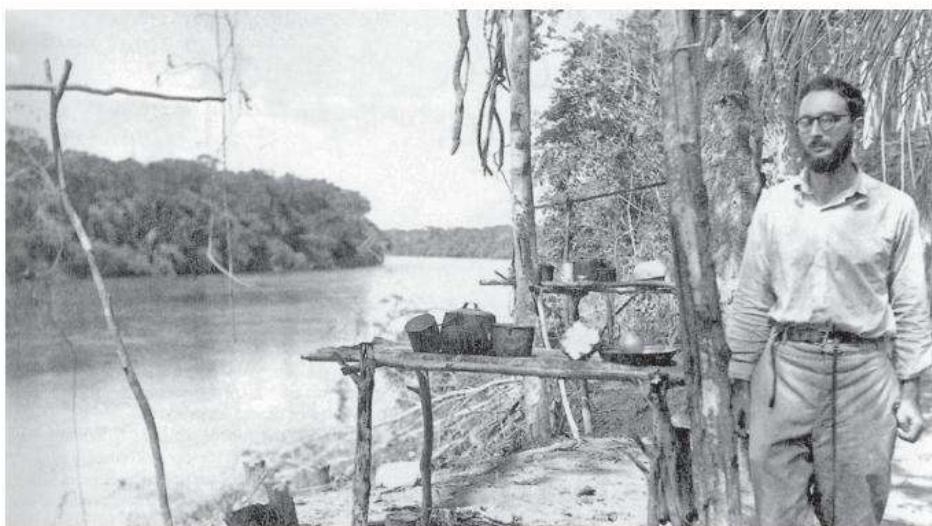
KECK, Frédéric. *Introdução a Lévi-Strauss*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2013. p. 52.

Os conceitos de sincronia e diacronia dizem respeito ao estudo da língua em sua relação com o tempo: na perspectiva sincrônica, estuda-se a língua no momento em que ela se encontra, e na perspectiva diacrônica a língua é abordada com base em suas transformações e evoluções ao longo do tempo.

O método estrutural nas Ciências Humanas

O antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908-2009) teve um papel muito importante na difusão do Estructuralismo entre as Ciências Humanas em geral. Embora seu objeto de trabalho fosse a Antropologia e o estudo das culturas de povos ditos selvagens, seu projeto epistemológico consegue transcender as especificidades de sua disciplina e oferecer as bases para que o método estruturalista seja incorporado por outras ciências. Até então, enquanto Lévi-Strauss era apenas um estudante, a Antropologia francesa tinha um cunho biólogo e racista, do qual ele buscou se distanciar.

▲ Claude Lévi-Strauss percorreu o Brasil Central e viveu com grupos nativos da região, como os Bororo e os Nhambiquara, desenvolvendo uma rica etnografia, mas, sobretudo, fortalecendo as bases de compreensão de um modo diferente de pensamento, o qual tem muito a ensinar para o ser humano ocidental.



Um evento muito importante para o trabalho de Lévi-Strauss foi o convite que recebeu, ainda jovem, para lecionar na recém-fundada Universidade de São Paulo. Durante sua estadia no Brasil, ele realizou estudos de campo que resultaram em uma análise etnográfica dos povos Bororo, no Mato Grosso, e dos Nhambiquara, no Brasil Central.

Após seu período no Brasil, o antropólogo recebeu uma bolsa de estudos do governo estadunidense para cientistas europeus, que era entendida como uma forma de exílio, para afastá-los dos horrores da guerra que assolava a Europa. Durante sua estada nos Estados Unidos, Lévi-Strauss teve acesso a um rico acervo etnográfico do Bureau of American Ethnology, em Nova York, que ofereceu as bases etnológicas para escrever seu primeiro livro de grande envergadura, **As estruturas elementares do parentesco**, em 1949.

A etnografia é uma metodologia de pesquisa em Ciências Humanas, especialmente em Antropologia, que consiste no estudo e na descrição da cultura e do comportamento de determinados grupos sociais. Já a etnologia é o estudo dos dados obtidos por meio da etnografia.

HISTORICAL IMAGE COLLECTION BY BILDAGENTUR-ONLINE/ALAMY/FOTOARENA



▲ Ilustração de 1888 representando grupos étnicos indígenas das Américas conhecidos até então. A etnografia e a etnologia do começo do século XX propiciaram um avanço no conhecimento sobre a vida e a cultura desses povos.

Em seu livro, Lévi-Strauss, que teve um frutífero contato com Roman Jakobson, transformou a perspectiva antropológica francesa ao compreender que as relações de parentesco possuem invariantes universais, como a noção de aliança, como fato constitutivo da realidade social. Diante de uma imensa variedade de constituições matrimoniais, é possível analisar estruturas basilares que permitem a composição de realidades sociais variadas. Dessa forma, o antropólogo estruturalista se afastou de noções biologistas de consanguinidade, ou morais de determinadas proibições, abrindo caminho para uma nova forma de compreender a estrutura social. A estrutura, da qual trata o pensamento de

Lévi-Strauss, é demonstrada nas relações e noções invariáveis que estariam mais vinculadas ao modo de ser específico do ser humano e, por isso, poderiam assumir conformações variadas sem romper com a arquitetura que define seu modo de racionalizar suas relações sociais, parentais, econômicas etc.

A sucessão de obras de Lévi-Strauss consagrou seu estatuto de progenitor da corrente estruturalista na Filosofia e demais Ciências Humanas. Pode-se destacar seu livro **Antropologia estrutural**, de 1958, no qual define as bases metodológicas de sua antropologia, e **O pensamento selvagem**, de 1962, em que construiu uma reflexão propriamente filosófica sobre o pensamento selvagem, não como oposição a um determinado pensamento civilizado, mas como a forma estrutural própria do pensamento humano, formada com base em elementos do mundo sensível, transformados em estruturas simbólicas do pensamento. Para o antropólogo e linguista francês Dan Sperber,

O pensamento ‘selvagem’ não é o pensamento dos selvagens, é o pensamento humano na medida em que não esteja submetido a regras expressas nem apoiado em técnicas, tais como a escrita ou a álgebra. Opõe-se não a um pensamento civilizado — todo pensamento humano é civilizado — mas a um pensamento que foi domesticado com o propósito de aumentar o seu rendimento, senão em qualidade, pelo menos em quantidade.

SPERBER, Dan. **O saber dos antropólogos**. Lisboa: Edições 70, 1992. p. 108.

AMPLIE

Nascido na Bélgica, o antropólogo Claude Lévi-Strauss foi um dos expoentes mais notórios da Antropologia do século XX, assim como de todas as Ciências Humanas. Seu pensamento, ao introduzir o método estruturalista aos seus estudos etnográficos, revolucionou a forma de interpretar o mundo simbólico da cultura entre seus contemporâneos. Lévi-Strauss viveu parte de sua carreira como professor universitário no Brasil, na Universidade de São Paulo, onde realizou estudos etnográficos entre famílias de povos tradicionais do Brasil Central. Um de seus livros mais conhecidos, **Tristes trópicos**, é um diário de viagem, com uma escrita em tom ensaístico e literário que torna muito agradável a leitura e a descoberta de suas aventuras em meio aos Nhamiquara.



MICHA BAR AMI/NEW YORK TIMES CO./GETTY IMAGES

▲ Lévi-Strauss sentado em sua mesa no Collège de France, Paris, em 1987.

O pensamento e a obra de Lévi-Strauss retiram a cultura dos povos ditos selvagens do domínio primitivo e do atraso e oferecem um novo estatuto, demonstrando sua relevância e riqueza de conhecimento. O pensamento selvagem representa uma estrutura complexa de composição do social, que se coloca como alteridade à realidade ocidental tão criticada após os eventos temíveis das duas grandes guerras mundiais, das práticas imperialistas, do totalitarismo e da opressão desmedida do Capitalismo.

Temas recorrentes, tragédias perenes

[...] A Última Floresta é exemplar ao transcender o que é meramente episódico e abranger o que persiste a tempo imemorial — desde que o homem branco entrou em contato com os povos indígenas das Américas. Com olhar sensível de antropólogo, Bolognesi realiza essa proeza. Circunscreve seu espaço de observação, atendo-se à aldeia Watoriki, na floresta amazônica, próxima à Serra do Vento na região do Demini — terra dos Yanomami com os quais conviveu por cinco semanas. Lá, gravou cenas dos moradores, conduzido pela sabedoria do xamã Davi Kopenawa Yanomami.

Às práticas cotidianas seculares — pesca com arco e flecha, hábitos alimentares, artesanato etc. — se associam tanto a necessidade de ir ao encontro dos brancos (“Eles não nos conhecem. Seus olhos não nos veem, seus ouvidos não entendem...”) quanto a tarefa de expulsar garimpeiros e evitar a poluição da água dos rios com o mercúrio usado na busca de minério (“Se aceitarmos vamos acabar todos doentes... Não devemos tirar o minério para não despertar a fumaça da doença...”). Bolognesi transita com desenvoltura entre registro estritamente documental, encenação e relato de mitos que refletem a estrutura da sociedade Yanomami.

Sonhar organiza o pensamento, diz Davi Kopenawa. Ele é visto em A Última Floresta no momento em que advertia os brancos na “Conferência sobre Mudança Climática: Futuros da Amazônia e de Nosso Planeta”, em maio de 2019, na Universidade de Harvard: “Vocês não enxergam. Os brancos que são autoridades liberaram o garimpo em nossas terras... Para vocês que vivem na cidade, o mais importante é a mercadoria. Apesar de ter muitas mercadorias, o branco não divide. São sovinas. Fazer muitas mercadorias faz mal para a floresta. Para nós, importante são os animais da floresta, a fertilidade. Importante é dividir o alimento entre o nosso povo, nossa sobrevivência, nosso crescimento, nossa forma de viver e nossa existência como povo.”

ESCOREL, Eduardo. Terras recorrentes, tragédias perenes. *Piauí*, 21 abr. 2021. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/temas-recorrentes-tragedias-perenes/>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

O documentário de Luiz Bolognesi, **A última floresta**, coloca em relevo a riqueza da cultura do povo Yanomami, ao mesmo tempo que desvela a necessidade de preservação de um dos maiores patrimônios da humanidade, a Floresta Amazônica.

Os povos indígenas representam uma **alteridade** valiosa para o nosso mundo ocidental, que parece imbuído de uma lógica hegemônica sobre a realidade. O pensamento, a cultura e a religiosidade dos indígenas são uma abertura fundamental para percebermos a realidade por meio de outras perspectivas. As políticas públicas que visam a manutenção e a ampliação de territórios indígenas são uma garantia de preservação dessa riqueza de múltiplas dimensões.

- Dividam-se em grupos e pesquisem as principais reservas indígenas do Brasil, traçando um histórico de como sua manutenção vem sendo abordada pelas políticas governamentais e em ações de grupos da sociedade civil ou de interesses privados.

Com base nessa pesquisa, é possível traçar um panorama da situação atual e dialogar com todos sobre as eventuais necessidades de maior atenção a esse campo.

Alteridade: qualidade daquilo que é diverso ou diferente; o outro.

▲ Yanomamis da comunidade Toototobí-Hutukara, em Barcelos (AM), realizando os preparativos para a assembleia.



EDSON SATO/PULSAR IMAGENS

PRATIQUE

1. Leia o texto a seguir e responda ao que se pede.

Nessas condições, é preciso apreciar o fato de que, querendo ou não, Lévi-Strauss foi lido como portador de uma ‘filosofia da estrutura’, no sentido de haver estendido a todos os fenômenos humanos a descoberta do seu caráter estruturado, que alguns haviam aplicado à linguagem, ao organismo biológico ou à sociedade, e sobretudo no sentido de ele haver radicalizado as consequências disso, fazendo dessa ‘filosofia da estrutura’ — o que foi chamado de estruturalismo — uma alternativa absoluta à ‘filosofia da consciência’ própria da sua geração. O estruturalismo não foi, para Lévi-Strauss, uma moda intelectual que passou tão depressa quanto havia surgido, mas um momento na tomada de consciência teórica do projeto das ciências humanas, cuja fecundidade só podemos medir pelos resultados que ele produziu e pelos projetos que ainda pode estimular.

KECK, Frédéric. *Introdução a Lévi-Strauss*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2013. p. 22-23.

Com base no texto, explique a importância do Estruturalismo para as Ciências Humanas.

2. (FGV-SP) O estruturalismo nasce na linguística, sobretudo a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, que concebeu a língua como um sistema ou conjunto autônomo e unitário de signos. Ao longo do século XX, a análise estrutural foi ampliada, sendo aplicada a outros campos de saber, incluindo a antropologia e a sociologia.

Em termos gerais, com o termo estrutura, os estruturalistas definem

- a) a ordem diacrônica dos fatos responsável pela contradição interna de um sistema.
- b) uma cadeia de razões em relação de causalidade entre si.
- c) uma totalidade ordenada e organizada a partir da combinatória de elementos.
- d) a lógica do desenvolvimento histórico da sociedade, incluindo sua trajetória até o presente.
- e) os fenômenos sociais caracterizados pelas ações contingentes dos indivíduos.

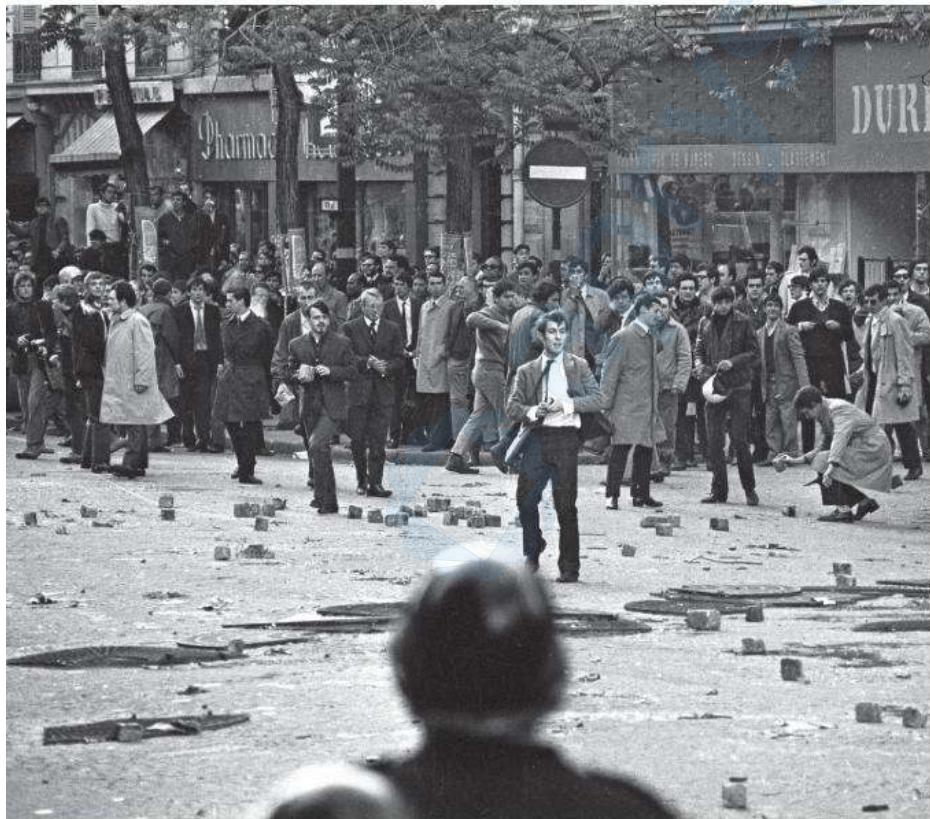
O PÓS-ESTRUTURALISMO

O século XX foi marcado por uma ruptura fundamental na filosofia, a da soberania do conceito de sujeito, ou seja, do predomínio do papel relevante da consciência subjetiva e reflexiva. Essa concepção de sujeito vem das bases da modernidade, desde o pensamento de Descartes, por exemplo, quando ele determinou que o sujeito é uma coisa pensante e que tal certeza fundamentaria as demais.

A filosofia do século XX se contrapôs a esse antropocentrismo e boa parte de suas reflexões nasceram da fragmentação do sujeito, com base na análise de estruturas que escapam à própria consciência dita soberana, como a condição social de classe, o inconsciente e até mesmo a estrutura linguística da qual emerge o social.

Essas bases conceituais de oposição à filosofia da modernidade ganharam um impulso mais virulento a partir de 1968, quando a juventude em todo o mundo, em especial na França, se posicionou contra toda forma de opressão que se constitui como uma realidade básica do mundo ocidental.

KEYSTONE/FRANCE/GAMMA-RAPHOD/GETTY IMAGES



▲ O movimento estudantil de Maio de 1968, especialmente na França, foi um esforço contundente de oposição às formas arraigadas de opressão que a sociedade ocidental carregava em seu bojo; foi o desejo de abertura a um novo horizonte de possibilidades.

As instituições sociais foram colocadas em xeque e a busca por um mundo outro era o lema central daquele movimento estudantil que marcou de forma indelével a vida de todos os que ali se envolveram. Dessa forma, o Estruturalismo passou por uma guinada radical. O mesmo Estruturalismo que

|| AMPLIE ||

A filosofia francesa do início do século XX teve na Fenomenologia e, posteriormente, no Existencialismo suas correntes mais populares. Isso durou até a chegada do Estruturalismo, que colocou em questão elementos fundamentais do Existencialismo e da Fenomenologia, como os conceitos de sentido e de sujeito, visto que tais ideias eram apenas efeitos resultantes de um sistema mais profundo, a estrutura. Logo chegou Maio de 68 e o próprio Estruturalismo se viu como alvo das críticas dos estudantes universitários de Paris: "as estruturas não descem às ruas", eles diziam, lembrando que são os sujeitos históricos que realizam as revoluções. Por isso, Maio de 1968 é tido como o divisor de águas entre o Estruturalismo e o Pós-estruturalismo. Assim, a história do pensamento tem dessas idas e vindas dos conceitos e ideias – o importante é o pensamento não ficar parado.

AMPLIE

Gilles Deleuze, filósofo francês que viveu de 1925 a 1955, é uma das referências do movimento denominado Pós-estruturalismo e sua obra é um respiro que deu ao discurso filosófico de nosso tempo um novo vigor, permitindo uma ampla abertura para compreender o mundo e dizê-lo em sua dinâmica e transformação. Entre seus escritos encontramos uma filosofia da vida que luta contra as formas de servidão e opressão do pensamento e busca novas formas de expressão e exercício disso que conhecemos por Filosofia.



Foto: BRIDGEMAN FOTODRONE

▲ Retrato de Deleuze, 1987.

havia ganhado grande relevo na Filosofia e nas Ciências Humanas de então como uma forma de pensamento que busca analisar as estruturas de pensamento que configuram a realidade social, passou a ser questionado sobre elementos que pareciam estar para além dos seus limites de análise.

Pode-se dizer que o Estruturalismo é uma espécie de formalismo, ou seja, um pensamento que dá mais ênfase à forma como o real se constitui, aos elementos invariantes da estrutura. No entanto, partindo dessa perspectiva, alguns filósofos aprofundaram ainda mais esse formalismo, compreendendo que a realidade seria formada por aspectos que não estariam completamente presos à estruturas, e que as próprias estruturas talvez tivessem fundamentos menos sólidos do que aparentavam.

Filósofos como Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Michel Foucault buscaram destituir o filósofo inclusive da pretensão estruturalista de uma análise objetiva e isenta da realidade como sistema fechado. Ao contrário, os pensadores do que se denominou Pós-estruturalismo se colocaram ao lado da contingência, do inesperado e das exigências de novas formas de agir e pensar que coadunam com os eventos de Maio de 68.

Contudo, essa nomenclatura “pós-estruturalista” não foi aceita por tais pensadores — Foucault, por exemplo, foi tido por certo tempo como um estruturalista em razão do conteúdo de sua obra **As palavras e as coisas**, para mais tarde ser reconhecido como pós-estruturalista. Além disso, essa expressão não conota uma negação do Estruturalismo, mas uma passagem temporal, uma mudança de perspectiva. Por isso, muitos preferem caracterizar tais pensadores como “filósofos da diferença”.

Deleuze e a filosofia da diferença

Gilles Deleuze, em sua obra **Diferença e repetição**, de 1968, confrontou dois conceitos centrais de toda a filosofia ocidental, o de permanência e o de movimento. Deleuze demonstrou como houve um predomínio da ideia de permanência ou identidade, em contraposição à mudança ou à diferença. Mesmo se o movimento, a mudança ou a diferença foram tematizados na filosofia, eles sempre ocuparam um lugar marginal, o lugar de algo impróprio ou de uma condição de exceção frente àquilo que permanece como essencial, substancial, o mesmo.

Deleuze denunciou a constituição do pensamento ocidental que, desde a filosofia da reminiscência em Platão, nos leva a privilegiar a identidade. Isso porque, segundo Deleuze, ainda somos influenciados pela maneira como o platonismo pensava a existência a partir de formas universais, como a realidade verdadeira e imutável, frente à condição passageira das coisas no tempo, o que nos leva a privilegiar a identidade.

O passar do tempo, cada instante, as transformações do nosso corpo, do nosso pensamento, as mudanças da natureza, onde uma árvore nasce e cresce, novas plantas, animais, o rio que corre para o mar e o balançar das ondas. Todo esse movimento é considerado passageiro, e buscamos, à própria revelia do que é dado, aquilo que permanece frente a tudo isso, aquilo que representa a nós mesmos ao longo de todos os instantes de transformação que passamos. Para o filósofo brasileiro Roberto Machado (1942-2021),

A característica mais elementar da relação entre a filosofia de Deleuze e os pensamentos filosóficos, científicos e artísticos é o fato de ela se propor mais como uma geografia do que como uma história, isto é, o fato de ela considerar o pensamento não por intermédio de uma dimensão histórica linear e progressiva, mas privilegiando a constituição de espaços, de tipos não apenas heterogêneos, mas sobretudo antagônicos.

Assim, a relação entre criação de conceitos e tradição filosófica, como a realiza Deleuze, consiste em erigir o modelo, ou mais propriamente, o processo de pensamento de determinados filósofos como condição de seu modo singular de filosofar. Isto significa construir um “espaço ideal” em que seja possível criar, a partir de filósofos passíveis de entrar em relação, em comunicação, em ressonância em um mesmo espaço, conceitos que expressem ou tornem possível um novo pensamento. Assim, ao privilegiar determinados filósofos para constituir sua própria filosofia, o objetivo de Deleuze é sempre contrapor um espaço do pensamento sem imagem, “intempestivo”, que é pluralista, heterodoxo, ontológico, ético, trágico, ao espaço da imagem do pensamento que é dogmático, ortodoxo, metafísico, moral, racional. O espaço do pensamento sem imagem é o espaço da diferença.

MACHADO, Roberto. Uma geografia da diferença. *Cult*, 14 mar. 2010. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/geografia-diferenca/>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

Essa identidade também se relaciona às questões culturais e sociais, quando a diferença é desprezada por colocar em xeque os elementos da identidade. Ela é aceita até certo ponto e passa a ser ojerizada quando o ultrapassa.

Assim, Deleuze defendeu a ideia de que o privilégio da identidade se dá por uma certa comodidade e procurou mostrar a importância da diferença, conceito utilizado pelo autor, fazendo uso de diversos elementos da tradição filosófica que lhe auxiliaram nessa busca. Como o pensamento do filósofo grego antigo Heráclito, para o qual a lógica de toda a realidade, sua harmonia essencial, era o movimento, a transformação. Tal mudança não era um elemento superficial de uma realidade permanente, mas o devir era a própria condição primordial de todas as coisas. Com base em seu pensamento, houve um profícuo desenvolvimento de pesquisas e estudos que colocam em relevo a importância de escrever uma nova filosofia, pautada em conceitos abertos e voltados à diversidade como núcleo central da realidade.



▲ O rizoma é um tipo de caule que cresce em sentidos diversos e serve de modelo para Deleuze conceber o pensamento: descentrado, ele não tem começo nem fim, e se espalha em todas as direções.

Jacques Derrida e a noção de desconstrução

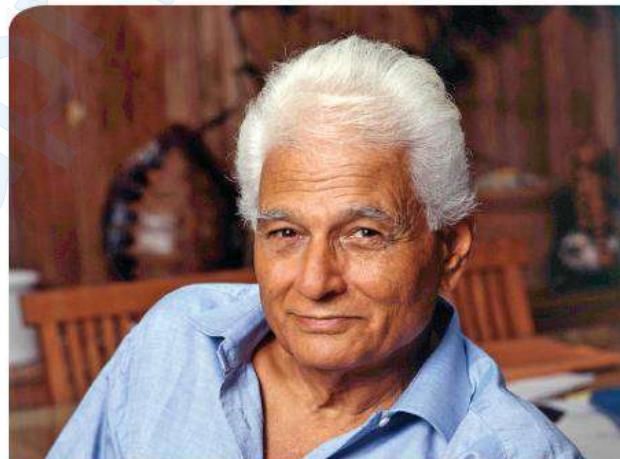
Jacques Derrida foi um filósofo franco-argelino que se tornou um dos maiores expoentes da filosofia contemporânea, com uma obra que ainda desperta muitas possibilidades de compreensão e interpretação. A partir da publicação simultânea, em 1967, de seus três livros fundamentais — **A voz e o fenômeno**, **Gramatologia** e **A escritura e a diferença** —, ele criou as bases para a compreensão de uma filosofia da diferença e da alteridade. O caminho principal da obra de Derrida, que se instaura no que denominamos como movimento pós-estruturalista, é a noção de desconstrução.

|| AMPLIE ||

Nascido em El-Biar, colônia francesa na Argélia, Jacques Derrida (1930-2004) foi um judeu sefardita que, por causa do antissemitismo, foi expulso da escola e teve sua cidadania cassada durante a infância. Mais tarde, emigrou para a França, estudou filosofia na École Normale Supérieure e tornou-se um dos principais nomes do pensamento francês da segunda metade do século XX. Ao lado de Michel Foucault e Gilles Deleuze, ficou conhecido um dos “filósofos da diferença”.

Derrida também foi o responsável pela ideia de desconstrução, que se tornou popular tanto no universo acadêmico quanto nos movimentos sociais. Ele sempre pautou sua militância pelo olhar para tudo o que é estranho à ordem, entendendo que a metafísica e a política ocidentais sempre foram marcadas por hierarquias e pela violência que subjuga o outro.

Seu olhar para a política sempre foi o do exilado, daquele que nunca está totalmente integrado a um contexto e que se coloca como um nômade em constante movimento.



LOUIS MONIER/BRIDGEMAN/FOTORENA

▲ Derrida em retrato de 1997.

Para ele, a filosofia se construiu em uma prerrogativa tipicamente humana de que, partindo do nosso pensamento, de forma rigorosa, podemos expressar o real por meio da linguagem. Nesse sentido, a realidade é captada, compreendida e expressa pela linguagem. O filósofo que desenvolve o pensamento por meio de conceitos vai engendrando uma forma de compreender o mundo sem deixar que nada escape de sua construção teórica.

No entanto, a realidade, para Derrida, tem a característica de escapar da nossa linguagem. O modo como as teorias filosóficas se sucedem comprova como não é possível enclausurar o real. Por isso, a filosofia da desconstrução tem um duplo movimento: o de mostrar onde está a cisão de todos os conceitos e teorias que se mostram herméticos em relação à compreensão da realidade, e o de desenvolver um pensamento aberto. Para o filósofo e historiador Paulo César Duque Estrada,

[O pensamento da desconstrução] seguramente não é um método, o “método desestrututivo” como às vezes se ouve. Não se trata também de uma teoria previamente construída sobre o ser, as coisas em geral, o homem, a razão, a história etc. O trabalho de pensamento, quando se fala em “pensamento da desconstrução”, nada tem a ver com a subordinação do que é pensado a uma teoria prévia. Trata-se, antes, de um trabalho de pensamento que procura investigar os limites de toda teorização e, portanto, de toda pretensão de totalização que se encontra operante em um discurso. O próprio Derrida diz em algum lugar que a desconstrução consiste em um pensamento sempre comprometido em pensar a origem e os limites da questão “o que é?”.

ESTRADA, Paulo César Duque. Derrida e o pensamento da desconstrução. IHU, 14 jun. 2010. Disponível em: <www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3306-paulo-cesar-duque-estrada>. Acesso em: 30 jun. 2021.

Um dos conceitos que Derrida cunhou é o de rastro em substituição ao conceito de signo, na filosofia da linguagem. Antes de tudo, rastro não é um conceito tão sólido como o de signo, que se refere ao modo como a linguagem se liga de maneira verdadeira ao real, no entanto, é uma forma de mostrar que nossa aproximação com o real por meio da linguagem nunca é a de capturá-la em sua totalidade, mas sim caminhar em busca de seus rastros, sem saber, efetivamente, se ela está toda ali. O real, para Derrida, é como uma cadeia de rastros à qual o filósofo se prende.

EVANNOVOSTROSHUTTERSTOCK.COM



▲ O real se apresenta por meio de rastros que o filósofo está em constante busca, sabendo da incapacidade de estabelecer uma explicação para a totalidade das coisas. A ideia de rastro supõe que um conhecimento construído se desconstrói para dar lugar a outro, em um movimento cílico e contínuo.

Nesse sentido, a desconstrução, para a filosofia de Derrida, é uma forma de estranhamento da própria filosofia. Uma maneira de colocar a filosofia diante dela mesma como uma alteridade, no sentido de que ela é movimento, mudança, diferença. Segundo Estrada,

O tema da diferença em Derrida encontra-se intimamente relacionado à sua tentativa de viabilizar um pensamento para além de uma grande ilusão que ele chama, com um termo genérico, de “metafísica da presença”. Trata-se, na verdade, de um pressuposto — metafísico por excelência, mas que não comanda apenas os discursos filosóficos — em relação ao qual Derrida nos convida a problematizar. Numa palavra, o pressuposto ilusório de um significado existindo em si mesmo, independentemente da rede referencial de significantes que venha a se referir a ele. Como se o significado pré-existisse à referência que um determinado discurso venha a fazer a ele. O tema da diferença encontra aqui a sua raiz. Segundo Derrida, nada existe em si mesmo, “enquanto tal”, como um átomo indivisível anterior às referências que possam ser feitas a ele.

ESTRADA, Paulo César Duque. Derrida e o pensamento da desconstrução. IHU, 14 jun. 2010. Disponível em: <www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3306-paulo-cesar-duque-estrada>. Acesso em: 30 jun. 2021.

Assim, o pensamento de Derrida tem desdobramentos éticos e políticos importantes, pois coloca em relevo a necessidade de uma abertura à alteridade e o abandono de ideias de pureza e autoridade, inseridas em uma noção própria de diferença.

• DESENVOLVENDO ▲ HABILIDADES •

O problema do outro, ou da alteridade, é uma questão central para a política contemporânea. Jacques Derrida, por exemplo, desenvolveu um conceito que se relaciona à ideia de cosmopolitismo: a hospitalidade. Para ele, a vinda do outro (refugiado, imigrante, apátrida ou estrangeiro em geral) é traumática, uma vez que o encontro com a diferença desestabiliza nossas certezas. A sensação que temos de “estar em casa” é, no fundo, uma sensação de estabilidade, de domínio do espaço. O estrangeiro representa uma ruptura dessa estabilidade. Mas, para Derrida, inspirado nos escritos do também filósofo Emmanuel Levinas (1906-1995), a ideia de justiça é a abertura, o acolhimento do outro. Promover esse encontro sem violência é nossa responsabilidade ética, e nisso consistiria a hospitalidade.

O conceito de hospitalidade também está ligado à ideia de desconstrução, tão necessária à abertura para o outro. Derrida, ele mesmo um argelino vivendo na França, entende a posição do estrangeiro e propõe uma reflexão que considere a *différance*. A palavra, grafada de um modo novo por Derrida (com base na palavra francesa *différence*, ou diferença, em português), pretende significar uma “modalidade” de diferença capaz de romper com a identidade e a dominância do Eu sobre o outro, tornando o jogo de diferenças algo positivo, que resulte no acolhimento daquele que chega.

Dessa forma, a presença do outro não é uma experiência apenas traumática, uma sensação de que estamos perdendo o domínio do nosso próprio espaço. Se o multiculturalismo é entendido como a manifestação de identidades culturais diversas interagindo dentro de uma mesma comunidade política, essa proximidade com o outro pode servir também para ampliar nossa percepção do mundo. Cada indivíduo tem autonomia para utilizar seus repertórios culturais com base em juízos próprios que não percebam o Outro como ameaça, mas como possibilidades de ampliar a oferta de experiências de que dispomos para a construção da nossa subjetividade.

- Reflita sobre a sociedade brasileira e descreva um caso de choque cultural ou de convívio com a diferença. Há limites para a convivência entre as diferenças? Você aceita com facilidade costumes divergentes dos seus?



MELITAS SHUTTERSTOCK.COM

PRATIQUE

3. Leia o texto.

Gilles Deleuze (1925-1995) — É um dos mais influentes pensadores franceses contemporâneos, ao lado de Michel Foucault (1926-1984). Seus escritos iniciais estão ligados à história da filosofia. No final dos anos 60, com a publicação de “Lógica do Sentido” (Ed. Perspectiva) e “Diferença e Repetição” (Ed. Graal), adquiriu o status de pensador com teoria própria.

A ideia de diferença é o núcleo de sua filosofia. Sua obra abre espaço para as singularidades, os acontecimentos e as anomalias, eternos excluídos da lógica tradicional, que só capta as grandes identidades e não comprehende as pequenas diferenças. Buscava a possibilidade de o pensamento ser capturado pela vida, inventando categorias flutuantes, aptas a entender a mobilidade, a invenção e a criação incessantes.

Quem foi Deleuze? +Mais!, 8 jun. 1997. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs080607.htm>. Acesso em: 30 jun. 2021.

Caracterize o conceito de diferença no pensamento de Deleuze e dê exemplos de como ele contribui para pensar o mundo contemporâneo.

4. (Enem/MEC)

A hospitalidade pura consiste em acolher aquele que chega antes de lhe impor condições, antes de saber e indagar o que quer que seja, ainda que seja um nome ou um “documento” de identidade. Mas ela também supõe que se dirija a ele, de maneira singular, chamando-o portanto e reconhecendo-lhe um nome próprio: “Como você se chama?” A hospitalidade consiste em fazer tudo para se dirigir ao outro, em lhe conceder, até mesmo perguntar seu nome, evitando que essa pergunta se torne uma “condição”, um inquérito policial, um fichamento ou um simples controle das fronteiras. Uma arte e uma poética, mas também toda uma política, dependem disso, toda uma ética se decide aí.

DERRIDA, J. **Papel-máquina**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004 (adaptado).

Associado ao contexto migratório contemporâneo, o conceito de hospitalidade proposto pelo autor impõe a necessidade de

- a) anulação da diferença.
- b) cristalização da biografia.
- c) incorporação da alteridade.
- d) supressão da comunicação.
- e) verificação da proveniência.

APROFUNDE 3 e 4

A FILOSOFIA DE FOUCault

Michel Foucault, filósofo francês contemporâneo, foi influente e inovador em muitos campos do conhecimento, tanto por sua abordagem metodológica quanto pela novidade e amplitude dos temas de que tratou. A variedade temática e o alcance de seu olhar historiográfico angariaram muitas controvérsias em relação à sua obra. Foucault trouxe para o centro do debate filosófico temas pouco ou nunca abordados pela filosofia até então: sexualidade, loucura, punições do Estado, delinquência, controle dos corpos, entre outros.

A perspectiva que estrutura a obra de Foucault é a historiografia, e se organiza por dois fios condutores: a questão da liberdade e a relação entre poder e saber. Esses pontos são investigados com base em três metodologias bastante demarcadas em sua obra: a arqueologia, a genealogia (conceito derivado da filosofia de Nietzsche) e a ética.

A arqueologia envolve seus trabalhos de base historiográfica mais marcantes, como **História da loucura** (1961), **O nascimento da clínica** (1963), **As palavras e as coisas** (1966) e **A arqueologia do saber** (1969). A genealogia dirige-se para o que Foucault chama de "estudos do poder", presentes em um de seus livros mais famosos, **Vigiar e punir** (1975), e no primeiro volume de **História da sexualidade** (1976). Já a ética foucaultiana constitui um retorno à ética dos antigos e foi expressa nos dois últimos volumes de **História da sexualidade**.

A abordagem de Foucault sobre o poder é inovadora pela observação que faz das práticas e por sua análise. Ele vê o poder como meio de controle e submissão dos corpos, cujo objetivo é o bom funcionamento do sistema, no caso, o capitalista. Em **Vigiar e punir**, por meio da genealogia, Foucault faz um inventário de como, até o século XVIII, o poder era exercido por meio da força física e da tortura. Basta lembrar dos rituais de punição da Idade Média e do início da modernidade, com cerimônias em praça pública, e, na maior parte das vezes, a morte do supliciado como forma de reparação moral.

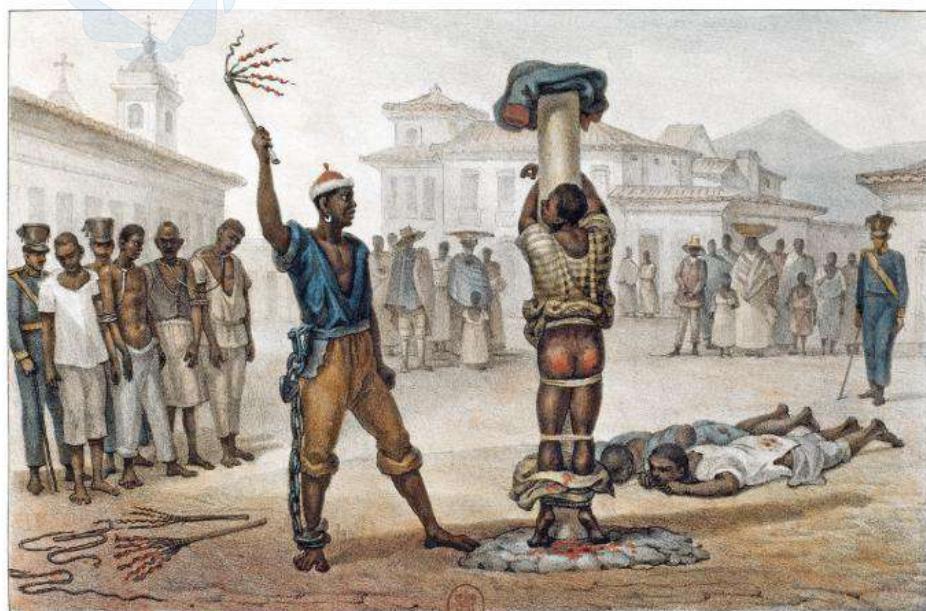
AMPLIE

Michel Foucault nasceu em Poitiers (França), em 1926, e morreu em Paris, em 1984. Além de filósofo, atuou como historiador das ideias, filólogo e crítico literário. Desenvolveu um método de investigação para a filosofia e a história, que denominou como genealogia, no qual estudou as relações entre poder e conhecimento em instituições fechadas.



HOWCOLOURS/SHUTTERSTOCK.COM

▲ Execução da punição de açoitamento, de Jean-Baptiste Debret, cerca de 1830. Foucault analisou o papel exercido pelas demonstrações públicas de punição, ou suplícios, tais como os açoitamentos nos pelourinhos.



AKG-IMAGES/JACQUELINE HEGEL ALBUM/FOTOARENA

Por ser um espetáculo público degradante, ou uma incongruência com os novos ditames morais, a punição pública, mostra Foucault, aos poucos foi abandonada, dando espaço ao nascimento das prisões como forma de imprimir um caráter mais humano às reparações. Na prática, no entanto, o que se fazia era apenas retirar a punição do espaço público, ou seja, da vista da sociedade, e levá-la para o espaço fechado dos cárceres e dos porões: a desumanidade e a degradação continuavam as mesmas.

É dessa violência, cometida em nome da lei, do bem e da ordem, portanto legítima, mas praticada de forma brutal e absoluta, que Foucault faz a genealogia. Ao fazê-la, não deixa que suas reverberações fiquem restritas ao plano da história, mas que sirvam para a reflexão em seu tempo, o século XX, época em que a violência se ampliou. A violência contra as mulheres, as crianças, os idosos, os de condição mais humilde, a violência nos centros urbanos em geral e nos presídios são prova disso — é o que as investigações de Foucault revelam.

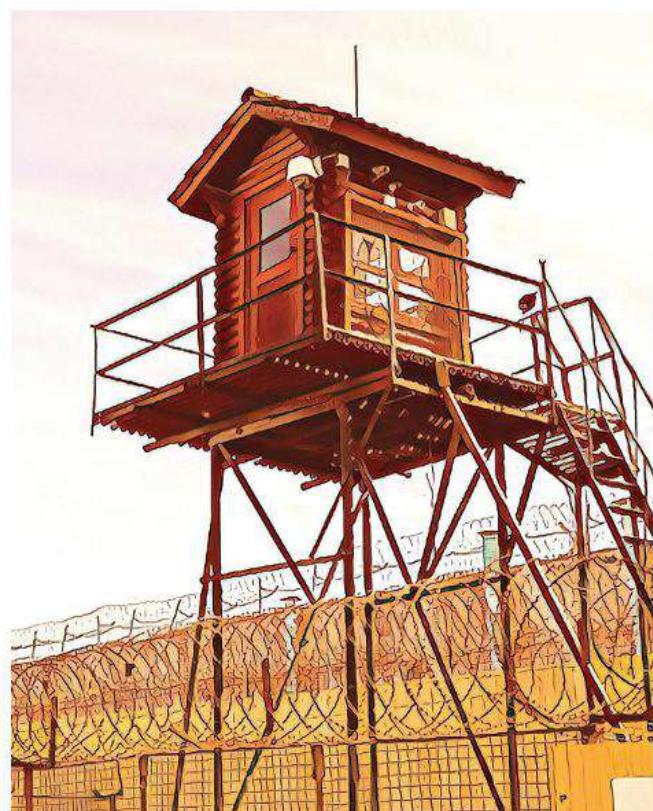
A obra de Foucault, apesar das controvérsias que gerou e ainda gera, ocupa um lugar proeminente na reflexão filosófica contemporânea, pela amplitude de sua crítica e pela originalidade de suas análises. Sua arqueologia do saber está enfeixada à genealogia do poder. “Poder e saber implicam-se mutuamente”, afirmava o filósofo. Essa combinação de arqueologia e genealogia não deve ser confundida, no entanto, com uma história das ideias ou das ciências, no sentido hegeliano, mas entendida como uma busca à compreensão das possibilidades do saber que engendram o poder e por ele são engendradas. As ideias de Foucault caminham na contramão de Hegel. Para o filósofo francês, não existe uma totalidade ou uma continuidade histórica, nem mesmo um sentido para elas, mas discursos heterogêneos que constituem a História sem um denominador comum que os integre, sem um sujeito absoluto. Para Foucault, interessa a “descontinuidade anônima do saber”.

Foucault não pretendia buscar os fundamentos perenes e imutáveis do conhecimento, mas o modo como uma concepção de razão, ao opor-se a si própria em um contexto determinado na forma de loucura, delinquência, crime e sexualidade, pode constituir-se em uma experiência historicamente singular e gerar saber e poder. Ele empreende uma espécie de **decupagem** do mundo, um mapa subterrâneo da ciência que está por trás dos controles da vida moderna.

A esse processo epistemológico Foucault dá o nome de episteme. Para ele, cada época da história possui a sua episteme, que a legitima e lhe dá sentido. Esse poder subterrâneo, disperso, anônimo e por vezes dissimulado, porém eficiente, não se identifica com o poder do Estado, na forma de instituições e aparelhos que sujeitem o cidadão ao poder das leis — embora possa ser exercido também por ele —, mas com um feixe de forças complexas, estratégicas e heterogêneas, difuso em toda a sociedade. Foucault chama esse feixe de forças de microfísica do poder — o poder atomizado —, e a sociedade na qual ele opera, de sociedade disciplinar.

- ▲ As tecnologias e estruturas de vigilância, como o panóptico, demonstram como o exercício do poder está intimamente vinculado a produção de um saber.

Decupagem: do francês *découpage*, é o planejamento da filmagem, feito pela divisão de um roteiro em cenas sequenciais numeradas, para facilitar a gravação.

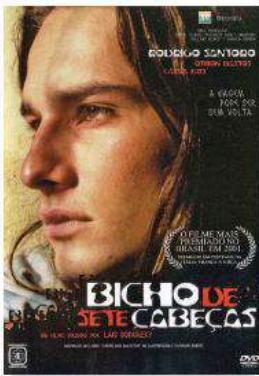


ALEX VOGIS SHUTTERSTOCK.COM

A relação entre medicina e poder

|| AMPLIE ||

Bicho de sete cabeças, dir. de Laís Bodanzky, 2000. (74 min). Estrelado por Rodrigo Santoro, esse filme apresenta a realidade dramática e violenta da internação psiquiátrica no contexto brasileiro. Com base em uma narrativa real, descreve a internação compulsória de Neto, que foi considerado incapaz por ser usuário de drogas.



BURITI FILME/GULLANE FILMES
DEZENOVE SOMA/IMAGEM/RIOFILME

Em **História da loucura**, Foucault analisa o surgimento da figura da loucura a partir da idade clássica europeia (do século XIV em diante). Para o autor, a loucura, a partir do século XVII, perde o sentido positivo e sagrado que tinha até o Renascimento, em razão de mudanças sociais ocorridas no início da modernidade e da Revolução Industrial. Nesse período, o louco, assim como o desempregado e o libertino, por não produzirem e não estarem aptos ao trabalho, eram internados em hospitais e forçados a trabalhar. Para além das questões econômicas, esse movimento se devia a uma exclusão do convívio social e da visibilidade daqueles considerados inconvenientes, assim como eram excluídos os leprosos durante a Idade Média.

Apenas no século XVIII surgiram os manicômios e os hospitais psiquiátricos, em que os loucos eram internados com intenções terapêuticas, visando à cura. No entanto, para Foucault, o discurso psiquiátrico, mais do que apreender a doença mental como um fenômeno natural que exige um olhar singular, reitera as relações de poder, pois a internação dos doentes opera a exclusão social do diferente, do inconveniente e reproduz o caráter ideológico da ideia de normalidade e anormalidade.

A reforma psiquiátrica e o movimento antimanicomial

A análise de Foucault levou a uma reflexão sobre o trato com as doenças mentais, as internações e a exclusão dos pacientes. O movimento de oposição aos excessos da psiquiatria ficou conhecido como reforma psiquiátrica, expresso na obra de autores como o psiquiatra italiano Franco Basaglia (1924-1980). Seus defensores engajaram-se para o fechamento de instituições de internação e sua substituição por serviços de apoio social e psicossocial, além de tratamentos humanizados, que respeitam a individualidade e garantem a cidadania do paciente.

As lutas antimanicomial e antipsiquiatria inspiraram um conjunto de produções teóricas, bem como práticas médicas e psicológicas, que questionam os atuais modelos de diagnóstico e tratamento das doenças mentais.

|| AMPLIE ||

Nise: o coração da loucura, dir. de Roberto Berliner, 2015. (106 min).

Filme que narra a vida e obra da psiquiatra brasileira Nise da Silveira, que foi um dos maiores nomes da luta antimanicomial no país. Ela revolucionou o tratamento psiquiátrico ao se opor às antigas formas de intervenção, como lobotomia e eletrochoque, e propôs um trabalho humanitário que explorava a dimensão artística dos internos.

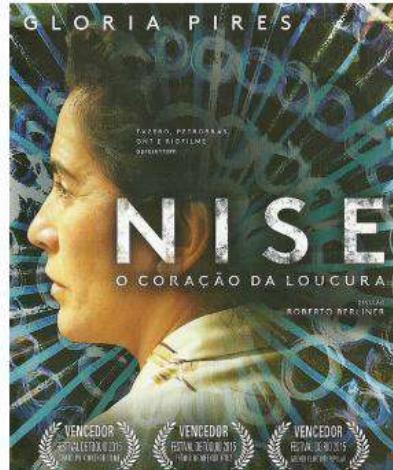


IMAGEM FILMES

"Não se faz uma sociedade moderna sem Ciências Humanas"

A crise da ciência brasileira não passou despercebida para um dos seus principais parceiros: a Alemanha. Em São Paulo para o encontro anual do Conselho de Pesquisa Global (GRC), o presidente da Sociedade Alemã de Amparo à Pesquisa (DFG), Peter Strohschneider, afirma que o futuro das parcerias ainda não está claro.

Para o cientista alemão, o apoio a todas as áreas do conhecimento, inclusive Ciências Humanas, é a chave do sucesso de um país.

Investimentos seguem também para as Ciências Humanas? Estamos vendo no Brasil um questionamento sobre a importância dessa área do conhecimento.

[PETER STROHSCHNEIDER] — Eu ouvi sobre esse debate. Eu estou convencido sobre a importância das Humanidades — não apenas porque eu venho dessa área. Ciências Humanas têm um papel fundamental no desenvolvimento de uma sociedade moderna. É impossível pensar no desenvolvimento de uma sociedade sem as Ciências Humanas. Digo isso de forma muito categórica.

"Não se faz uma sociedade moderna sem Ciências Humanas". IHU, 3 maio 2019. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588834-nao-se-faz-uma-sociedade-moderna-sem-ciencias-humanas>. Acesso em: 1 jul. 2021.

A entrevista mostra o posicionamento categórico de um dos nomes mais importantes para a pesquisa científica universitária na Alemanha, em diálogo com as agências de fomento de mesmo gênero no Brasil, sobre a importância dos investimentos na área das Ciências Humanas. O país vive, com acentuada gravidade nos últimos anos, uma restrição crescente do incentivo à pesquisa científica, com destaque ainda mais forte para as Ciências Humanas.

A ideia predominante que se coloca é a de que é necessário investir dinheiro público em pesquisas que trazem um retorno imediato para a sociedade. No entanto, os critérios que definem esse retorno nem sempre são colocados em questão. Isso porque as Ciências Humanas têm uma pesquisa que por vezes não se relaciona de forma direta com o sistema produtivo e com o avanço econômico, colocando-se, muitas vezes, como uma voz crítica aos poderes estabelecidos em diferentes instâncias. Mas é justamente esse tipo de conhecimento que consolida na sociedade uma capacidade de reflexão que permite dar passos mais efetivos rumo a valores comuns, como a democracia, a justiça social, os direitos humanos e a sustentabilidade ambiental.

As disciplinas das Ciências Humanas têm um papel muito importante no mundo em que vivemos, pois oferecem um conjunto de saberes que nos munem de maior engajamento social e reflexão crítica sobre a realidade que nos cerca. Por vezes, pensar em um projeto pessoal de estudo e desenvolvimento da própria carreira no campo das Ciências Humanas parece ir na contramão de uma lógica predominante do conhecimento técnico instrumental e utilitarista, mas vai ao encontro da consolidação de uma sociedade livre e aberta ao novo.



FRANÇOIS LOCHONGAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

▲ O psicanalista e militante Félix Guattari é um bom exemplo de um intelectual de Ciências Humanas engajado nas causas de seu tempo.

A sexualidade

A investigação ética conduzida por Michel Foucault, para ser mais bem compreendida, deve ser estudada em comparação com outras investigações éticas. Diferentemente da ética kantiana, que propunha uma filosofia da ação moral com base no imperativo categórico, Foucault desconfiava de um princípio moral universal. Essa desconfiança não foi dirigida somente para a ética kantiana, mas também para outras concepções modernas a respeito do sujeito, particularmente a relação entre sexo e verdade.

Inicialmente, ainda com base em seu método genealógico, Foucault fez duras críticas à chamada hipótese repressiva do sexo. De acordo com essa hipótese, a repressão sexual conduzida pelos discursos moralizantes conduziria o sujeito ao aprisionamento e à sujeição. Para se libertar, caberia a ele falar de seu próprio sexo, o que o levaria a exercer mais livremente não somente sua sexualidade, mas também sua própria existência.

A repressão sexual, para Foucault, não era apenas uma ilusão, mas não era o único modo de sujeitar ou de exercer domínio sobre o sujeito. Aquilo que havia sido considerado o antídoto para se livrar da repressão sexual, ou seja, falar abertamente e publicamente sobre sexo, era, na verdade, uma forma de exercer poder sobre o sujeito, que foi levado a relacionar uma existência mais livre e mais associado à sua própria verdade com uma prática de falar sobre sexo.

Evidentemente, se o sexo é reprimido, então falar sobre ele é uma forma de libertar-se. Contudo, Foucault nos mostra que o poder não se manifesta somente dizendo o que não podemos fazer, mas também o que devemos fazer. E falar sobre sexo tornou-se uma obrigação para todo aquele que espera se libertar das amarras do poder. Quanto mais falamos, mais nos sentimos livres, mas também aquilo que falamos pode ser classificado, analisado, avaliado. Passamos a julgar um sujeito de acordo com sua vida sexual.

A investigação inicial de Foucault passa por aí: como nos tornamos sujeitos que acreditam que sua liberdade e mesmo sua verdade se manifestará somente quando falar sobre seu sexo? Desde quando a frequência semanal da prática sexual determina a felicidade ou a infelicidade de um casal? Esse é apenas um exemplo de como o sexo ficou associado a uma certa concepção de verdade do sujeito.

ARTEFACT/ALAMY/FOTOARENA



▲ **A abdução de Psique**, de William-Adolphe Bouguereau, representa Eros (o amor) capturando Psique (a mente ou a alma). A sexualidade não diz respeito somente ao sexo e suas práticas, mas também às formas como nós nos relacionamos, como nós amamos os outros e a nós mesmos. Afinal, ela é a dimensão mais íntima da vida humana.

Da genealogia à ética

Nesse primeiro momento da investigação sobre a sexualidade, Foucault ainda está se baseando em seu método genealógico. A passagem para a investigação ética ocorrerá somente quando Foucault recuar sua pesquisa no tempo e alcançar os gregos e romanos da Antiguidade clássica. Seu objetivo já não seria mais entender de que maneira o poder afeta o sujeito, como naquela primeira investigação genealógica da sexualidade, e sim de que maneira nos tornamos sujeitos de desejo.

Parece estranha uma investigação dirigida para entender quando o sujeito se tornou sujeito do desejo. Dessa forma, o desejo não seria inerente na natureza humana? A preocupação de Foucault, contudo, era saber de que maneira a relação com o desejo e com o prazer se tornaram temas de investigação ética como nos damos conta de que desejamos e de que forma isso possui consequências éticas.

Foi nesse momento que Foucault investigou o surgimento daquilo que ficou conhecido como cuidado de si, que dizia respeito a práticas e ações na própria existência do sujeito. Ou seja: tratava-se de cuidar de si mesmo não para se tornar mais produtivo no trabalho ou mais famoso, e sim para tornar sua existência uma obra de arte. Assim, o prazer, o desejo e a atividade que busca o prazer se tornaram temas de investigação porque estavam diretamente associados a essa busca por uma bela existência.

Assista a este capítulo



<http://ftd.li/s213fil61334oau001>

PRATIQUE

5. Explique os conceitos de arqueologia e genealogia em Foucault.

6. (Enem/MEC)

A lei não nasce da natureza, junto das fontes frequentadas pelos primeiros pastores: a lei nasce das batalhas reais, das vitórias, dos massacres, das conquistas que têm sua data e seus heróis de horror; a lei nasce das cidades incendiadas, das terras devastadas; ela nasce com os famosos inocentes que agonizam no dia que está amanhecendo.

FOUCAULT. M. Aula de 14 de janeiro de 1976. In. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

O filósofo Michel Foucault (séc. XX) inova ao pensar a política e a lei em relação ao poder e à organização social. Com base na reflexão de Foucault, a finalidade das leis na organização das sociedades modernas é

- a) combater ações violentas na guerra entre as nações.
- b) coagir e servir para refrear a agressividade humana.
- c) criar limites entre a guerra e a paz praticadas entre os indivíduos de uma mesma nação.
- d) estabelecer princípios éticos que regulamentam as ações bélicas entre países inimigos.
- e) organizar as relações de poder na sociedade e entre os Estados.

APROFUNDE 5 e 6

APROFUNDE

1. Leia o texto a seguir:

Dessas considerações filosóficas e retrospectivas, tiramos uma lição: o totemismo, ou aquilo que se supõe tal, corresponde menos a uma instituição exótica, observável de fora, e cuja realidade objetiva não está estabelecida, e mais a modos de pensamento universalmente dados, para cuja captação os filósofos talvez sejam melhor situados do que os etnólogos, ou seja, não fora, mas dentro.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Minhas palavras**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. p. 43.

Explique como Lévi-Strauss concebia o pensamento dito selvagem e sua relação com o mundo considerado civilizado.

2. Explique a diferença entre signo, língua e fala no pensamento de Saussure e como essa diferenciação influenciou a constituição do método estrutural para as Ciências Humanas.

3. Leia o texto a seguir e responda às questões.

O pensamento da desconstrução [de Jacques Derrida] é uma tentativa de empreender um sistema de pensamento sempre aberto, que nunca se enclausura em uma fórmula ou um método, e por essa razão necessita de uma arquitetura estratégica, para fugir da economia conceitual tradicional da filosofia, que sempre levaria o pensamento de um filósofo a fechar-se em torno de seu próprio sistema. Empreender um sistema de pensamento aberto foi o gesto ético-político com o qual Derrida confrontou a tradição filosófica e, sobretudo, pares metafísicos que restavam intocados.

RODRIGUES, Carla; HADDOCK-LOBO, Rafael. Dez anos depois, passando a limpo o pensador da desconstrução. **Cult**, 11 jun. 2015. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/dez-anos-depois-passando-a-limpo-o-pensador-da-desconstrucao/>>. Acesso em: 1 jul. 2021.

a) Explique a noção de desconstrução no pensamento de Jacques Derrida.

b) Descreva exemplos de ideias consolidadas que você considera que podem ser submetidas a uma forma de desconstrução.

4. (Unesp-SP)

TEXTO 1

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos.

(Gilles Deleuze e Félix Guattari. *O que é a filosofia?* 2007.)

TEXTO 2

A língua é um “como” se pensa, enquanto que a cultura é “o quê” a sociedade faz e pensa. A língua, como meio, molda o pensamento na medida em que pode variar livremente. A língua é o molde dos pensamentos.

(Rodrigo Tadeu Gonçalves. *Perpétua prisão órfica ou Énio tinha três corações*, 2008. Adaptado.)

Os textos levantam questões que permitem identificar uma característica importante da reflexão filosófica, qual seja, que

- a) a mutabilidade da linguagem amplia o conhecimento do mundo.
- b) a cultura é constituída a partir da especulação teórica.
- c) o conhecimento evolui a partir do desenvolvimento tecnológico.
- d) a filosofia estabelece as balizas e diretrizes do fazer científico.
- e) os conceitos são permanentes e derivados de verdades preestabelecidas.

5. Michel Foucault afirmou, em **Microfísica do poder**, coletânea de textos e entrevistas organizada pelo filósofo brasileiro Roberto Machado, seu antigo aluno, que a burguesia inventou formas de assegurar que o poder agisse por todo corpo da sociedade, das instituições sociais aos seus menores elementos. Em que Foucault inovou ao analisar o poder na sociedade capitalista?

6. (Unioeste-PR) Os estudos realizados por Michel Foucault (1926-1984) apresentam interfaces que corroboram para estudos em diversas áreas de conhecimento, entre as quais a Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia, Psiquiatria, Medicina e Direito. Em 1975, Foucault publicou a obra “Vigiar e Punir: história da violência das prisões”, na qual propunha uma nova concepção de poder, a qual abandona alguns postulados que marcaram a posição tradicional da esquerda do período.

Sobre a concepção de poder foucaultiana, é CORRETO afirmar.

- a) Só exerce poder quem o possui, por se tratar de um privilégio adquirido pela classe dominante que detém o poder econômico.
- b) O poder está centralizado na figura do Estado e está localizado no próprio aparelho de Estado, que é o instrumento privilegiado do poder.
- c) Todo poder está subordinado a um modo de produção e a uma infraestrutura, pois o modo como a vida econômica é organizada determina a política.
- d) O poder tem como essência dividir os que possuem poder (classe dominante) daqueles que não têm poder (classe dos dominados).
- e) O poder não remete diretamente a uma estrutura política, ao uso da força ou a uma classe dominante: as relações de poder são móveis e só podem existir quando os sujeitos são livres e há possibilidade de resistência.

ESTRUTURALISMO

1

Ferdinand de Saussure

Este capítulo em 1 minuto



<http://ftd.li/s213fil61334oau002>

ESTRUTURA

O Estruturalismo e o Pós-Estruturalismo são duas correntes de grande relevância para o pensamento francês/continental do século XX

2

Gilles Deleuze

Claude Lévi-Strauss

Jacques Derrida

PÓS-ESTRUTURALISMO

Michel Foucault

A diferença

- O pensamento pós-estruturalista tem uma relação íntima com a ideia de diferença, embora ela surja de maneira distinta entre Deleuze, Derrida e Foucault.

GEO GRA FIA

34.

LESTE EUROPEU E ORIENTE MÉDIO

Um calor me acaricia o rosto, sinto um cheiro adocicado e nauseante. Pedras se desprendem da borda e mergulham silenciosamente no mar de chamas. Recuo alguns passos, em busca de um chão mais firme. A noite no deserto é fria e sem perfume.

A cratera em chamas foi criada por acidente, em 1971. Sabendo que a área era rica em gás natural, geólogos começaram a perfurar o solo. Descobriram, sim, o gás, enormes reservas de gás, e passaram a planejar a exploração em escala industrial, mas certo dia o chão cedeu sob a perfuratriz e se abriu num vão de mais de sessenta metros de comprimento por vinte de profundidade. Da cratera emana o odor pestilento do metano. A exploração do gás foi adiada indefinidamente. Os pesquisadores fizeram as malas e desmontaram o acampamento, mas, a fim de mitigar os riscos para os habitantes em volta, obrigados a tapar o nariz por causa do cheiro repugnante a quilômetros de distância, atearam fogo ao gás. Pelos cálculos dos geólogos, as chamas se extinguiriam sozinhas depois de alguns dias.

Quinze mil e trezentos dias depois, passadas mais de quatro décadas, a cratera segue ardendo, indiferente. Os nativos passaram a chamá-la “Porta do Inferno”. A propósito, não há mais nenhum nativo nas redondezas. A aldeia de 350 almas foi dissolvida por ordem do primeiro presidente do Turcomenistão, a fim de impedir que turistas testemunhassem as condições insalubres da região.

FATLAND, Erika. **Sovietistão**: uma viagem pelo Turcomenistão, Cazaquistão, Tadjiquistão, Quirguistão e Uzbequistão. Tradução de Leonardo Pinto Silva. Belo Horizonte: Âyiné, 2021. p. 15.

O trecho é parte do relato de viagem da jornalista norueguesa Erika Fatland aos cinco países da Ásia Central que se tornaram nações independentes em 1991 com o fim da União Soviética: Turcomenistão, Cazaquistão, Tadjiquistão, Quirguistão e Uzbequistão.

- a) O fato de as chamas da cratera de Darvaza persistirem até hoje é um símbolo das vastas reservas de recursos naturais do Turcomenistão. Que recursos são esses?
- b) Como você supõe que seja a realidade econômica do Turcomenistão?

▲ Cratera de Darvaza, que se localiza no deserto de Caracum, no Turcomenistão. Fotografia de 2019.





URSS E COMUNIDADE DOS ESTADOS INDEPENDENTES (CEI)

O fim do bloco soviético em 1991 trouxe ao mundo uma nova realidade. A hegemonia político-econômica alcançada pelos Estados Unidos, no contexto de uma ordem multipolar, perante o desmantelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) alterou a configuração geopolítica do espaço mundial. Com a dissolução da URSS, 15 países independentes surgiram: Armênia, Azerbaijão, Belarus, Cazaquistão, Estônia, Geórgia, Letônia, Lituânia, Moldávia, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão.

Livres da necessidade de alinhamento político-econômico existente na antiga potência soviética, muitos desses países passaram a diversificar suas relações exteriores com o objetivo de desenvolver sua economia e ganhar espaço no cenário global. No entanto, anos de unificação trouxeram consequências sociais e econômicas a esses países, que, embora politicamente independentes, continuavam economicamente dependentes em virtude dos efeitos da economia planificada que vigorava na URSS.

O projeto de planificação econômica tinha como objetivo descentralizar a produção e possibilitar às diversas regiões produtivas certa independência econômica. Essa estrutura objetivava, entre outras coisas, evitar as migrações internas em busca de trabalho, diminuir as desigualdades socioeconômicas regionais e se proteger em casos de ataques estrangeiros, que, caso ocorressem, não atingiriam todo o parque industrial, por exemplo, de uma só vez. Observe no mapa abaixo a distribuição dos recursos naturais e energéticos pelos territórios da ex-URSS.



Fonte: CHARLIER, Jacques. **Atlas du 21e siècle**. Paris: Nathan, 2010. p. 93.

O colapso soviético e a formação da CEI

A maioria das indústrias na URSS era de base, os bens de consumo eram produzidos em pequena escala, voltados apenas aos mercados locais. A maior dificuldade dos planejadores soviéticos era prever esse consumo, atendendo à demanda da população sem o uso do sistema de preço (em uma economia de mercado, o preço pode indicar a escassez de uma mercadoria em relação às demais, e os altos preços indicam alta demanda por um bem).

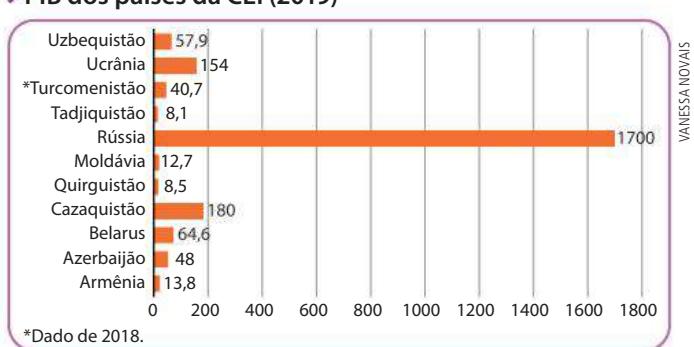
O colapso do sistema econômico socialista no âmbito da URSS levou à sua fragmentação; entretanto, a dispersão industrial gerou uma dependência entre os territórios, que tinham suas economias intimamente ligadas. Esse período de transição política, em que a economia planificada deu lugar à economia de mercado, foi marcado por uma desestruturação dos aparatos estatais de proteção social. Como tentativa de contornar a situação e evitar a ruína financeira das novas nações, surgiu a Comunidade dos Estados Independentes (CEI).

O tratado de criação da CEI foi assinado em dezembro de 1991 por 11 países que constituíam a ex-URSS. Em 1993, a Geórgia integrou-se ao grupo, mas retirou-se em 2008, em decorrência de conflitos geopolíticos relacionados à questão da Ossétia do Sul. Os países bálticos (Lituânia, Letônia e Estônia) recusaram-se a fazer parte da organização, sob a alegação de que tinham sido anexados à URSS contra sua vontade.



Fonte: GIRARDI, Gisele; ROSA, Jussara Vaz. **Atlas geográfico do estudante**. São Paulo: ETD, 2011, p. 122.

Atualmente, a CEI reúne 11 países independentes e busca estabelecer políticas de cooperação econômica entre os membros, visando superar a dependência criada pela descentralização econômica planejada pelo antigo governo soviético e garantir a unidade das novas nações. A Rússia é o país mais populoso e economicamente mais rico do bloco. Observe, no gráfico ao lado, que o PIB da Rússia é 9 vezes maior que o do Cazaquistão, o segundo país com o maior índice da CEI.



Fonte: FOCUSECONOMICS. **Economic Snapshot for the CIS Countries**, 12 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.focus-economics.com/regions/cis-countries>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

A dissolução da URSS não significou o fim da hegemonia russa na nova configuração geopolítica do leste europeu. Observe, no quadro abaixo, a participação dos países da CEI e de outros países do mundo nas exportações e importações das nações membros do bloco. Quais países dependem mais da exportação para outros membros da comunidade? Quais dependem menos? E quanto às importações?

PARTICIPAÇÃO DOS PAÍSES DA CEI E DE OUTROS PAÍSES DO MUNDO NAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DAS NAÇÕES DO BLOCO, EM 2020

Países	Exportações (%)		Importações (%)	
	Países da CEI	Outros países	Países da CEI	Outros países
Azerbaijão	10	90	26	74
Armênia	29	71	37	63
Belarus	61	39	56	44
Cazaquistão	19	81	41	59
Quirguistão	38	62	57	43
Moldávia	15	85	24	76
Rússia	14	86	11	89
Tadjiquistão	21	79	66	34
Uzbequistão	25	75	37	63
Ucrânia	12	88	16	84

Fonte: INTERSTATE STATISTICAL COMMITTEE OF THE COMMONWEALTH OF INDEPENDENT STATES.

Statistics. Disponível em: <<http://www.cisstat.com/eng/index.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

- ▲ As economias das antigas repúblicas soviéticas têm sua dinâmica ainda bastante dependente entre si e também das estruturas produtivas, do mercado e da infraestrutura russos.

|| AMPLIE ||

Memorando de Budapeste

Um dos temas mais debatidos entre a dissolução da URSS e a criação da CEI foi o destino das armas nucleares que estavam dispersas pelo antigo território soviético. As negociações em 1991 levaram à divisão das ogivas nucleares entre quatro países independentes: Rússia, Belarus, Cazaquistão e Ucrânia. Naquele ano, esses quatro países assinaram um tratado de controle conjunto das armas nucleares. No entanto, somente a Rússia possuía os códigos de lançamento das ogivas, o que significava o monopólio das armas, mesmo daquelas que não estavam em território russo.

Com a mediação dos Estados Unidos, a Rússia negociou a transferência de todas as ogivas para o seu território. A Belarus e o Cazaquistão entregaram as armas, diferentemente da Ucrânia, que possuía o terceiro maior arsenal nuclear do mundo naquele momento. Essas negociações seguiram até 1994, quando por meio da assinatura do **Memorando de Budapeste**, as armas foram transferidas para o território russo em troca de garantias de integridade territorial e auxílios econômicos para a Ucrânia.



▲ Militares recolhem ogiva nuclear na Ucrânia, em 1992.

SOLOVIEV/SPUTNIK/AF

Rússia: da desregulamentação econômica à retomada de um projeto nacional de potência

Logo depois da dissolução da União Soviética, o primeiro presidente da Federação Russa, Boris Yeltsin (1931-2007), liderou uma série de medidas e reformas liberalizantes da economia russa, como a liberalização dos preços e do comércio internacional. Ao mesmo tempo, autorizou o aumento das taxas de juros, que restringiu a concessão de crédito para as famílias e pequenas empresas, e dos impostos. Além disso, cancelou todo tipo de subsídio à indústria e promoveu cortes nos sistemas de previdência e de saúde do país.

O governo também vendeu a maior parte das empresas públicas, inclusive as do setor de petróleo, que havia sido um elemento-chave da economia soviética. Isso fez surgir uma nova classe econômica na Rússia, a dos oligarcas. Ela era formada por antigos burocratas do Estado soviético, que se aliaram com bancos nacionais e internacionais e compraram as empresas estatais por preços muito inferiores ao seu valor real.

Durante os anos 1990, o país conviveu com altos índices de inflação e com a falência de muitas empresas de bens de consumo não durável e do complexo industrial-militar. Além disso, o desmembramento da URSS — particularmente com a autonomia da Ucrânia, que detinha um setor agrícola muito forte — levou a Rússia a uma grande depressão, agravada pela crise de desvalorização do rublo em 1998.

Em apenas oito anos, o investimento total da economia russa caiu 81%, a produção agrícola caiu 45% e o PIB russo baixou mais de 50% em relação ao seu nível de 1990. A falência da indústria provocou aumento do desemprego e a redução geral dos salários. As reformas e o corte nas políticas sociais pioraram as condições de vida da maior parte da população; a população pobre do país cresceu de 2% para 39%, e o **coeficiente de Gini** saltou de 0,233 em 1990 para 0,401 em 1999.

A reorientação da política econômica e das relações internacionais russas após a grave crise de 1998 e a elevação do preço do petróleo no mercado internacional em 1999 permitiram que o país iniciasse um importante ciclo de crescimento.

Coeficiente de Gini: índice utilizado para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo. Ele varia de zero a um e, quanto mais próximo de zero, menor concentração de renda.

▲ Plantação de trigo próximo à cidade de São Petersburgo, em 2021. A desativação dos antigos sistemas socialistas de produção agrícola, os *kolkhozes* (cooperativas agrícolas) e os *sovkhозes* (fazendas estatais), reduziu a produção de cereais e levou à pobreza milhares de camponeses. Atualmente, o país é o terceiro maior produtor mundial de trigo, sendo este o seu principal produto proveniente do setor agrícola.

PETER KOVALEV/TASS/GETTY IMAGES



VALERY SHARIFUHIN/TASS/GETTY IMAGES

▲ Moscou é uma das cidades que concentra o maior número de bilionários do mundo. A área entre Moscou e São Petersburgo é a mais densamente povoada e economicamente dinâmica do território russo, concentrando aproximadamente 15% da população do país e 26% do PIB. Fotografia de 2020.

Desde a eleição de Vladimir Putin (1952-) em 2000, afirmou-se uma estratégia política e econômica de centralização do poder do Estado e autonomia em relação aos Estados Unidos. A recuperação do poder do Estado no plano industrial se deu pela reestatização de importantes empresas do setor de energia e do complexo industrial-militar (armas e aeronáutica).

Apesar de o setor de energia responder por uma fração substancial das vendas das empresas e do PIB, a Rússia possui um setor industrial diversificado, com grandes indústrias de máquinas e equipamentos. Entretanto, devido ao atraso tecnológico geral da indústria, a inserção internacional do país é tipicamente de uma economia primária exportadora: a Rússia exporta principalmente petróleo e gás, especialmente para os países europeus e para a Alemanha em particular, e importa bens industriais, principalmente máquinas e equipamentos oriundos deste país.

O espaço pós-soviético e a esfera de influência russa

Observe o mapa a seguir, que representa os oleodutos e gasodutos que partem da Rússia para a Europa: quais países europeus estão conectados à Rússia pelos dutos? É possível identificar no mapa onde se localizam as reservas russas de petróleo e gás?



Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC. Oil and Gas Pipelines. Disponível em: <<https://www.nationalgeographic.org/photo/europe-map/>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

Note que os dutos que partem da Rússia levam petróleo e gás natural para a Alemanha e a Itália, na Europa, mas também para regiões próximas ao Mar Cáspio e ao Mar Negro, em direção ao Sul, e ao Mar Báltico, no Norte europeu. É interessante perceber ainda que esses gasodutos e oleodutos passam pelos territórios de países da CEI, principalmente pela Ucrânia e pela Belarus. Do ponto de vista estratégico, o território desses dois países é importante para a Rússia?

Em 2014, ao anexar a Crimeia e ocupar o leste da Ucrânia, a Rússia rompeu o Memorando de Budapeste de 1994. Em repúdio à ação russa, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) enviou tropas à região manifestando apoio ao governo interino ucraniano, mais alinhado à União Europeia e aos Estados Unidos. Desde então, a OTAN aumentou sua presença militar no Leste Europeu, direcionando tropas para os países Bálticos, além da Ucrânia e Polônia.

Ao contrário da Ucrânia, a Belarus nunca se afastou da órbita da Rússia. Sob o rígido controle do presidente Alexander Lukashenko, que governa o país desde 1994, a Belarus possui um sistema econômico híbrido entre uma economia estatal e um mercado livre completamente aberto. Isso significa, na prática, que setores como o industrial e o agrícola são quase totalmente controlados pelo Estado.

Para manter a Belarus na órbita e distante da União Europeia, a Rússia assinou um acordo de cooperação econômica com o país em 2000. Por meio desse acordo, a Rússia fornece gás e petróleo bruto subsidiado para a Belarus, que os processa e vende a preços mais altos. Essa relação comercial com a Rússia faz o país conseguir manter um Estado de bem-estar social melhor do que em outras ex-repúblicas soviéticas.

Já os países da Ásia Central que fazem parte da CEI caracterizam-se por possuir uma grande população islâmica. Cazaquistão, Turcomenistão e Uzbequistão detêm grandes reservas de petróleo e gás natural, enquanto Quirguistão e Tadzhiquistão são importantes rotas de distribuição de tais recursos. As peculiaridades da Ásia Central exigem especial atenção da Rússia, em razão de questões relacionadas ao fundamentalismo religioso e ao tráfico de drogas internacional (as drogas produzidas no Afeganistão, no Irã e no Paquistão entram em solo russo pelos países da Ásia Central, de onde são exportadas para a Europa).

Desde a chegada de Putin ao poder, a Rússia vem investindo na revitalização dos dutos de distribuição de gás e petróleo construídos nesses países durante a era soviética. Esses investimentos e uma série de acordos com a China fazem com que a Rússia seja a principal parceira econômica e aliada geopolítica dos novos estados da Ásia Central.

▲ Plantação de algodão no Uzbequistão. O país é o sétimo maior produtor mundial de algodão, e pretende se tornar uma força na indústria de vestuário, assim como Bangladesh, China e Vietnã. Fotografia de 2019.



INVESTIGAÇÃO

Um dos conceitos mais populares em geopolítica é o de **heartland**, o “coração continental”. Criada pelo geógrafo inglês Sir John Mackinder (1861-1947) no início do século XX, esta teoria defende que quem dominar o *heartland* controla o poder mundial, pois consegue tirar vantagens da localização geográfica (vias de transportes, especialmente por terra, em caso de guerras) e da exploração dos recursos naturais disponíveis na região. Mackinder identificou a área ocupada pela ex-URSS como o *heartland* do sistema mundial.

Desde os anos 1990, e especialmente nas últimas duas décadas, a Rússia e a China vêm promovendo uma série de acordos de cooperação regional na chamada Eurásia.

Por meio da atividade aqui proposta, vamos conhecer como essa aproximação pode interferir na dinâmica da geopolítica global. Em grupos, sigam os passos a seguir.

1. Pesquisem sobre a Organização para a Cooperação de Xangai (OCX), a União Econômica Eurasiática (UEE) e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC). Montem um quadro-resumo sintetizando o que é cada uma das iniciativas pesquisadas, quais são os países envolvidos em cada uma delas e os principais objetivos.

2. Leiam o trecho a seguir:

Para a Rússia, as articulações regionais são, a um só tempo, oportunidade e consequência da política de contenção que lhe é imposta desde Washington. Esse arco de contenção esboça vinculações entre os processos de expansão da OTAN; a ameaça recorrente de construção de escudos antimísseis em países do entorno russo; a imposição de sanções e embargos às empresas e ao Estado russo [...].

Já para a China, a Nova Rota da Seda [...] é o meio crucial para dar substância física às iniciativas de concertação política e econômica regionais, na medida em que potencializa a sinergia comercial, contribui para estabilizar politicamente as regiões fronteiriças e respalda a capacidade de criação e mediação de mecanismos multilaterais de diálogo e cooperação sob a liderança de Pequim.

Não por acaso, a China se tornou a maior parceira comercial da Rússia, tendo representado 12,9% dos destinos de exportação e 19,6% das importações russas em 2018. [...] Outro dado interessante da sinergia bilateral diz respeito à redução do uso do dólar nas transações: em 2015, cerca de 90% dos acordos comerciais eram efetuados tendo o dólar como base, enquanto em 2020 representam apenas 46% destas transações.

No âmbito energético, a Rússia vem promovendo, para escapar à dependência do mercado consumidor europeu de hidrocarbonetos, aquilo que chamamos de *orientalização dos dutos* [...]. Aliás, os russos já vem sendo o maior fornecedor global de petróleo para a China desde 2017 [...].

Consequentemente, enquanto os EUA fortalecem as atividades de cerco estratégico à Rússia, empurram-na para a inevitável conformação de um eixo sino-russo, hoje epicentro do processo de integração de infraestrutura na Ásia Central, com grande possibilidade de estendê-la para o conjunto da região. Ironicamente, renasce aquele que era o verdadeiro fantasma da Guerra Fria para os estadunidenses: a possibilidade do domínio do *heartland* eurasiático por potências estranhas aos seus interesses.

PAUTASSO, Diego. A aliança Pequim-Moscou que abala a geopolítica. **Outras palavras**, 10 fev. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/a-alianca-pequim-moscou-que-abala-a-geopolitica/>. Acesso em: 1º ago. 2021.

3. Produzam um texto explicando o argumento de que a recente aproximação entre a Rússia e a China poderia ressuscitar fantasmas da Guerra Fria.

PRATIQUE

1. O fim da URSS garantiu aos novos países independência econômica?

2. Explique a importância da criação da CEI para o contorno da situação de descentralização da infraestrutura produtiva e o papel da Rússia na estruturação do grupo.

3. Leia o trecho a seguir.

Construção de novo gasoduto amplia disputa entre Rússia e Ocidente

O gasoduto mais polêmico da geopolítica mundial passa pelas gélidas águas do Báltico. Nesse mar interior de água salobra, próximo à ilha dinamarquesa de Bornholm, o barco russo de colocação de tubos Fortuna trabalha para terminar de construir a linha-tronco do Nord Stream 2. Restam apenas 138 quilômetros para sua conclusão (6% do total). Mas a controvérsia permanece. O megaprojeto, que levará gás russo à Alemanha, continua dividindo a União Europeia, onde os países do Leste temem que a estrutura se transforme em outro tentáculo da influência de Moscou. Enquanto isso, paira a ideia de novas sanções dos Estados Unidos, que também têm seus próprios interesses estratégicos e comerciais, contra as empresas que participam do projeto. [...]

SAHUQUILLO, María R.; SEVILLANO, Elena G. Construção de novo gasoduto amplia disputa entre Rússia e Ocidente. *El País*, 3 abr. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-04-03/construcao-de-novo-gasoduto-amplia-disputa-entre-russia-e-oeste.html>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

Explique a afirmação de que o novo gasoduto pode se tornar “outro tentáculo da influência de Moscou” na União Europeia.

APROFUNDE 1 a 4

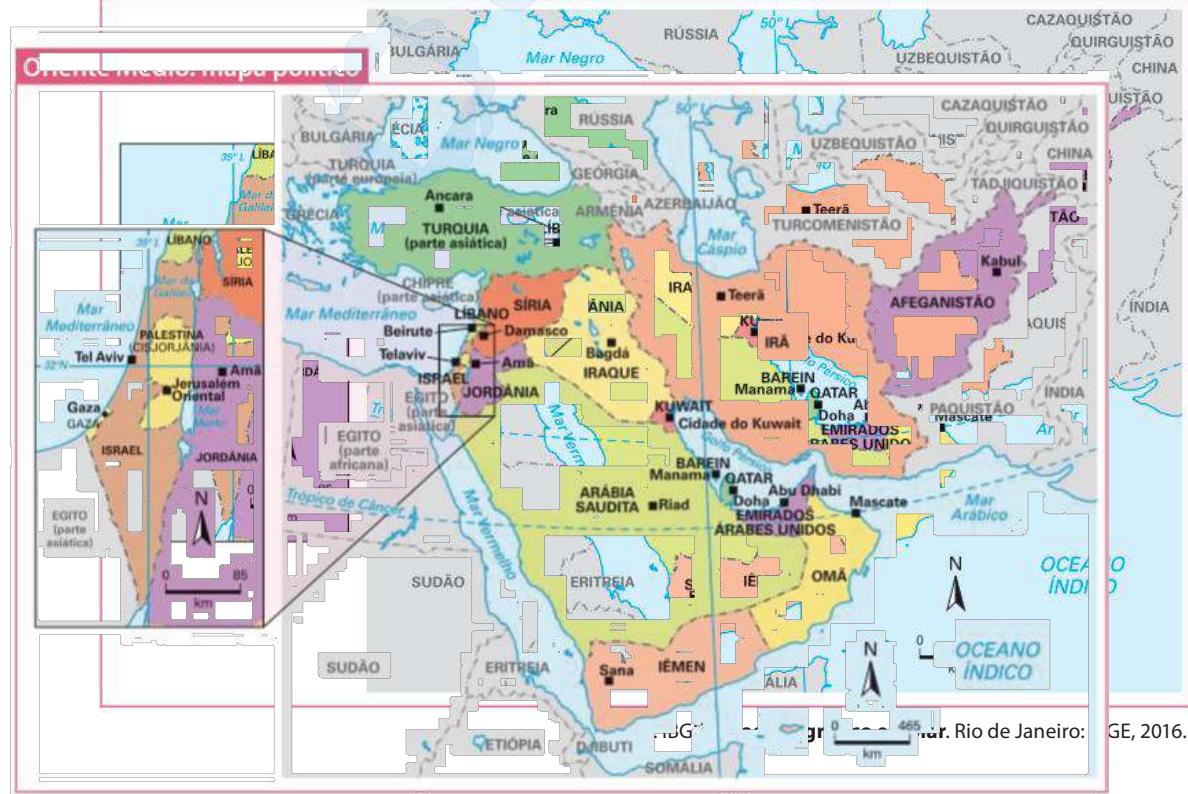
ORIENTE MÉDIO

Observe as duas imagens abaixo. Você reconhece essas cidades? Sabe onde elas se localizam?



As duas cidades representadas nas imagens localizam-se em países do chamado Oriente Médio, subcontinente situado na porção sudoeste da Ásia, formado por um grupo diverso de países, representados no mapa abaixo, mas que compartilham identidades culturais e trajetória histórica em comum.

Oriente Médio: mapa político



MURTADEH AL-SUDANI/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

GE, 2016.

Em comum, esses territórios têm a presença significativa das culturas árabe e judaica. A religião, a partir do século VII, favoreceu o surgimento de traços comuns na região, também presente nas relações geopolíticas entre os países.

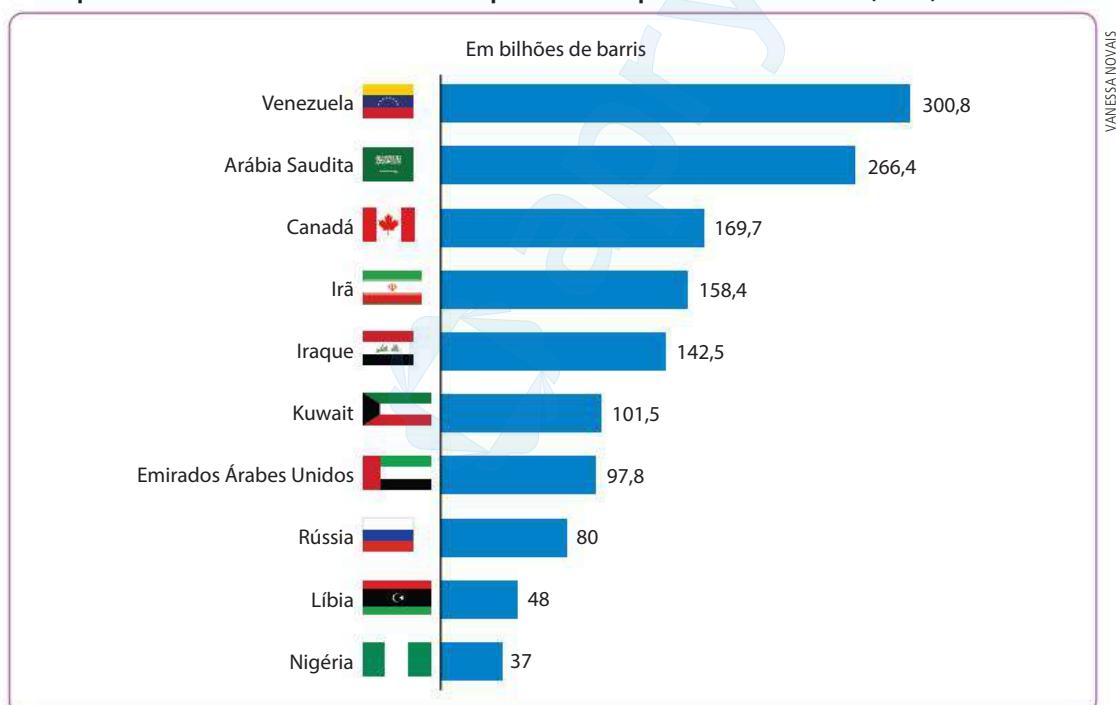
Depois do domínio otomano, iniciado no século XV, os europeus foram os principais agentes atuantes no Oriente Médio: a França dominou a Síria e o Líbano; os ingleses ocuparam o Egito, o Iraque, a Jordânia e o Iêmen e, com os russos, dividiram o controle e a influência no Irã e no Afeganistão.

Na primeira metade do século XX, os estadunidenses também passaram a ter forte presença na região. A retirada total dos otomanos ocorreu no fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918); a base de seu império deu origem à Turquia.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o mundo bipolar voltou sua atenção para o Oriente Médio. Posições eram tomadas e negociadas em torno da oposição Estados Unidos *versus* URSS.

A existência de grandes reservas de petróleo no Oriente Médio constitui-se em prerrogativa para compreendermos os conflitos e as relações geopolíticas que se estabelecem na região. Observe no gráfico a seguir os dez países com as maiores reservas comprovadas de petróleo do mundo. Note que metade faz parte do Oriente Médio: Arábia Saudita, Irã, Iraque, Kuwait e Emirados Árabes. Não por acaso, parte considerável dos países-membros da **Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep)**, criada na década de 1960, está no Oriente Médio.

► Dez países com as maiores reservas comprovadas de petróleo do mundo (2018)



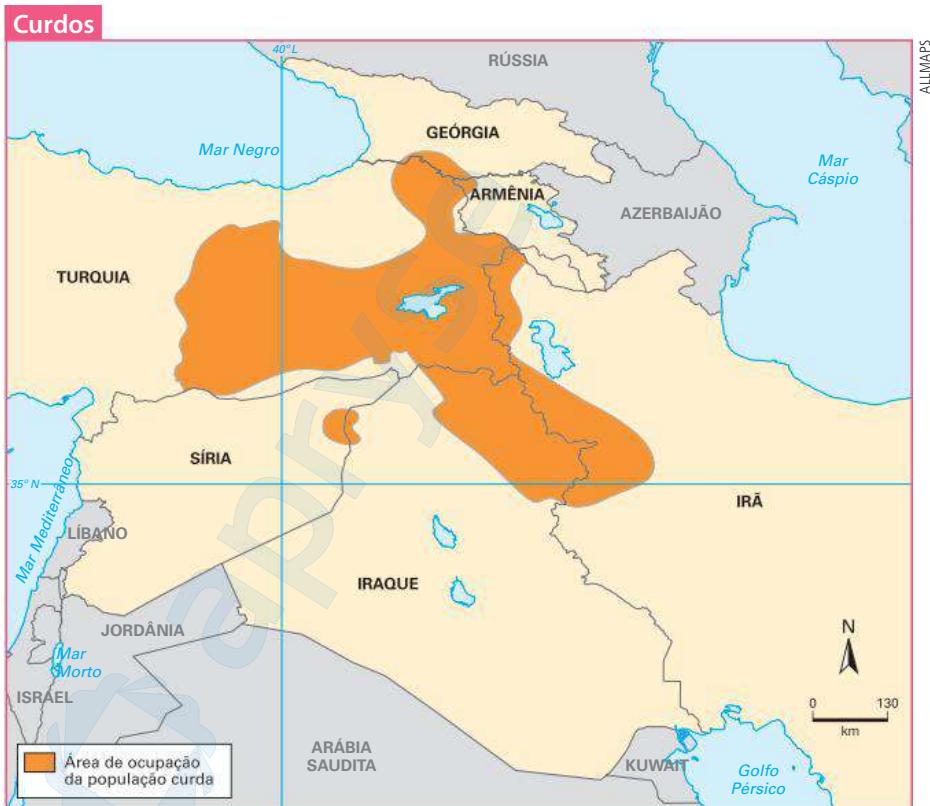
Fonte: CIA. **The World Factbook**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/the-world-factbook/field/crude-oil-proved-reserves/country-comparison>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

Durante todo o século XX, inúmeros conflitos eclodiram no Oriente Médio, opondo países e interesses mundiais muitas vezes não revelados explicitamente. A maioria desses conflitos envolveu, de algum modo, o controle sobre as reservas petrolíferas, com participação do Iraque e do Irã. No entanto, há inúmeros embates relacionados a outras questões, como disputas territoriais, posse de recursos hídricos, diferenças étnicas, culturais etc. Vamos estudar alguns desses conflitos a seguir.

O povo curdo

Os curdos são a maior nação do mundo sem seu próprio estado independente. Cerca de 30 milhões de curdos estão espalhados principalmente pela Turquia, Iraque, Irã, Síria e Armênia. Eles compartilham uma cultura e língua comum, e a maioria é muçulmana sunita.

Com a derrota e o desmembramento do Império Otomano após a Primeira Guerra Mundial, as potências ocidentais vitoriosas cogitaram criar um estado curdo. No entanto, no Tratado de Lausanne de 1923, que definiu as fronteiras da Turquia moderna, a ideia foi abandonada. As áreas curdas foram divididas entre os estados modernos que emergiram da guerra, como é possível ver no mapa a seguir.



▲ A questão curda apresenta-se como um dos mais sérios problemas internos enfrentados pela Turquia, constituindo em um obstáculo ao seu ingresso na União Europeia.

As ações do Estado turco de repressão à cultura curda acarretaram muitos questionamentos dessa minoria desde a constituição da República da Turquia. Ao fim dos anos 1950, iniciou-se uma série de protestos, que dura até hoje, reivindicando o reconhecimento de uma identidade política e cultural curda. O Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), criado em 1978, destacou-se como um dos principais opositores à repressão turca. Atualmente, o PKK é considerado uma organização terrorista pelo governo turco, que organiza o assassinato de seus líderes, como ocorrido em junho de 2021 no Iraque, com a morte de Selman Bozkir, líder curdo naquele país.

Em meio às lutas desse povo, as mulheres curdas ganharam destaque em razão de seu protagonismo no enfrentamento armado contra o Estado Islâmico (EI), principalmente no Iraque e na Síria. O Movimento de Mulheres Livres do Curdistão, criado há 40 anos, além do desejo independentista, luta pela democracia, pela liberdade das mulheres e pela construção de um modelo de economia alternativa.

• DESENVOLVENDO ▲ HABILIDADES

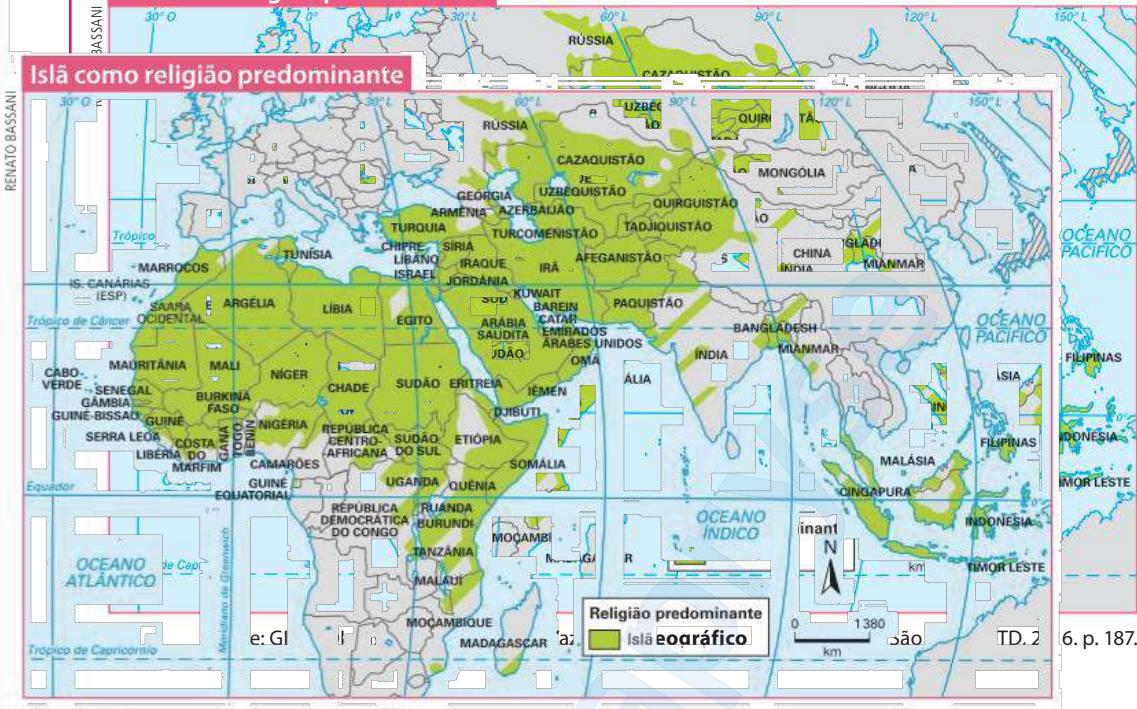
O Islã, religião dos árabes?

DESENVOLVENDO ▲ HABILIDADES

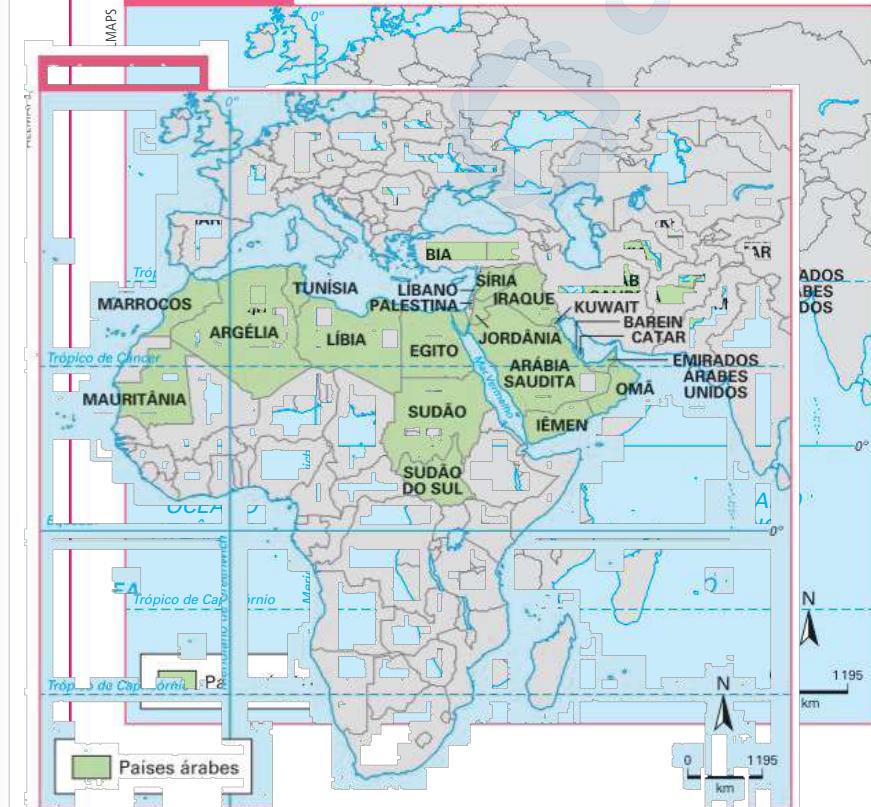
Parte 1

Observe os mapas a seguir. O primeiro representa os lugares onde a maioria da população pratica o Islã, enquanto o segundo indica os países árabes.

Islã como religião predominante



Países árabes



Fonte: UNESCO. Portal da Cultura.
Lista de los países por región.
Disponível em: <http://www.lacult.unesco.org/doc/Candidaturas_Cap_mundial_libro_anexo_esp.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2021.

- 1.** Compare os dois mapas anteriores: o Islamismo é a religião mais praticada em todos os países árabes? Justifique utilizando exemplos de ambos os mapas.

- 2.** Retome o mapa "Oriente Médio: mapa político". Todos os países desse subcontinente são árabes? Ou o Islamismo é praticado em toda a região? Justifique utilizando exemplos dos três mapas.

- 3.** Identifique dois países em que o Islamismo é praticado pela maioria da população, mas que não são países árabes. Ao menos um desses países identificados por você deve localizar-se no Oriente Médio.

Parte 2

Leia o texto a seguir.

[...] Posta de lado qualquer definição étnica, identitária ou até de raça, o que fosse árabe ficou delimitado por uma história e uma cultura comuns a diversos povos e países. Os motivos pelos quais essa cultura foi definida, antes do mais, pela religião, não são banais, embora sejam inexatos: populações e países enormes, como a Indonésia ou o Irã, ou os curdos (cerca de trinta milhões, atualmente) espalhados em vários países, são “islâmicos” (pelo menos oficialmente) sem serem árabes. Há, no total, um bilhão e meio de muçulmanos no mundo todo, que fazem na atualidade do Islã a segunda religião do mundo por número de crentes, reais ou supostos. A maioria dos muçulmanos não é árabe, só 20% deles são nativos de países árabes. Cerca de 13% dos muçulmanos vivem na Indonésia, o maior país muçulmano do mundo; 25% vivem no sul da Ásia, 20% no Oriente Médio, 2% na Ásia Central, 4% nos restantes países do Sudeste Asiático e 15% na África Subsaariana. Comunidades islâmicas significativas também são encontradas na China, na Rússia e em diversas partes da Europa e da América. [...]

COGGIOLA, Osvaldo. **A Revolução Árabe e o Islã:** entre pan-arabismo, pan-islamismo e Socialismo. São Paulo: FFLCH/USP, 2016, p. 5. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2371386/mod_resource/content/1/A%20revolução%20árabe.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2021.

- 4.** Utilizando informações dos mapas e do texto anterior, responda: o Islã é a religião dos árabes?

Palestina e Israel

Você já imaginou como deve ser viver em uma área cercada por muros? Não muros que separam uma casa da rua ou as áreas privativas de um condomínio das vias públicas, mas que separam dois países, apartando povos de culturas, religiões e opiniões políticas diferentes? Observe as imagens a seguir, do muro que separa Israel da Cisjordânia.

A barreira que podemos ver na imagem começou a ser construída em 2002 e, atualmente, tem mais de 700 km de extensão, separando os territórios palestinos da Cisjordânia do Estado de Israel. Ao longo de toda essa extensão, existem postos de controle para regular a passagem dos habitantes de um lado para o outro, especialmente dos palestinos para a área israelense.

Do ponto de vista jurídico, os países podem construir muros em seus limites. Por exemplo, em 1993, Bill Clinton, presidente dos Estados Unidos à época, iniciou a construção de barreiras na fronteira com o México. No entanto, no caso do muro entre Israel e Cisjordânia, não se trata de uma fronteira convencional, pois não existe um Estado palestino, da mesma forma que existe um Estado de Israel.

O muro é apenas um episódio do conflito histórico na região, que diz respeito diretamente a israelenses e palestinos, mas que envolveu diversos outros países em guerras e tratativas para acordos de paz, assim como organismos internacionais, a exemplo da ONU.

Os hebreus estão, historicamente, ligados à região que conhecemos hoje como Oriente Médio; no entanto, esse povo se viu, mais de uma vez, obrigado a migrar para outros territórios, dando início a um processo de expansão da população judaica pelo mundo, criando o que se chama de questão judaica. O povo judeu, ao longo dos séculos, passou por diferentes processos de dispersão territorial, fugindo geralmente de perseguições étnico-religiosas.

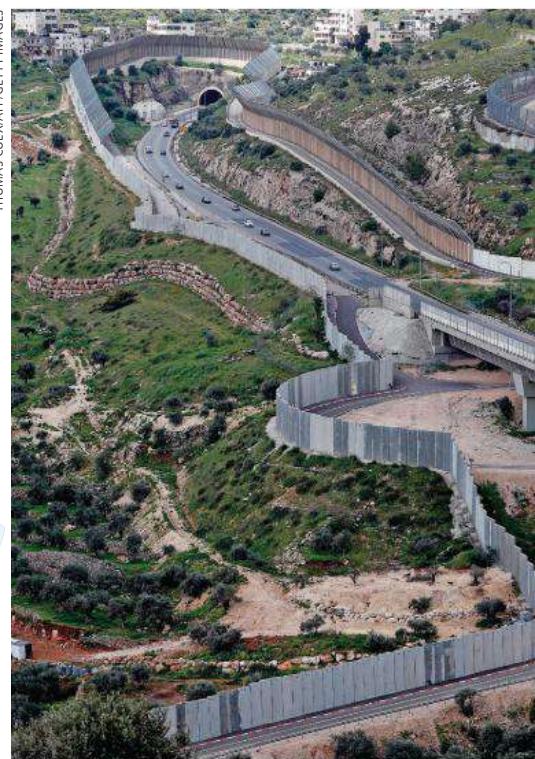
Dispersos por várias partes do mundo, no final do século XIX os judeus iniciaram um movimento de retorno ao Oriente Médio. No entanto, a região encontrava-se ocupada pelos povos palestinos, de cultura árabe e praticantes da religião Islã, o que originou um conflito que se desenrola até os dias atuais.

A relação conflituosa com os árabes que já ocupavam a área veio logo após a instalação das primeiras colônias judaicas na região da Palestina, reflexo do **movimento sionista**, que prega, entre outras reivindicações, o retorno dos judeus ao seu território de origem. O projeto de um Estado para o povo judeu passou a incomodar o povo de origem árabe que vivia no território e constituía a parcela majoritária da população.

A Palestina esteve incorporada ao Império Turco-Otônico, passando, depois da Primeira Guerra Mundial, ao domínio britânico. Ocupado pelo Reino Unido, que se opunha à criação do Estado judeu, o território da Palestina permaneceu o mesmo após a Primeira Guerra Mundial, com a presença cada vez maior de assentamentos de judeus vindos de todo o mundo.

A intensificação da migração judaica para a Palestina provocou choques com a população árabe na região. Para ampliar ainda mais o desentendimento, o Reino Unido tinha posições ambíguas quanto à questão: ora promovia políticas que beneficiavam os árabes da Palestina, ora realizava uma política favorável aos judeus.

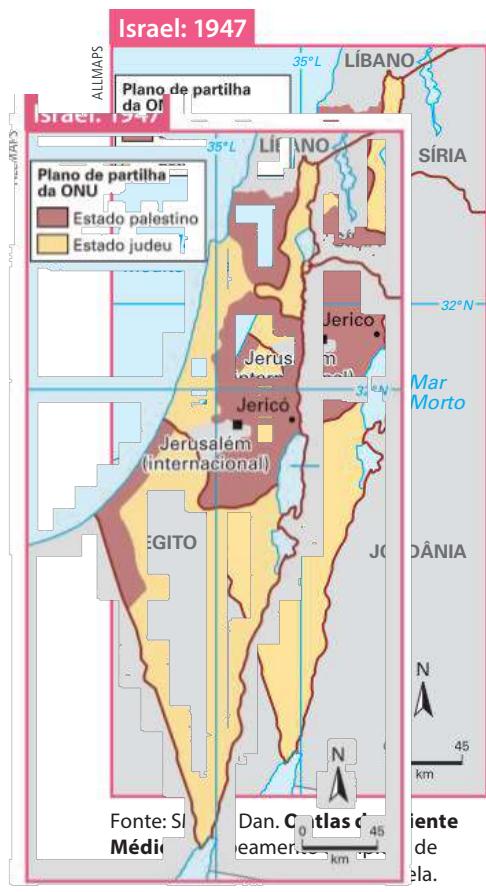
THOMAS COEX/AP/GETTY IMAGES



▲ O muro que separa Israel da Cisjordânia é construído, na sua maior parte, de concreto ou metal, tendo em média 8 metros de altura.

Movimento sionista:

movimento que esteve por trás da criação do Estado de Israel e ganhou força no século XIX. Esse movimento reivindicava como território legítimo uma região conhecida como terra de Israel (ou reino de Israel), segundo descreve a Bíblia.



Diante do quadro de discussões, reivindicações e conflitos intensos, especialmente relacionados à perseguição aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, a reclamação de um Estado nacional judaico ganhou força. O Reino Unido, desgastado pela guerra e sob forte pressão internacional, entregou a questão para a ONU — criada em 1945 —, a qual propôs, em 1947, a instituição de dois estados na região: um árabe (Palestina) e outro judeu (Israel). Como ambos requeriam Jerusalém como sua capital, propôs-se que a cidade e seus subúrbios fossem reconhecidos como região internacionalizada e administrada pela ONU. Observe, no mapa ao lado, o plano de partilha proposto pela ONU em 1947.

Os árabes rejeitaram a proposta de partilha. Os israelenses, por sua vez, declararam a independência do Estado de Israel em 1948, o qual foi reconhecido rapidamente pelos Estados Unidos e pela União Soviética. Estava, assim, criada a questão palestina.

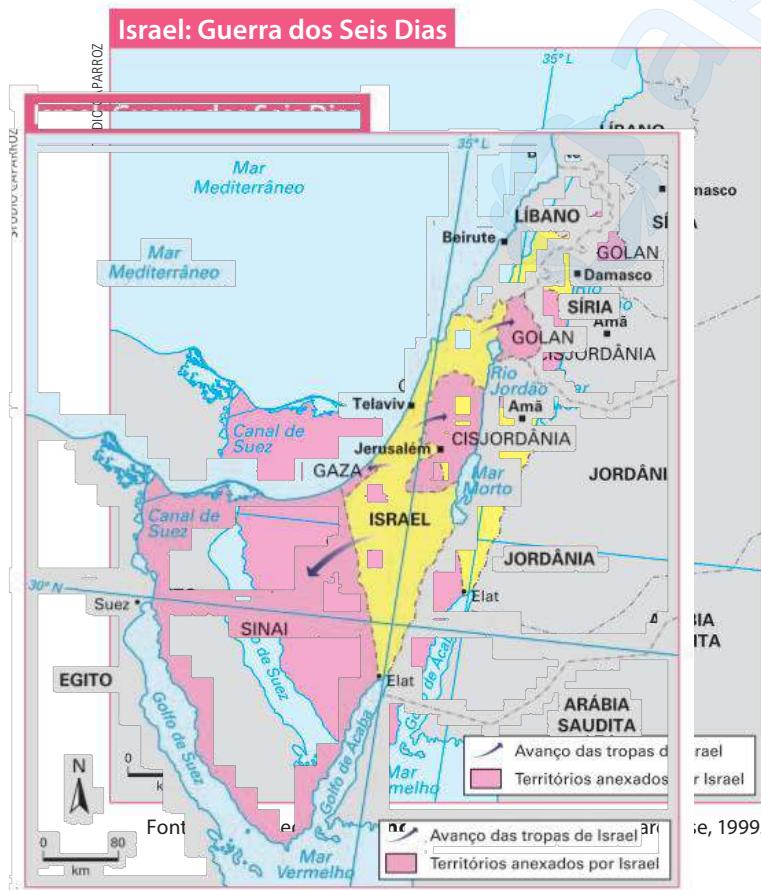
A recusa dos povos árabes ao projeto proposto pela ONU, em 1948, gerou o primeiro conflito entre israelenses e palestinos, opondo países árabes favoráveis à Palestina (Egito, Jordânia, Líbano, Síria e Iraque) a Israel (apoiado pelos Estados Unidos, que via o Estado judaico aliado como estratégico em termos geopolíticos). A vitória dos israelenses levou à maior ocupação de territórios palestinos, à anexação da Cisjordânia pela Jordânia e da Faixa de Gaza pelo Egito.

Em 1967, um novo e maior conflito teve início: a **Guerra dos Seis Dias**. Observe no mapa a seguir a dinâmica territorial desse conflito. Note a significativa expansão do território de Israel.

Na Guerra dos Seis Dias, o exército israelense derrotou as forças militares conjuntas do Egito, da Jordânia e da Síria. Israel ampliou ainda mais seus domínios territoriais, anexando Jerusalém e tornando-a sua capital oficial (cidade sagrada para árabes e judeus), além da península do Sinai (Egito), das colinas de Golã (Síria) e da Cisjordânia (Jordânia).

O apoio estadunidense a Israel era cada vez maior e irrestrito, reflexo da pressão feita pela grande comunidade judaica no país. Em 1973, ocorreu a **Guerra do Yom Kippur** (Dia do Perdão judaico). Os países árabes pretendiam retomar os territórios que haviam sido perdidos em 1967. A guerra acabou rapidamente, com uma nova vitória de Israel. Em resposta, os países árabes aumentaram o preço do petróleo, causando a primeira crise internacional desse recurso energético.

No fim da década de 1970, Egito e Israel assinaram o **Acordo de Camp David**, o qual previa, entre outras ações, a devolução da península do Sinai ao Egito, fato que veio a ocorrer em 1982. Neste ano, Israel invadiu o Líbano, na tentativa de destruir a Organização de Libertação da Palestina (OLP) — criada em 1964 —, e saiu do país árabe apenas em 1985.



O conflito entre israelenses e palestinos, que perdura até os dias atuais, foi responsável por dar forma ao que ficou conhecido como **questão palestina**: do ponto de vista palestino, o povo não tem autonomia e seu território é ocupado arbitrariamente por Israel. A OLP foi criada pelos palestinos para lutar por seu território. Inicialmente, a organização defendia o fim de Israel, mas atualmente o reconhece como Estado. Sua principal pauta é a luta para que o Estado palestino seja amplamente reconhecido com as fronteiras de 1947.

Em 1993, Israel e a OLP firmaram acordo dando autonomia aos territórios palestinos da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, criando a Autoridade Nacional Palestina (ANP). Desde 2005, Israel promove a retirada de colonos judeus dessas áreas, ao mesmo tempo que vem construindo um muro separando os territórios palestinos do território israelense, na Cisjordânia, de modo a estabelecer um controle rígido dos trabalhadores palestinos que entram no território de Israel.

Em 2021, os conflitos foram retomados quando famílias palestinas foram despejadas do bairro onde viviam em Jerusalém Oriental. Grupos militantes palestinos em Gaza, em especial o Hamas, revidaram disparando foguetes contra Israel, que respondeu com ataques aéreos. Esse conflito, que perdurou cerca de duas semanas, deixou aproximadamente 230 palestinos e 10 israelenses mortos.

▲ Destrução causada por míssil israelense na Faixa de Gaza, em maio de 2021.

|| AMPLIE ||

Em 2021, depois de 12 anos no poder, Binyamin Netanyahu perdeu as eleições para primeiro-ministro de Israel, sendo substituído por Naftali Bennett, membro do partido de ultradireita Yamina. Esse resultado é fruto de um longo processo de disputas no parlamento do país, que passou por cinco eleições em apenas dois anos. Bennett, que já se declarou contrário à criação de um Estado palestino, tem como principal agenda política a anexação de boa parte do território da Cisjordânia ao Estado de Israel, intenção que pode, potencialmente, agravar os conflitos na região.

MADI FATH/NURPHOTO/GETTY IMAGES



PRATIQUE

4. O petróleo é uma importante variável a considerar quando falamos sobre as relações conflituosas estabelecidas no Oriente Médio. Utilizando seus conhecimentos sobre a matriz energética mundial, explique o porquê da importância e da preocupação de ter o domínio das reservas de petróleo.

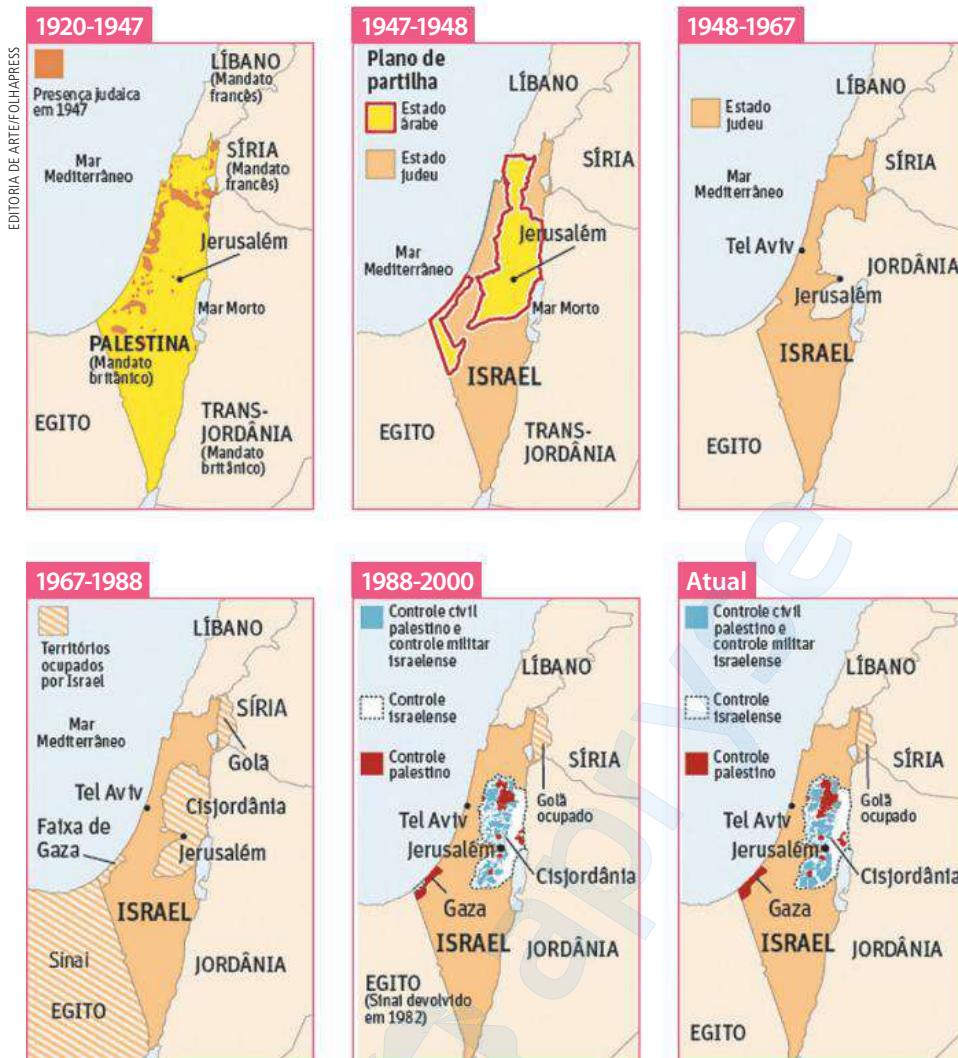
5. (Unama-PA) Há 20 anos, quando o Acordo de Oslo foi assinado, o mundo enxergou na fotografia do aperto de mão entre o premiê israelense Yitzhak Rabin e o líder palestino Yasser Arafat, mediado pelo presidente americano Bill Clinton, um indício de que a paz estava próxima entre judeus e palestinos. A figura e o texto fazem referência ao Acordo de Oslo, assinado em 13 de setembro de 1993. Sobre este acordo, é correto afirmar que



Fonte: Figura e texto adaptados da *Folha de S.Paulo* de 13/09/2013.

- a) foi determinante para limitar as áreas territoriais de atuação de Israel, principalmente no que diz respeito aos territórios conquistados e ocupados nas guerras de Suez e dos Seis Dias.
- b) apesar de não ter obtido a paz entre palestinos e judeus, proporcionou a devolução dos territórios da Península do Sinai para o Egito, as Colinas de Golan para a Síria e a Faixa de Gaza para os palestinos.
- c) proporcionou o reconhecimento recíproco de Israel e da OLP (Organização para libertação da Palestina) como representante do povo palestino, prevendo também a devolução da Faixa de Gaza e da Cisjordânia para os palestinos.
- d) ratificou o Acordo de Camp David, de 1979, devolvendo para a autoridade palestina os territórios de Gaza, das Colinas de Golan e da Península do Sinai.

6. Observe a sequência de mapas a seguir para responder à questão.



Fonte: BOULOS, Guilherme. A Palestina apagada do mapa. **Blog da Boitempo**, 1º ago. 2014. Disponível em: <<https://blogdabotempo.com.br/2014/08/01/a-palestina-apagada-do-mapa/>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

Utilizando informações dos mapas, explique a evolução do território de Israel desde a década de 1920.

O GOLFO PÉRSICO: POSIÇÃO ESTRATÉGICA E CONFLITOS REGIONAIS

Observe novamente o gráfico "Dez países com as maiores reservas comprovadas de petróleo do mundo (2018)", da seção Oriente Médio. Quantos países do Oriente Médio estão listados como os que possuem as maiores reservas de petróleo do mundo?

Os numerosos conflitos armados na região relacionam-se, de algum modo, à presença desse recurso natural? O que representa em nosso mundo o domínio sobre as reservas de petróleo e outros recursos energéticos?

Localizado no Oriente Médio, o Golfo Pérsico é uma bacia sedimentar onde se encontra boa parte das jazidas de petróleo do subcontinente. Observe no mapa os países que circundam esse golfo.



Iraque

O Iraque está localizado na região que correspondia, na Antiguidade, à Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates. O atual território do Iraque já foi parte da civilização suméria, a mais antiga da humanidade. Sua capital, Bagdá, fica às margens do rio Tigre, o qual, assim como os rios Eufrates e Nilo, favoreceu o surgimento de grandes agrupamentos humanos pela fertilidade de suas várzeas.

O Iraque atual, que desde a década de 1960 aparece constantemente nos noticiários em razão de conflitos e guerras, teve sua origem em 1919, após a dissolução do Império Turco-Otomano. Ocupado pelo Reino Unido, o país tornou-se independente em 1932, embora tenha continuado sob influência britânica.

Durante a Segunda Guerra Mundial, um golpe de Estado alinhou Iraque e Alemanha, mas o Reino Unido rapidamente reocupou o país e voltou a administrá-lo. Com o fim da guerra, o Iraque retomou a autonomia e tornou-se importante aliado dos Estados Unidos no Oriente Médio.

Contrariando os interesses estadunidenses, o Iraque sempre esteve envolvido em conflitos. Apoiou os países árabes na guerra árabe-israelense e esteve ao lado dos palestinos na Guerra dos Seis Dias e na Guerra do Yom Kippur. Em 1958, deixou de ser um reino e tornou-se uma república, nacionalizando as reservas e os poços de petróleo. Nas décadas de 1960 e 1970, ocorreram alguns golpes de Estado e repressões contra a minoria curda no norte do país.

Distanciando-se ainda mais do bloco ocidental, o Iraque passou a ter boas relações com a União Soviética e, em 1979, o general Saddam Hussein assumiu o poder. Sob a gestão de Saddam, o país envolveu-se em guerras na região pelo domínio das reservas de petróleo.

Após sucessivas guerras, o Iraque passou a sofrer embargos econômicos e diplomáticos da ONU e de países ocidentais, o que causou o empobrecimento da população e a morte de mais de um milhão de crianças por subnutrição, entre 1990 e 2003.

No início dos anos 2000, o país passava por uma situação econômica e social o país passava por uma difícil situação econômica e social; o governo de Hussein, ditatorial, também era motivo de descontentamento. Sob acusação estadunidense de ter relação com os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos e de possuir um arsenal de armas de destruição em massa, tropas estadunidenses invadiram o Iraque em 2003. A invasão derrubou o governo de Saddam Hussein, o qual foi capturado em dezembro do mesmo ano, condenado e executado pelo novo governo em 2006. As alegadas armas de destruição em massa nunca foram encontradas, evidenciando os interesses geopolíticos estadunidenses com a invasão do Iraque.

Desde a invasão, o Iraque entrou em uma grave crise política e social. Os sunitas, minoria no país e da qual fazia parte o Saddam Hussein, estão em constante confronto com os xiitas, atualmente no governo. Além disso, ao norte do país, a minoria curda luta por total autodeterminação de seu território, uma vez que agora é representada no governo.

O Iraque detém a quarta maior reserva de petróleo do mundo. A maioria da população depende da distribuição de alimentos por parte do governo e da ONU, que estima em mais de 1 milhão o número de refugiados que saíram do país desde 2003. A população total do país, em estimativa de 2019, era de 39,3 milhões de pessoas, a maioria vivendo próximo aos rios Tigre e Eufrates.

▲ Civis iraquianos e tanques estadunidenses na cidade de Basra, no Iraque, em 2003.

SPENCER PLATT/GETTY IMAGES



Irã

O Irã, país de 82,9 milhões de habitantes de maioria persa, está recorrentemente envolto em um clima de tensão internacional, e boa parte dessa situação decorre de seu programa nuclear. Potências ocidentais e países do Oriente Médio acusam Teerã, capital do país, de usar atividades nucleares civis para acobertar a fabricação de um arsenal atômico. Autoridades iranianas afirmam que o programa nuclear visa à produção de energia elétrica e de isótopos médicos usados em diagnóstico e tratamento de câncer.

Observe o mapa a seguir, que representa os principais locais de mineração de urânio e as instalações nucleares do país.

Programa nuclear



ARTE ESTADÃO/ESTADÃO CONTEÚDO/AE

Fonte: NEGOCIAÇÃO nuclear com o Irã. **Estadão**. Disponível em: <<https://infograficos.estadao.com.br/internacional/negociacao-nuclear-ira/>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

O programa nuclear iraniano foi criado na década de 1950, com o auxílio dos Estados Unidos, como parte do projeto Átomos para a Paz. Os EUA e alguns países europeus participaram do programa iraniano até 1979, momento em que ocorreu a Revolução Iraniana, ou Revolução Islâmica. Após a revolução, boa parte da cooperação internacional com o país foi cortada. No entanto, o Irã manteve seu programa nuclear e, na década de 1990, recebeu auxílio técnico da Rússia.

Durante a década de 2000, o país foi alvo de uma série de denúncias sobre enriquecimento irregular de urânio, além de outras atividades nucleares não declaradas, o que iria contra o Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP), do qual o Irã é signatário.

Em abril de 2021, ocorreu uma explosão na usina nuclear subterrânea de Natanz (número 2 em vermelho no infográfico anterior), principal usina do programa iraniano. O governo acusou Israel de estar por trás da explosão, visto que israelenses já sabotaram a indústria nuclear iraniana em outras ocasiões por meio de ciberataques e mesmo com o assassinato de cientistas e pesquisadores. Esse fato vem à tona quando o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, tenta reviver o acordo nuclear entre os países, que fora abandonado em 2015 por Donald Trump.

A fé dominante no Irã é o Islã xiita, considerada a religião de Estado desde a Revolução de 1979, e, mesmo sob o atual sistema de governo teocrático xiita, a herança ancestral do Irã pulsa no dia a dia do país. A ligação com o passado pré-islâmico continua presente de tal modo que o Irã utiliza como base, ainda hoje, o calendário persa.

Guerra Irã-Iraque

Em 1979, ao mesmo tempo que Saddam Hussein assumiu o poder no Iraque, Reza Pahlavi (xá do Irã) foi derrubado pela Revolução Iraniana. A monarquia alinhada aos países ocidentais tornou-se uma república islâmica de orientação xiita, comandada pelo aiatolá fundamentalista islâmico Ruhollah Khomeini. O movimento alarmou o vizinho Iraque, que tinha interesse em retomar o controle do rio Shatt al-Arab (região de confluência dos rios Tigre e Eufrates que marca a fronteira entre os dois países), e de anexar o Khuzistão (província iraniana rica em petróleo). Saddam Hussein, apoiado pelo Kuwait e pela Arábia Saudita, declarou guerra ao Irã. Khomeini conseguiu o apoio da Síria e da Líbia.

Saddam estava certo da vitória iraquiana, pois acreditava que o Irã estava enfraquecido pela guerra civil recente, porém aconteceu algo inesperado para o ditador iraquiano: o líder do governo iraniano, Khomeini, conclamou o povo a lutar pelo país contra o Iraque, em uma *jihad*. Não demorou para que milhares de seguidores xiitas do Islamismo se alistassem para servir ao exército.

O Irã não apenas se defendeu dos ataques, como partiu para a ofensiva, após o apoio de milhares de soldados engajados na luta. Temendo uma vitória fundamentalista, os Estados Unidos e as monarquias do Golfo forneceram apoio ao Iraque. Nessa fase, a guerra teve seu momento mais devastador.

O conflito seguiu até 1988, com saldo de 1,5 milhão de mortos, cerca de 300 mil deles no lado iraquiano. A ONU mediou o fim do conflito. Os dois países tiveram suas economias arruinadas. Os Estados Unidos, fornecedores de armamentos para ambos os lados, saíram em vantagem. Ao final da guerra, não houve mudanças territoriais, a fronteira entre os países manteve-se inalterada.



A GUERRA AO TERROR E A INVASÃO DO AFGANISTÃO

Em outubro de 2001, os Estados Unidos invadiram o Afeganistão em resposta aos atentados terroristas ocorridos em 11 de setembro do mesmo ano. O objetivo da invasão era capturar o saudita Osama Bin Laden, líder da Al-Qaeda, grupo terrorista apoiado pelo Talibã, ao qual é atribuída a autoria dos atentados às Torres Gêmeas e ao Pentágono.

A ação militar estadunidense no Afeganistão foi respaldada pelo Conselho de Segurança da ONU e conduzida com o apoio da OTAN. A ofensiva depôs o Talibã do poder em 2001, e o grupo passou a agir como insurgente desde então. Bin Laden foi morto em 2011 no Paquistão.

O primeiro presidente do Afeganistão na era pós-Taleban foi Hamid Karzai. Alinhado ao Ocidente no projeto de reconstrução do país, Karzai foi conduzido pela ONU ao cargo de presidente provisório até ser confirmado como chefe de Estado em 2004, na primeira eleição presidencial direta da história do Afeganistão. O presidente seguinte, Ashraf Ghani, foi eleito em 2014 e reeleito em 2019, mas fugiu do país quando o Talibã retornou a Cabul, em 2021.

Desde a morte de Bin Laden, os Estados Unidos estabeleceram um cronograma que envovia a transferência gradual da segurança do país para o exército afgão, o que permitiria a retirada gradativa das tropas estrangeiras do país. A saída estadunidense foi negociada de forma definitiva pelo presidente Donald Trump, que decidiu incluir o Talibã como interlocutor legítimo nas rodadas de diálogo realizadas em 2019 e 2020.

Nas negociações, líderes do Talibã assumiram o compromisso de um cessar-fogo que permitiria uma retirada paulatina dos Estados Unidos e de outras potências europeias, até o final de 2021.

Entretanto, à medida que as tropas estrangeiras foram deixando o país, o Talibã foi avançando sobre cidades pequenas e, em seguida, sobre capitais de províncias, ampliando o controle sobre mais da metade do território afgão, até chegar a Cabul e tomar o poder político do país, em agosto de 2021.

▲ Em protesto em Cabul, mulheres reivindicam participação política no governo do Talibã e direito de trabalhar. Fotografia de 2021.



HOSHANG HASHIMI/AFP/GETTY IMAGES

SÍRIA

Em 2021, o conflito na Síria completou 10 anos e atingiu a marca de 500 mil mortes, a maioria ocorrida entre 2012 e 2015. A guerra, que eclodiu em 2011, envolveu diversos países vizinhos, do Oriente Médio e da Europa, e forçou milhões de pessoas a saírem do país.

A Síria moderna, estabelecida após a Primeira Guerra Mundial, só alcançou a independência após a Segunda Guerra Mundial. Caracterizada por se opor aos Estados Unidos no Oriente Médio durante toda a Guerra Fria, a Síria era ocupada por franceses e ingleses até sua independência, em 1946. Em 1958, uniu-se ao Egito na República Árabe Unida, desfeita em 1961. Desde 1963, o país é controlado pelo Partido Baath, defensor de uma república islâmica. De 1970 a 2000, Hafez al-Assad comandou o país, alinhando-se com Yasser Arafat na questão palestina.

Bashar al-Assad, atual presidente do país, herdou o posto de seu pai, Hafez al-Assad, depois de este ter governado a Síria de maneira autoritária por 30 anos até sua morte. Quando o filho chegou ao poder, em 2000, o país passou por um momento conhecido como "Primavera de Damasco", quando a implementação de um conjunto de reformas prometia uma Síria mais democrática e aberta.

Por um breve momento, a promessa de reformas e modernização foi mantida; no entanto, o ritmo de mudança foi desacelerado e, em vez de um governo mais democrático, os sírios assistiram à retomada da censura e a uma repressão severa aos dissidentes de oposição. Assad pertence à minoria alauíta — ramificação xiita —, que representa menos de 10% da população síria, predominantemente sunita. Bashar al-Assad tem comandado o país por meio de medidas autoritárias, violações aos direitos humanos e censura aos meios de comunicação, alinhando-se com o Irã na região. O desemprego e o clima ditatorial serviram para que a população se levantasse contra o governo, exigindo a saída de al-Assad e a abertura democrática do país. Os protestos tornaram-se confrontos entre governo e oposição, levando o Comitê Internacional da Cruz Vermelha a classificar o conflito como guerra civil.

OZAN KOSE/AFP/GETTY IMAGES

▲ Bairro da cidade de Idlib destruído por bombardeio. Fotografia de 2020.

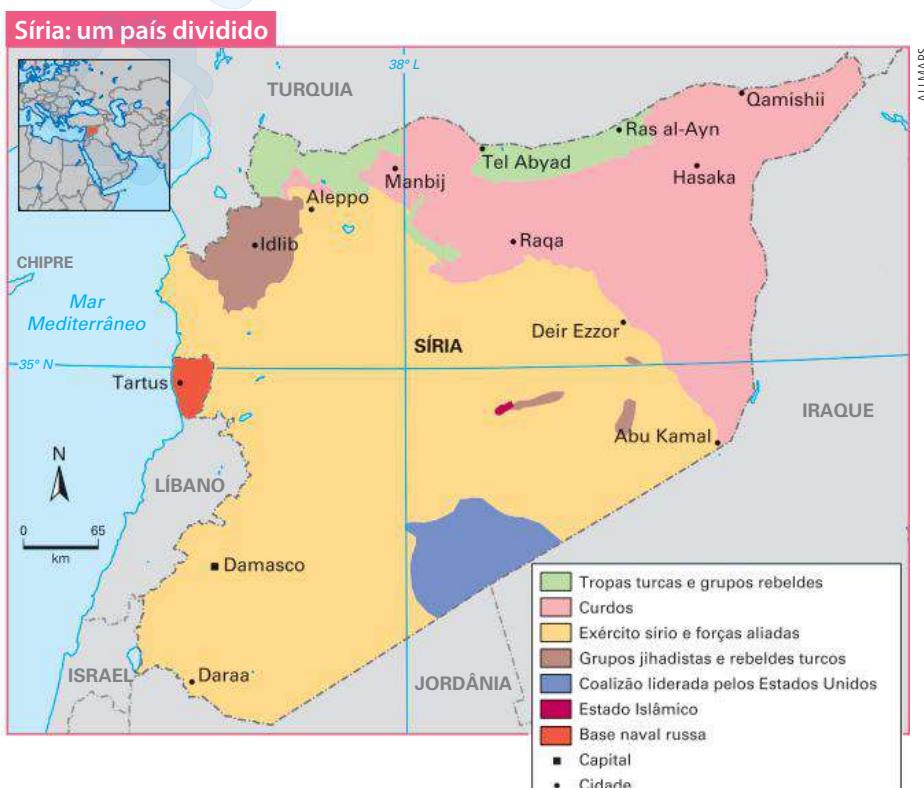


Em março de 2011, a prisão de 15 crianças por picharem muros com mensagens contra o governo provocou manifestações na cidade de Deraa, no sudoeste do país. Inspirados nas revoltas que haviam derrubado os líderes da Tunísia e do Egito, na chamada Primavera Árabe, os primeiros protestos espalharam-se para outras cidades, sofrendo forte repressão do governo.

Dias depois, a repressão contra os manifestantes intensificou-se, e tanques foram enviados a cidades rebeladas, como Homs, Hama, Baniyas e Deraa. Como resposta dos rebeldes e para combater as tropas de Assad, formou-se o Exército Livre da Síria. Em 2016, Bashar al-Assad conseguiu se manter no poder e conter o levante contra o seu governo contando com o apoio da Rússia, interessada nos dutos de óleo e gás que atravessam o país.

Desde 2011 a Síria passa por uma violenta guerra civil, que opõe partidários do presidente Bashar al-Assad, reeleito em maio de 2021 para mais um mandato de sete anos, a grupos pró-Ocidente. Observe no mapa a seguir que o país está dividido em quatro zonas distintas de influência, cada uma apoiada por uma potência estrangeira. Grande parte do país, incluindo as principais cidades, é controlada pelo regime de Bashar al-Assad, com apoio da Rússia e do Irã. Os curdos, apoiados pelos Estados Unidos e aliados, controlam o Nordeste, onde estão concentradas as maiores reservas de recursos naturais da Síria, especialmente gás e petróleo. Rebeldes apoiados pela Turquia controlam uma área a oeste de Aleppo, mais a faixa de fronteira que vai de Tel Abyad até Ras al-Ayn, no Nordeste. O Noroeste é controlado por um grupo jihadista. Desde março de 2020, quando a Turquia interveio militarmente para impedir uma ofensiva apoiada pela Rússia em Idlib, estabeleceu-se um cessar-fogo no país.

Segundo estimativas de 2019, o país tem uma população de 18 milhões de habitantes, contra 22 milhões do período pré-guerra. Atualmente, o país enfrenta uma grave crise econômica causada por diversos fatores, entre eles a guerra, a corrupção, e as sanções americanas.



EMIRADOS ÁRABES, ARÁBIA SAUDITA, KUWAIT E CATAR

Observe a imagem da construção de uma das arenas da Copa do Mundo Fifa no Catar, país peninsular no Golfo Pérsico com aproximadamente 2,4 milhões de habitantes.

MATTHEW ASHTON - AMA/GETTY IMAGES



▲ Estádio Nacional em Doha, no Catar. Fotografia de 2020.

As reservas de petróleo e gás natural são o principal recurso econômico do país — que concentra 13% de toda a reserva mundial de gás natural — e, por isso, responsáveis pelo acelerado crescimento econômico e pela elevada renda *per capita* local — a maior de todo o Oriente Médio. As cidades dos Emirados Árabes, da Arábia Saudita e do Kuwait, assim como do Catar, têm construções suntuosas, recebem diversos tipos de investimentos internacionais e configuram-se como grandes destinos turísticos no Golfo Pérsico.

Esses países apresentam índices de desenvolvimento humano que se destacam dos outros países do Oriente Médio; no entanto, a realidade de suas cidades nem sempre é confortável para todos os habitantes: a desigualdade social e o contraste entre as localidades ou cidades são também uma característica da região, cuja riqueza é um reflexo direto da exploração do petróleo. A arena da imagem anterior, por exemplo, foi construída com mão de obra de trabalhadores imigrantes, provenientes de países como Gana, Quênia, Nepal e Filipinas, que foram encontrados em situação análoga à escravidão, trabalhando sem remuneração durante meses.

Observe o quadro a seguir, que apresenta dados econômicos da Arábia Saudita, do Catar, dos Emirados Árabes e do Kuwait. Qual país é o mais populoso? Qual apresenta a maior produção diária de petróleo? E de gás?

	Arábia Saudita	Catar	Emirados Árabes	Kuwait
População (em milhões de habitantes)	34,7	2,4	9,8	3,0
PIB per capita (em dólares)	46,96	90,04	67,11	49,85
Produção de petróleo (em milhões de barris/dia)	10,4	1,4	3,2	2,8
Produção de gás natural (em bilhões de m³)	109,3	166,4	62	17,1

Fonte: CIA. **The World Factbook**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/the-world-factbook/>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

Dubai, cujo emirado tem o mesmo nome, atrai investimentos por ser um paraíso fiscal e um grande parque de diversões do Oriente Médio — a cidade orgulha-se de ter os maiores arranha-céus e o maior *shopping center* do mundo.

Nos últimos anos, Dubai recebeu aportes bilionários em infraestrutura para a construção de estradas, de sua suntuosa linha de metrô, de edifícios comerciais e de condomínios de luxo para acomodar executivos globais. Atualmente, a cidade tem 3,3 milhões de habitantes, dos quais 90% são estrangeiros. Parte considerável do contingente de imigrantes trabalha em megaprojetos de construção civil ou, ainda, como ambulantes: são indianos, paquistaneses, egípcios, palestinos e afegãos que migram em busca de melhores condições de vida e, muitas vezes, ao chegar a seus destinos, apenas conseguem funções mal remuneradas e trabalhos precários.

▲ A ilha artificial Palm Jumeirah, em Dubai, é um dos megaprojetos de construção civil da cidade voltados para o turismo. Fotografia de 2019.



DEPHOTO/ALAMY
FOTOARENA

Monarquia absoluta islâmica, a Arábia Saudita abriga as duas mesquitas mais importantes para o Islã: Meca e Medina. Maior exportador de petróleo, o país é o principal produtor desse combustível fóssil do Golfo Pérsico.

As exportações de petróleo garantem ao governo boa parte das divisas econômicas, além de promover um estado de bem-estar social; no entanto, a acentuada dependência econômica gera um quadro de instabilidade em momentos de crise e redução do preço do petróleo no mercado global.

O país tornou-se independente do Reino Unido em 1927, e, em 1932, seus territórios foram unificados sob um único reino, controlado pela família Saud. Em 1938, a descoberta de petróleo mudou a história do país. Parceira histórica dos Estados Unidos na região, a Arábia Saudita é o principal país da Opep e teve participação na defesa do Kuwait durante a guerra com o Iraque, abrigando a família real kuaitiana e 400 mil refugiados.

Grande parte da população saudita era constituída por nômades ou seminômades até a década de 1960, em razão das condições desérticas do território. Atualmente, mais de 95% da população sedentarizou-se, vivendo em áreas urbanas superpopulosas, principalmente ao longo da costa e ao longo do oleoduto que atravessa o país.

Segundo o governo, 100% de sua população é muçulmana sunita. O sistema de leis é baseado no Corão, sendo proibidas as práticas públicas de quaisquer outras religiões. O país recebe muitos migrantes do sul e do leste da Ásia e da África Oriental, e sofre com a escassez de água, apostando em postos de dessalinização.

Assista a este capítulo



<http://ftd.li/s213geo61334oau001>

|| AMPLIE ||

Como as pessoas de origem árabe são retratadas nos filmes? Essa questão é o tema do documentário **Filmes ruins, árabes malvados**, que mostra como diversos filmes de Hollywood criaram uma imagem prejudicial dos povos árabes, de modo a reproduzir estereótipos preconceituosos sobre eles. No entanto, não é apenas o cinema de Hollywood que trata do tema dos estereótipos sobre outros povos. No filme **O paraíso deve ser aqui**, o diretor Elia Suleiman, de origem palestina, viaja para a Europa e para os Estados Unidos para questionar o significado da identidade dos povos de cada lugar. Nessa viagem, ele mostra como os árabes veem, também de modo estereotipado, alguns povos ocidentais.



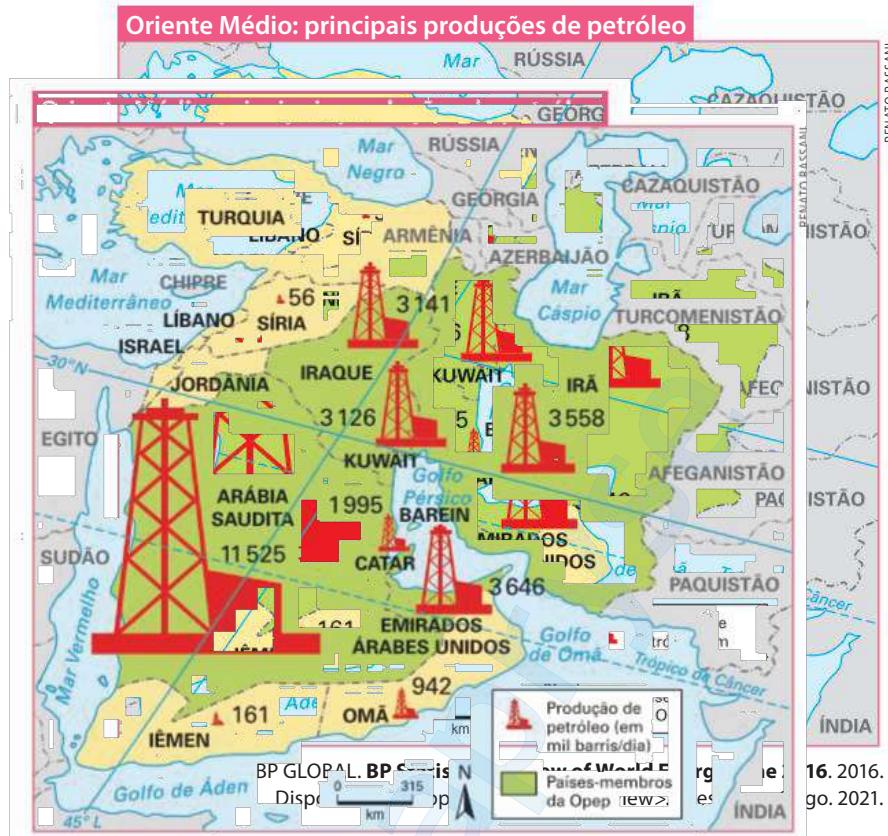
▲ **Filmes ruins, árabes malvados.** Direção: Jeremy Earp e Sut Jhally. 2006 (50 min).



▲ **Trailer de O paraíso deve ser aqui.** Direção: Elia Suleiman. 2019 (102 min).

PRATIQUE

Observe o mapa a seguir, que representa a produção de petróleo nos países do Golfo Pérsico, e responda:



7. Identifique os três países com as maiores produções de petróleo da região.

8. Relacione esses dados sobre produção de petróleo com os conflitos na região.

9. (Enem/MEC)

A primeira Guerra do Golfo, genuinamente ansiada pelas Nações Unidas e pela comunidade internacional, assim como a reação imediata ao Onze de Setembro, demonstravam a força da posição dos Estados Unidos na era pós-soviética.

HOBSBAWN, E. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

Um aspecto que explica a força dos Estados Unidos, apontada pelo texto, reside no(a)

- a) poder de suas bases militares espalhadas ao redor do mundo.

- b)** alinhamento geopolítico da Rússia em relação aos EUA.
- c)** política de expansionismo territorial exercida sobre Cuba.
- d)** aliança estratégica com países produtores de petróleo, como Kuwait e Irã.
- e)** incorporação da China à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

Observe a fotografia, que mostra a retirada da estátua de Saddam Hussein de praça pública em Bagdá, capital do Iraque, depois da invasão estadunidense ao país em 2003. Em seguida, leia o texto sobre a retirada de estátuas e monumentos, para responder às questões **10** e **11**.



GILLES BASSIGNAC/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

Leia o trecho do texto a seguir, sobre a retirada de estátuas e monumentos:

[...] deparamo-nos com a questão: deve-se preservar tudo o que o passado nos relegou ou a constituição de uma nova sociedade exige um acerto de contas com o passado que implica uma destruição parcial?

Atualmente e dentro do campo da preservação, a questão aparece de outra forma. Vivemos intensas contradições sociais, o vandalismo e o descaso com o patrimônio histórico são a norma, o que é mais evidente em países periféricos. Além disso, a “amnésia social” fortalece-se pela construção de uma narrativa oficial através do patrimônio, apagando o sujeito popular. [...]

GOMES, Rosa Rosa. Imperialismo na cultura: escolhas para a memória coletiva. **Maria Antônia**, ano 1, n. 1, mar. 2020. Disponível em: <<https://gmarx.fflch.usp.br/boletim1>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

10. De acordo com o texto, qual é o significado da retirada de monumentos públicos, como estátuas?

11. Podemos afirmar que a retirada da estátua de Saddam Hussein, em Bagdá, depois da invasão estadunidense, representa a construção de uma outra narrativa, como diz o texto? Por quê?

APROFUNDE

1. (EsPCEx-SP)

“‘Exterior próximo’ – é assim que o governo russo encara os demais Estados da CEI (Comunidade de Estados Independentes).”

Adaptado de: MAGNOLI, D.
Geografia para o Ensino Médio.
1. ed. São Paulo: Atual, 2012, p. 562.

Ao utilizar tal expressão, a Rússia caracteriza bem sua esfera de influência política no continente asiático. Dentre os fatores que explicam a influência russa sobre o seu “Exterior Próximo”, podemos destacar o (a)

- I. grande dependência das economias dos países da CEI em relação ao mercado russo, destino de grande parte das exportações desses países.
- II. tratado de segurança coletiva assinado pelos países da CEI, que, em vigor desde 1994, proíbe seus integrantes de participarem de alianças militares externas.
- III. controle sobre a soberania política e econômica desses países e de suas reservas energéticas situadas em pontos estratégicos para a economia russa.
- IV. identidade cultural e religiosa entre a Rússia e os demais Estados da CEI, aliada ao fato de ser a língua russa o idioma mais falado em todo o “Exterior Próximo”.
- V. considerável dependência de praticamente todas as ex-repúblicas soviéticas da importação de produtos da indústria russa.

Assinale a alternativa que apresenta todas as afirmativas corretas.

- a) I, II e III
- b) I, II e V
- c) I, III e IV
- d) II, IV e V
- e) III, IV e V

2. (UFRN) O mapa político da Europa passou por mudanças de fronteiras e surgimento de novos

países, a partir da reunificação da Alemanha, da dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e da fragmentação da Iugoslávia e Tchecoslováquia. Essas alterações nas fronteiras desses países ocorreram

- a) no período de encerramento da II Guerra Mundial.
- b) na fase entre a I e a II Guerras Mundiais.
- c) na fase da bipolarização entre EUA e URSS.
- d) no período de encerramento da Guerra Fria.

3. (Unifor-CE) Em março último, a parte do território da Ucrânia foi anexada pela Rússia após a realização de referendo, no qual a população dessa região decidiu por sua separação do país do qual anteriormente fazia parte, trazendo de volta para a Europa e para mundo a ameaça de conflito entre países ocidentais, liderados pelos Estados Unidos e a Rússia. Acerca dessa crise, é correto afirmar que:

- a) Denomina-se Chechênia a região que, separada da Ucrânia, foi anexada pela Rússia.
- b) Como 30% do gás natural consumido nos países da Europa Ocidental é fornecido por ela, a Rússia ameaça cortar esse fornecimento como forma de pressionar os países europeus contrários aos interesses russos.
- c) A Ucrânia, país localizado às margens do mar Báltico, desde sua independência, no final da Segunda Guerra Mundial, tem fortes ligações com os países europeus ocidentais.
- d) O Brasil assumiu uma posição clara em favor do respeito da integridade da Ucrânia, congelando suas relações diplomáticas com a Rússia.
- e) A crise política na Ucrânia teve início a 21 de novembro, com manifestações de milhares de pessoas para protestar contra a decisão do presidente de reforçar os laços econômicos e comerciais com a União Europeia.

4. (UFG-GO) Os recentes protestos de uma parte da população na Ucrânia contra o governo, a partir de novembro de 2013, têm gerado tensões internacionais e atraído os interesses da União Europeia, da Rússia e dos Estados Unidos. A atual situação política na Ucrânia decorreu

- a)** do conflito entre os governos da Ucrânia e da Rússia, a partir da ameaça do gabinete presidencial russo em suspender o fornecimento de gás.
- b)** da desistência do governo da Ucrânia em se associar à União Europeia (UE), o que provocou a queda do primeiro-ministro ucraniano.
- c)** da mudança do comando administrativo da Rússia, o que impossibilitou novos investimentos na Ucrânia.
- d)** do conflito russo da Chechênia, o que desencadeou crises econômicas nos países do Cáucaso.
- e)** do desentendimento entre os governos da Ucrânia e dos EUA, a partir da ameaça sobre medidas protecionistas contra os produtos ucranianos.

5. (UFRN) O Oriente Médio, foco de conflitos geopolíticos, nacionalistas e religiosos que geram preocupações em diferentes países, é considerado uma das principais áreas estratégicas do mundo

- a)** por ter o seu território banhado pelos oceanos Pacífico e Índico e por sua importância no mercado mundial, devido ao elevado consumo de carvão mineral.
- b)** devido à sua localização próxima à China e à Índia e à sua importância econômica como principal produtora de carvão mineral em escala mundial.
- c)** devido à sua localização entre Ásia, Europa e África e à sua importância econômica como detentora das maiores reservas mundiais de petróleo em terra.
- d)** por ter o seu território banhado pelo Mar Mediterrâneo e Mar Vermelho e por sua importância no mercado mundial como principal consumidora de petróleo.

6. (UERJ) Observe a imagem abaixo, do episódio ocorrido nos EUA, no dia 11 de setembro de 2001.



A queda das torres do World Trade Center foi certamente a mais abrangente experiência de catástrofe que se tem na História, inclusive por ter sido acompanhada em cada aparelho de televisão, nos dois hemisférios do planeta. Nunca houve algo assim. E sendo imagens tão dramáticas, não surpreende que ainda causem forte impressão e tenham se convertido em ícones. Agora, elas representam uma guinada histórica?

ERIC HOBSBAWM (10/09/2011)
www.estadao.com.br

A guinada histórica colocada em questão pelo historiador Eric Hobsbawm associa-se à seguinte repercussão internacional da queda das torres do World Trade Center:

- a)** concentração de atentados terroristas na Ásia Meridional.
- b)** crescimento do movimento migratório de grupos islâmicos.
- c)** intensificação da presença militar norte-americana no Oriente Médio.
- d)** ampliação da competição econômica entre a União Europeia e os países árabes.

7. (PUC-RJ)



EDITORIAL DE ARTE

Fonte: Adaptado de SIMIELLI, 2000.

A região sombreada na representação é uma das várias existentes pelo planeta formadas de grupos de nacionalidades sem Estado. Essa região não contemplada com um território reconhecido internacionalmente é chamada de:

- a) Uzbequistão.
- b) Tajiquistão.
- c) Palestina.
- d) Chechênia.
- e) Curdistão.

8. (Udesc-SC) Analise as proposições sobre Israel e Palestina.

- I. O conflito entre Israel e Palestina começou no século XX, quando os judeus começaram a comprar terras na Palestina. Na década de 30, milhares de judeus já viviam nesta região.
- II. O primeiro confronto armado entre Israel e Palestina aconteceu em 1967, o que se convencionou chamar de Guerra dos Sete Dias.
- III. A mais importante tentativa de paz entre Israel e Palestina, durante o século XX, aconteceu em 1993. O acordo foi assinado entre Yasser Arafat, líder da OLP (Organização para a Libertação da Palestina), e o primeiro-ministro de Israel, Yitzhak Rabin.
- IV. Em 2000, nova tentativa de paz foi negociada pelos EUA, sem sucesso, dando início à segunda intifada, o levante armado palestino.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I, II e III são verdadeiras.

b) Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.

c) Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.

d) Somente as afirmativas I e IV são verdadeiras.

e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

9. (Vunesp-SP)



EDITORIAL DE ARTE

Fonte: Adaptado de SIMIELLI, 2000.

No Oriente Médio, a água é um recurso precioso e uma fonte de conflito. A escassez de recursos hídricos está aumentando as tensões políticas entre países e dentro deles, e entre as comunidades e os interesses comerciais. A Guerra dos Seis Dias, em 1967, foi, em parte, a resposta de Israel à proposta da Jordânia de desviar o rio Jordão para seu próprio uso. A terra tomada na guerra deu-lhe acesso não apenas às águas das cabeceiras do Jordão, como também o controle do aquífero que há por baixo da Cisjordânia, aumentando assim os recursos hídricos em quase 50%.

Robin Clarke e Jannet King. *O atlas da água*, 2005. Adaptado.

A partir da leitura do mapa e do texto, pode-se afirmar que a água é uma questão importante nas negociações entre:

- a) o Iraque e os turcos.
- b) os palestinos e a Síria.
- c) o Líbano e a Síria.
- d) os iranianos e o Iraque.
- e) Israel e os palestinos.

10. (ESPM-SP) Leia os textos abaixo e responda.

Em visita a Israel, o candidato republicano Mitt Romney afirmou que Jerusalém é a capital do Estado judeu. A declaração de Romney de que Jerusalém é a capital de Israel está alinhada à afirmação feita pelos governos israelenses, ainda que os Estados Unidos e outras nações tenham suas embaixadas em Tel Aviv.

(<http://www.valor.com.br/internacional>)

Os palestinos acusaram o candidato republicano à presidência dos EUA, Mitt Romney, de minar as perspectivas de paz, pois, segundo o próprio chefe negociador palestino, Saeb Erekat, não pode haver Estado palestino sem Jerusalém Oriental.

(<http://www.g1.globo.com/mundo/noticias/2012/07>)

A ocupação de Jerusalém Oriental pelo exército de Israel e o domínio de toda a cidade pelos israelenses ocorreu:

- a) durante a Guerra da Fundação de Israel, em 1949.
- b) na Guerra de Suez, em 1956.
- c) na Guerra dos 6 Dias, em 1967.
- d) na Guerra do Golfo, em 1991.
- e) depois do 11 de Setembro, em 2001.

11. (UERJ)



Entre 2014 e 2017, derrotar o Estado Islâmico (ISIS) foi uma das prioridades da política externa dos Estados Unidos. Ao final de 2017, o ISIS foi considerado militarmente derrotado, perdendo o controle de praticamente todos os territórios que havia conquistado na Síria e no Iraque.

A charge aponta a existência de uma incoerência entre os seguintes aspectos da política externa estadunidense no Oriente Médio:

- a) alinhamento étnico e liberdade religiosa
- b) fundamento ideológico e interesse econômico
- c) conservadorismo social e protagonismo ambiental
- d) multilateralismo diplomático e unilateralismo bélico

12. (Fatec-SP)

No Oriente Médio, nos anos 1950, à medida que o velho Império Britânico retirava-se e se reduzia a seu arquipélago inicial, os Estados Unidos substituíam-no. Para isso, colocou à frente dos países dessa região seus "homens", sobretudo na Arábia Saudita e no Irã, principais produtores de petróleo do mundo — junto com a Venezuela, na época já sob controle estadunidense.

<<https://tinyurl.com/y5jobeuu>>
Acesso em: 10.10.2019. Adaptado.

Desde 1953, o Irã foi um grande aliado dos Estados Unidos no Oriente Médio. Porém, essa aliança se rompeu e as relações entre os dois países foram cortadas em 1980.

O fato que levou a esse rompimento aconteceu, entre 1978 e 1979, em decorrência da

- a) Guerra Irã-Iraque, na qual o presidente do Irã, Saddam Hussein, ataca o Iraque com a intenção de expandir o islamismo xiita e se apropriar dos campos de petróleo na bacia dos rios Tigre e Eufrates.
- b) Revolução Socialista, que ocorreu no Irã e que levou o Partido Comunista desse país ao poder, supriu a propriedade privada e nacionalizou as companhias de petróleo estrangeiras, incluindo as estadunidenses.

c) Guerra do Golfo, na qual o exército iraniano invadiu o Kuwait, bombardeou os poços de petróleo desse país e rumou em direção à Arábia Saudita, quando foi surpreendido pelas forças de coalizão lideradas pelos Estados Unidos.

d) derrubada das torres gêmeas do World Trade Center de Nova Iorque, ação comandada pelo iraniano Osama bin Laden, que tinha a intenção de destruir os centros de comando das Sete Irmãs do Petróleo instaladas naquele complexo de edifícios.

e) Revolução Islâmica ocorrida no Irã, em que grupos que eram a favor da nacionalização do petróleo, organizações islâmicas e movimentos estudantis apoiaram a rebelião que derrubou a monarquia pró-Estados Unidos e proclamou a República Islâmica do Irã.

13. (Vunesp-SP)

O Irã voltou a usar sua melhor arma na histórica disputa com os Estados Unidos. Não estamos falando de seu polêmico programa nuclear, tampouco de sua famosa Guarda Revolucionária, muito menos da controversa Força de Resistência Basij. Desta vez, trata-se de um acidente geográfico em sua costa: o Estreito de Ormuz.

(www.bbc.com, 06.08.2018. Adaptado.)



(revistaepoca.globo.com. Adaptado)

O Estreito de Ormuz possui importância geopolítica porque

a) comprehende uma das principais rotas de exportação de petróleo.

b) configura a porta de saída de refugiados do Oriente Médio para a Europa.

c) constitui uma centralidade logística à infraestrutura de comunicação com o ocidente.

d) corresponde à localização ideal para a instalação de bases espaciais.

e) abrange áreas privilegiadas para a exploração de minerais metálicos.

14. (Vunesp-SP)

Ainda sob o ruído dos protestos nas ruas dos países da região que mais produz petróleo, é impossível prever o desdobramento de todas as revoltas que começaram na Tunísia há pouco mais de dois meses. [...] A interrupção do fornecimento, ou o temor de que isso ocorra, tira o sono de governantes e empresários de todo o mundo. As últimas cinco recessões globais foram, todas elas, precedidas de altas agudas e repentinhas no preço do barril. [...] Mesmo com a alta repentina, a situação ainda está sob controle. A soma do gasto mundial com petróleo, hoje, equivale a 4,2% do PIB global, percentual bem abaixo dos registrados a partir de 1979 e em 2008.

(Exame, 09.03.2011. Adaptado.)

O medo, no início de 2011, de um novo choque do petróleo estava entrelaçado à região que mais o produz. A crise de instabilidade política ameaçava a distribuição e o fornecimento dessa matéria-prima da matriz energética e da diversificada cadeia da indústria química no mundo.

O texto refere-se à crise que envolve

a) a América Latina.

b) a Rússia.

c) o Oriente Médio.

d) a China.

e) a Europa.

15. (Enem/MEC)

No mundo árabe, países governados há décadas por regimes políticos centralizadores contabilizam metade da população com menos de 30 anos; desses, 56% têm acesso à internet.

Sentindo-se sem perspectivas de futuro e diante da estagnação da economia, esses jovens incubam vírus sedentos por modernidade e democracia. Em meados de dezembro, um tunisiano de 26 anos, vendedor de frutas, põe fogo no próprio corpo em protesto por trabalho, justiça e liberdade. Uma série de manifestações eclode na Tunísia e, como uma epidemia, o vírus libertário começa a se espalhar pelos países vizinhos, derrubando em seguida o presidente do Egito, Hosni Mubarak. Sites e redes sociais — como o Facebook e o Twitter — ajudaram a mobilizar manifestantes do norte da África a ilhas do Golfo Pérsico.

SEQUEIRA, C. D.; VILLAMÉA, L. A epidemia da liberdade. *Istoé Internacional*, 2 mar. 2011 (adaptado).

Considerando os movimentos políticos mencionados no texto, o acesso à internet permitiu aos jovens árabes

- a)** reforçar a atuação dos regimes políticos existentes.
- b)** tomar conhecimento dos fatos sem se envolver.
- c)** manter o distanciamento necessário à sua segurança.
- d)** disseminar vírus capazes de destruir programas dos computadores.
- e)** difundir ideias revolucionárias que mobilizaram a população.

16. (Enem/MEC)

Dubai é uma cidade-estado planejada para estarrecer os visitantes. São tamanhos e formatos grandiosos, em hotéis e centros comerciais reluzentes, numa colagem de estilos e atrações que parece testar diariamente os limites da arquitetura voltada para o lazer. O maior shopping do tórrido Oriente Médio abriga uma pista de esqui, a orla do Golfo Pérsico ganha milionárias ilhas artificiais (a Burj Dubai) e tem ainda o projeto de um campo de golfe coberto! Coberto e refrigerado, para usar com sol e chuva, inverno e verão.

Disponível em: <http://viagem.uol.com.br>.
Acesso em: 30 jul. 2012 (adaptado).

No texto, são descritas algumas características da paisagem de uma cidade do Oriente Médio. Essas características descritas são resultado do(a)

- a)** criação de territórios políticos estratégicos.
- b)** preocupação ambiental pautada em decisões governamentais.
- c)** utilização de tecnologia para transformação do espaço.
- d)** demanda advinda da extração local de combustíveis fósseis.
- e)** emprego de recursos públicos na redução de desigualdades sociais.

SÍNTSE

IBRAHIM YASOUF/AP/GETTY IMAGES



Este capítulo em 1 minuto



<http://ftd.li/s213geo61334oau002>

HISTÓRIA

34.

O COLAPSO DO SOCIALISMO E OS NOVOS NACIONALISMOS

Despedimo-nos dos tempos soviéticos. Dessa nossa vida. Tentarei escutar honestamente todos os participantes do drama socialista...

[...] Em pouco mais de setenta anos, no laboratório do marxismo-leninismo criou-se um tipo humano especial — o *Homo sovieticus* [...] porque o *Homo sovieticus* não são apenas os Russos, são também os Bielorrussos, os Turcomanos, os Ucranianos, os Cazaques... Agora vivemos em Estados distintos, falamos línguas diferentes, mas somos inconfundíveis.

[...]

Isto era o socialismo e era simplesmente a nossa vida. Nesse tempo pouco falávamos dela. Mas agora, que o mundo mudou irrevogavelmente, essa nossa vida tornou-se interessante para todos — não importa como ela fosse, era a nossa vida. [...]

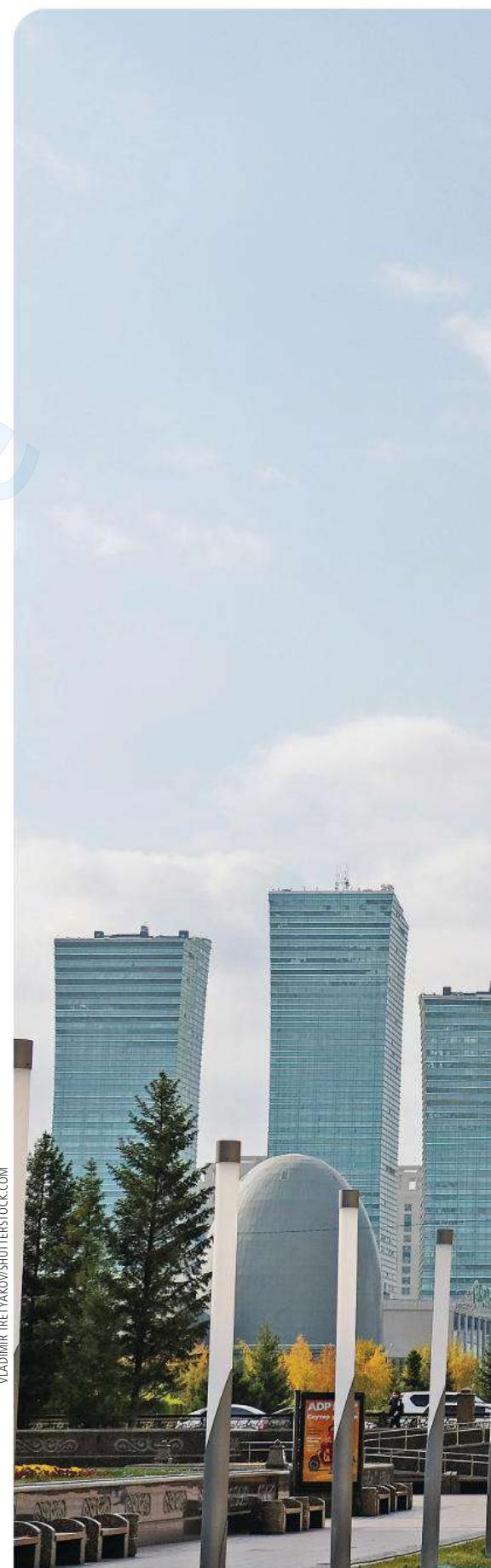
Passamos o tempo a falar de sofrimentos... Esse é o nosso caminho para o conhecimento. Os Ocidentais parecem-nos ingênuos, porque não sofrem como nós, têm medicamentos para qualquer borbulha. Pela nossa parte, nós estivemos nos campos de detenção, durante a guerra cobrimos a terra de cadáveres, arrastamos com as mãos nuas o combustível nuclear em Chernobil... E agora estamos sentados sobre os fragmentos do socialismo. Como depois da guerra. Somos assim triturados, somos assim espancados. Temos a nossa linguagem... A linguagem do sofrimento...

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **O fim do homem soviético.**

■ São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

- Com base na leitura do trecho da obra da escritora bielorrussa Svetlana Aleksiévitch (1948-), Prêmio Nobel de Literatura em 2015, refletir sobre os impactos do fim da União Soviética para os soviéticos e para o mundo.
- Os países que compunham o bloco soviético sofreram profundamente com o processo de desmantelamento do Socialismo, mas nas últimas décadas têm tentado se reerguer. Com base na observação da imagem, como você acredita que esteja sendo essa restruturação?

▲ Monumentos e arranha-céus no centro da cidade de Nursultan, Cazaquistão, 2020.



VLADIMIR TRETYAKOV/SHUTTERSTOCK.COM



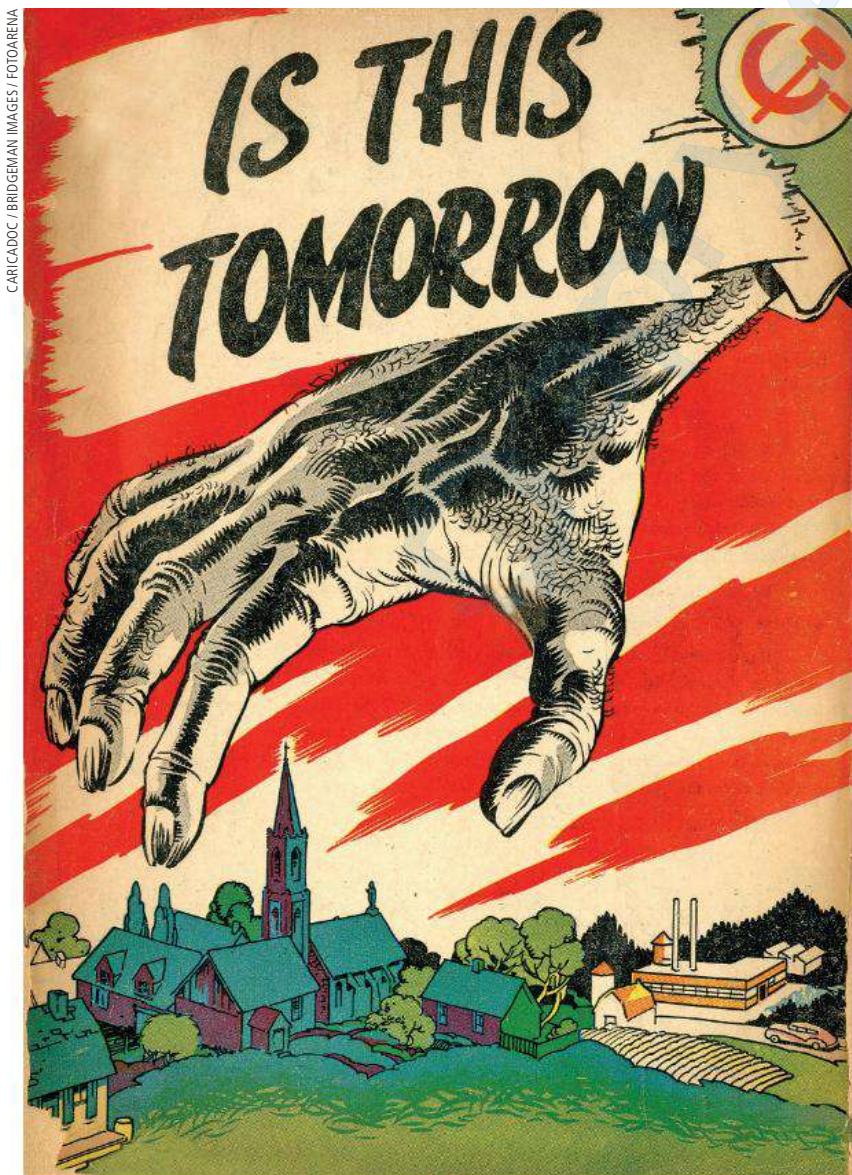
O COLAPSO DO SOCIALISMO SOVIÉTICO

A história do século XX está intimamente relacionada à ascensão e queda da União Soviética e do Socialismo. Em 1917 grupos políticos revolucionários derrubaram o governo czarista, tomando o poder na Rússia. Até 1939, ano em que se iniciou a Segunda Guerra Mundial, foi criada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que se expandiu sobre as regiões vizinhas, estabelecendo um vasto domínio, que se alongava do Leste Europeu até o continente asiático.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os soviéticos foram fundamentais para a vitória das forças aliadas sobre o Eixo, derrotando o bloco nazifascista, e também para a reorganização geopolítica do pós-guerra. Nesse contexto, a União Soviética passou a ocupar, ao lado dos Estados Unidos, a posição de principal potência econômica, militar e política do planeta.

A disputa entre essas duas potências deu início à chamada **Guerra Fria** (1946-1991), período em que o mundo ficou sob duas grandes zonas de influência relacionadas à União Soviética (socialista) ou aos Estados Unidos (capitalista). Ao longo desse período, o regime socialista soviético enfrentou grandes tensões que o levaram a importantes transformações e que provocaram finalmente seu declínio, especialmente a partir da década de 1970.

Para entender a crise da União Soviética, é necessário remontar às disputas travadas pelos soviéticos durante a Guerra Fria e à maneira como isso afetou os rumos políticos, sociais e econômicos dos governos socialistas.



▲ Capa do primeiro volume do Catechetical Guild Educational Society of Saint Paul, Minnesota, EUA, nov. 1947.

Indústria bélica soviética

Como vimos, uma característica fundamental da ordem geopolítica estabelecida ao final da Segunda Guerra Mundial foi a rivalidade entre as duas novas grandes potências: União Soviética e Estados Unidos. Nesse contexto de disputa, ambos os países dedicavam parte expressiva de seu orçamento ao desenvolvimento bélico e tecnológico.

Os soviéticos haviam saído do conflito mundial devastados e com grande parte de seu potencial industrial comprometido. Nesse cenário, o governo manteve a planificação da economia, cujos planos quinquenais direcionavam os investimentos prioritários do país. Com esses planos, foi possível retomar o desenvolvimento da agricultura, das indústrias de base e de energia, da exploração de recursos naturais e da infraestrutura do país. Os planos quinquenais permitiram a reconstrução dos países da União Soviética de maneira veloz e a transformaram em uma potência mundial. No contexto da Guerra Fria, da mesma forma que os governos estadunidenses, o governo soviético também optou pelo investimento na indústria bélica, ampliando recursos das forças armadas, aumentando o contingente do exército e criando novos equipamentos e armas.

Essas políticas possibilitaram o desenvolvimento industrial da União Soviética nas décadas de 1950 e 1960, bem como o rápido desenvolvimento de armas nucleares e da tecnologia aeroespacial. Porém, a falta de investimento tecnológico voltado a áreas como bens de consumo ou produção agrícola, e problemas sociais internos acabaram gerando estagnação da economia soviética, demonstrando os limites das políticas adotadas. Outro fator importante nessa crise foi o contexto mundial. O investimento na expansão das zonas de influência exigiu grandes aportes de capital. E os limites no comércio exterior, impostos pelo bloco capitalista, limitava o crescimento econômico.

▲ Grupo de jovens mulheres confeccionando granadas de mão em uma fábrica de armamentos em Moscou, 1942.



ALEXANDER USTINOV/SLAVA KATAMIDZE
COLLECTION/GETTY IMAGES

Nesse contexto, o líder soviético, Leonid Brejnev (1906-1982), que enfrentava a crise econômica interna, e o presidente estadunidense, Richard Nixon (1913-1994), que enfrentava uma grande crise política em seu país, iniciaram acordos para reduzir a corrida armamentista entre os dois países, em especial a corrida nuclear. Esse movimento ficou conhecido como **distensão** (*détente*, em francês) e teve início em 1972, quando Nixon visitou Moscou. Essa visita deu início às **Conversações sobre Limites para Armas Estratégicas** (SALT, sigla em inglês) que resultaram, mais tarde, na assinatura dos **Tratados de Limitação de Armas Estratégicas** (START, sigla em inglês), que tinham como objetivo a limitação da produção de armas estratégicas, entre elas, as armas nucleares.

▲ O presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, cumprimenta o general Leonid Brejnev, secretário do comitê central do Partido Comunista Soviético, após assinarem em Moscou, na União Soviética, os **Tratados de Limitação de Armas Estratégicas**, conhecido como Start, 26 de maio de 1972.



SOVFOTO/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

Porém, ainda no final da década de 1970, dois eventos realimentaram as tensões da Guerra Fria: a invasão soviética do Afeganistão (1979), que exigiu a intensificação dos gastos militares; e a eleição do republicano Ronald Reagan (1911-2004) em 1980, eleito por meio de um discurso ultraconservador, que ressaltava a necessidade de os Estados Unidos demonstrarem seu poder ao mundo, sobretudo aos soviéticos. Nesse contexto, os acordos diplomáticos da **distensão** começaram a ser abandonados e teve início uma nova corrida armamentista.

PRATIQUE

- Em 20 de janeiro de 1981 assumiu a presidência dos Estados Unidos o republicano conservador Ronald Reagan. Por que a chegada de Reagan à Casa Branca é um dos elementos que reaqueceram a Guerra Fria?

1 e 2 APROFUNDE

Neoliberalismo

Entre o final do século XIX e o início do XX muitos países adotaram políticas econômicas inspiradas no Liberalismo clássico. Naquele período, as potências industriais defendiam uma política de autorregulação do mercado e pouca intervenção do Estado na economia, o que, de acordo com essa teoria, promoveria um crescimento econômico e resolveria os problemas de desigualdade social.

A Crise de 1929, porém, fez que os países industrializados modifassem suas políticas econômicas e introduzissem mecanismos de intervenção no mercado. Inspirados nas teorias do economista John Maynard Keynes (1883-1946), foram implementadas políticas como o *New Deal*, em 1930. Dessa forma, o Capitalismo passou a ter alguns de seus aspectos regulados pelo Estado, o que contribuiu para a superação da Crise de 1929 e do pós-guerra, garantindo a retomada do crescimento econômico.

Ainda assim, muitos economistas, intelectuais e empresários continuaram a criticar a intervenção do Estado e defendiam um retorno aos princípios liberais. Essa retomada deu origem ao chamado **pensamento neoliberal**, ou **Neoliberalismo**. Tais ideias ganharam força a partir da década de 1970 em meio à desaceleração do crescimento econômico provocado pelas crises de abastecimento de petróleo, como a crise de 1973. Nesse cenário, alguns governos passaram a atuar visando à desregulamentação econômica e à retomada de seu crescimento, ainda que em detrimento do bem-estar da população.

Os primeiros países a adotar políticas neoliberais foram os Estados Unidos, no governo de Ronald Reagan (1981-1989), e a Grã-Bretanha, durante o mandato da primeira-ministra Margaret Thatcher (1925-2013), entre os anos de 1979-1990. Eles reduziram medidas de bem-estar social, privatizaram empresas e serviços públicos, cortaram gastos do Estado e derrubaram leis que controlavam as atividades das indústrias e do setor financeiro.

Para os neoliberais, as medidas tornariam o Estado menos oneroso para a sociedade e assim os empresários seriam estimulados a promover o desenvolvimento econômico, reduzindo a pobreza e as desigualdades sociais.

Porém, as políticas neoliberais ampliaram o desemprego e a desigualdade, já que os setores mais pobres da sociedade encontravam dificuldades no acesso a serviços essenciais, que se tornavam cada vez mais caros.

Mesmo com todos os problemas sociais causados pelo Neoliberalismo, ele foi adotado em diversos países, inclusive na América Latina, o que contribuiu para aumentar o abismo entre as camadas mais ricas e as camadas mais pobres da população desses países assim como o abismo entre as nações mais ricas e as mais pobres do mundo.



▲ Presidente estadunidense Ronald Reagan e primeira-ministra britânica Margaret Thatcher em um campo de golfe, a caminho de uma reunião em Aspen Lodge, no Reino Unido, década de 1980.

PRATIQUE

2. Elabore um pequeno texto explicando como as ideias neoliberais representaram uma quebra com relação às políticas econômicas que dominaram os países capitalistas até a década de 1970 e quais eram suas ideias para a retomada do crescimento econômico.

3 APROFUNDE

O lento declínio da União Soviética

Após a Revolução Russa (1917), os planos quinquenais transformaram o país por meio de um rápido processo de industrialização, tornando-se uma potência industrial caracterizada pela propriedade estatal dos meios de produção, a coletivização da terra e o planejamento estatal da economia. Com grande investimento em indústrias de base e na indústria bélica, e investimentos menores em bens de consumo para a população, a rápida expansão da indústria transformou a União Soviética em uma potência industrial e militar, sendo capaz de intervir militarmente em qualquer parte do planeta.

O modelo adotado apresentava uma série de problemas que culminaram na desaceleração e na estagnação econômica durante a década de 1970. Até então, a economia no país apresentava um crescimento industrial promovido, principalmente, pelos planos do Partido Comunista. Quando esse modelo começou a dar sinais de esgotamento, diversas reformas visando aumentar a autonomia das empresas soviéticas foram introduzidas. Porém, essas reformas acabaram por dificultar a fiscalização, permitindo o crescimento do mercado paralelo e da corrupção, que prosperou na estrutura burocrática do país.

Essa situação se agrava pela falta de investimento na produção de bens de consumo, que limitava o acesso da população a mercadorias de uso cotidiano, como alimentos e produtos de higiene pessoal. Tal condição restringia o crescimento econômico, já que não havia circulação de dinheiro no mercado interno.

A combinação desses elementos provocou estagnação econômica, acompanhada do empobrecimento da população. Condições precárias de sobrevivência, aliadas à falta de acesso ao consumo, impediam a autonomia das novas gerações, que ansiavam por novas perspectivas, influenciadas pelo estilo de vida ocidental.

Essa situação se agravou a partir de 1979, quando a União Soviética invadiu o Afeganistão em apoio a um governo aliado recém-instalado. O Afeganistão passava por um momento de grande instabilidade política desde um golpe de Estado militar que derrubou a monarquia naquele país, em 1973. Uma parte do **Partido Democrático do Povo do Afeganistão (PDPA)** apoiava o novo governo, enquanto a outra fazia forte oposição.

Em 1978, a ala de oposição do PDPA, de orientação socialista, conseguiu assumir o poder, proclamando a República Democrática do Afeganistão. No entanto, as disputas internas do partido continuaram, mantendo o clima de instabilidade no país. Além disso, apoiado pela União Soviética, o novo governo lançou diversas reformas que buscavam modernizar o país. Algumas dessas reformas, como a proibição de casamentos forçados e a alfabetização universal, provocaram a insatisfação na população islâmica e conservadora do país, que as enxergava como um risco às suas tradições e cultura. Outras reformas, como a agrária, ameaçavam os interesses da elite econômica do país que passou a financiar grupos contrários ao governo socialista. Assim, criou-se uma força de guerrilheiros islâmicos anticomunistas que buscavam derrubar o governo recém-instalado. Conhecidos como *mujahidin*, eles tentavam implantar um Estado teocrático islâmico.

Esse movimento deu início à **Primeira Guerra do Afeganistão**, que opôs grupos de guerrilheiros inspirados no fundamentalismo islâmico e as forças da situação, aliadas à União Soviética.

▲ Coluna de tanques soviéticos chegando para reforçar as organizações militares russas no Afeganistão, 30 de janeiro de 1980.



No contexto das zonas de influência da Guerra Fria, os Estados Unidos, junto de países como Paquistão, Arábia Saudita e China, interferiram na guerra, auxiliando economicamente os *mujahidins* e fortalecendo militarmente a oposição ao governo socialista. A participação dos Estados Unidos ocorreu por meio do envio de auxílios econômicos e bélicos sob disfarce, enviados ao Afeganistão por meio do serviço de inteligência do Paquistão, e do financiamento de organizações árabes muçulmanas, que deram origem a grupos como Talibã e Al-Qaeda. Com a invasão do Afeganistão pela União Soviética, os Estados Unidos foram um embargo econômico contra o Afeganistão, dificultando ainda mais sua recuperação econômica.

A guerra deu início a uma sequência de graves conflitos com consequências trágicas para os dois lados. Houve grande número de baixas do lado soviético e os elevados gastos militares agravaram a situação política e econômica do país. Em 1989, a União Soviética se retirou por completo do conflito. Sem o suporte soviético, o PDPA governou até 1992, quando perdeu apoio e foi derrubado em meio à guerra civil iniciada em 1978. Até os dias de hoje, o país sofre com um estado de guerra permanente, permeado por novas crises, conflitos territoriais e disputas por zonas de influência.

Em 1986, aconteceu outro fator importante para o agravamento da crise do regime soviético. A usina de Chernobyl, em Pripyat, na Ucrânia, foi palco do mais grave acidente nuclear da História. Uma explosão destruiu parte da usina e liberou grande quantidade de substâncias radioativas. Cerca de 4 mil pessoas morreram e mais de 500 mil foram afetadas, direta ou indiretamente. O acidente e a demora em reconhecê-lo e em alertar o mundo se tornaram um símbolo da ineficiência da burocracia soviética e intensificaram as críticas internas e externas ao governo do país.

▲ Usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, três dias depois da explosão, 29 de abril de 1986.



Em 1989, o governo da República Popular da Polônia, inserida na zona de influência soviética no Leste Europeu, iniciou negociações com o sindicato independente **Solidariedade**, formado por trabalhadores do porto da cidade de Gdansk. Fundado oficialmente em 31 de agosto de 1980, quando o governo assinou o acordo que permitiu a sua existência, esse sindicato surgiu como um movimento de trabalhadores que lutavam contra a burocracia e por direitos e melhores condições de vida e trabalho.

Em novembro de 1980, o Solidariedade se tornou uma federação nacional de sindicatos independentes, acabou se transformando em um amplo movimento social que tinha orientação nacionalista, defendia reformas liberais na Polônia e se opunha diretamente às estruturas político-administrativas impostas pela União Soviética. O governo polonês instituiu, em 1981 a Lei Marcial no país, com o intuito de diminuir a influência do Solidariedade, colocando-o na ilegalidade em 1982.

Porém, com o apoio dos Estados Unidos e da Igreja Católica, sob a liderança do papa polonês João Paulo II, o movimento conseguiu se manter clandestinamente. Reaberto em 1988, o Solidariedade conseguiu estabelecer com o governo negociações que deram início a uma série de reformas liberalizantes que marcaram o desmoronamento do regime comunista no país. Esse processo culminou, em 1990, com a eleição do líder sindical e um dos fundadores do Solidariedade, Lech Walesa, para presidente da Polônia, marcando o fim do regime socialista naquele país.

Esse contexto de crises políticas, sociais e econômicas, e com receio de que outros movimentos se inspirassem no Solidariedade, fez que as autoridades soviéticas iniciassem uma série de reformas visando à solução dos problemas enfrentados pela União Soviética e à diminuição das críticas e oposição ao regime.



▲ Lech Walesa, principal liderança do movimento Solidariedade, discursa na cidade de Varsóvia, capital da Polônia, em 1990.

História dos acidentes nucleares

O acidente nuclear de Chernobyl, ocorrido em Pripyat, na Ucrânia, em 26 de abril de 1986, quando problemas técnicos em um reator da usina resultaram na liberação de material radioativo, é considerado o maior desastre nuclear da História, atingindo o nível 7, o mais grave da Escala Internacional de Acidentes Nucleares (INES). Além desse acidente, apenas o de Fukushima, no Japão, atingiu o mesmo nível, ainda que tenha provocado menos impactos. No entanto, outros acidentes nucleares graves ocorreram em várias partes do mundo desde a década de 1970, inclusive no Brasil.

Pensando nisso, reúnam-se em pequenos grupos para investigar melhor esse tema.

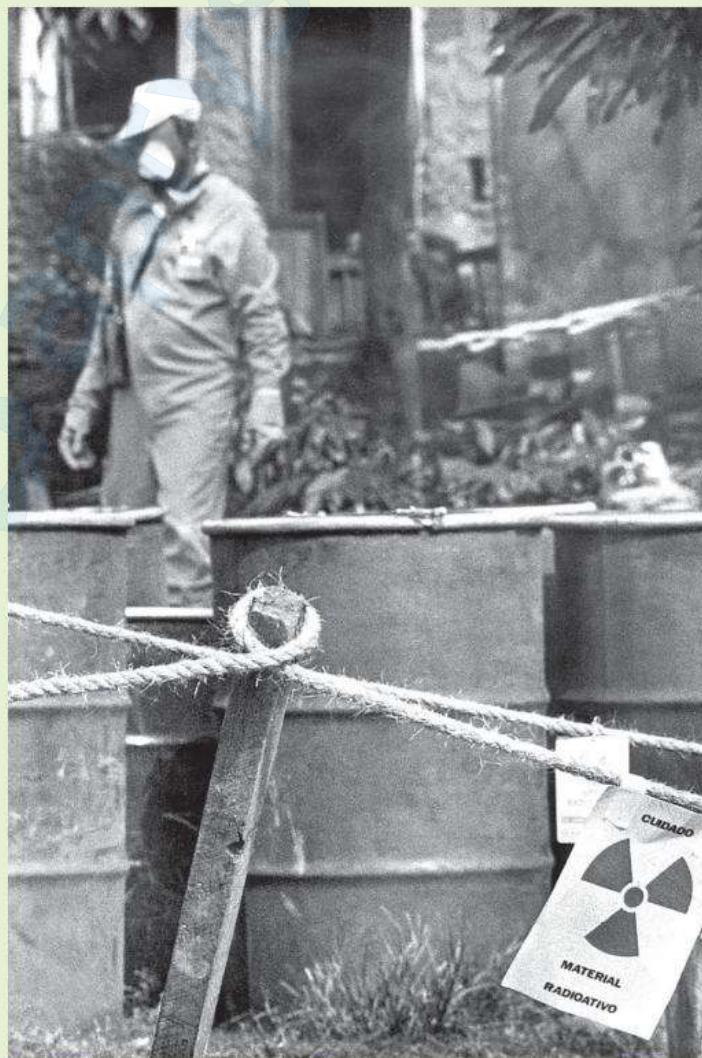
- Cada grupo deve pesquisar reportagens e artigos sobre um dos seguintes acidentes:

- a. Yucca Flat, Nevada, EUA (1970);
- b. Usina de Bohunice, na Tchecoslováquia (1977);
- c. Three Mile Island, Pensilvânia, EUA (1979);
- d. Césio-137, Goiânia, Brasil (1987);
- e. Usina Tomsk-7, em Seversk, na região da Sibéria, Rússia (1993);
- f. Usina nuclear Daiichi, em Fukushima, Japão (2011).

- A partir da pesquisa, cada grupo deve elaborar um cartaz ou painel virtual apresentando os principais elementos que marcaram o acidente nuclear: motivos, intensidade e gravidade do acidente, impactos e números de mortos, consequências na região na época do acidente e em períodos posteriores.

- Os trabalhos devem ser reunidos e compor um grande painel sobre a história dos acidentes nucleares. Cada grupo pode realizar uma breve apresentação oral de seu trabalho para a classe ou mesmo em uma mostra para o conjunto da comunidade escolar. A apresentação pode também ser realizada por meios digitais.

▲ Técnico da CNEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear) armazena lixo atômico em tambores na área contaminada durante o acidente radiológico com Césio-137, em Goiânia, Goiás, agosto de 1987.



YOSIKAZU MAEDA/O POPULAR/AE

Reformas políticas e econômicas

Em 1985, em meio a diversas crises sociais, políticas e econômicas, Mikhail Gorbachev assumiu o poder na União Soviética e deu início a um amplo programa de reformas com o objetivo de superar a estagnação econômica e evitar o colapso do regime soviético. Além disso, como forma de amenizar a insatisfação nos países do Leste Europeu, Gorbachev defendia o afrouxamento do controle soviético sobre esses territórios.

Ainda em 1983, o governo estadunidense intensificava a escalada militar, por meio da Iniciativa Estratégica de Defesa (SDI, sigla em inglês), que ficou conhecida como "Guerra nas Estrelas" e supostamente contaria com armas espaciais capazes de impedir um ataque militar. Do lado soviético, ao contrário, Gorbachev não cedeu à investida militar e propôs um acordo de desarmamento aos Estados Unidos, pelo qual comprometia-se a retirar mísseis soviéticos do território europeu.

CORBIS/GETTY IMAGES



▲ Encontro entre os líderes Gorbachev (à esquerda) e Reagan em Genebra, Suíça, novembro de 1985.

As medidas reformistas de Gorbachev foram colocadas em prática já em 1985, tendo sido norteadas por duas políticas: a **perestroika** e a **glasnost**.

A **perestroika** ("reconstrução", em russo) propunha mudanças na estrutura econômica do país. A ideia era implementar algumas reformas que estabelecessem mecanismos semelhantes ao livre mercado e, assim, incentivar o desenvolvimento econômico interno. O principal argumento para a realização dessas reformas era o de trazer maior eficiência ao Socialismo descentralizando a planificação econômica.

Para isso, o Estado cedeu o controle de empresas a cooperativas e pequenos coletivos de trabalhadores, permitindo a eles produzir e vender de acordo com a demanda, no entanto, parte da produção devia ser vendida ao Estado. Com mais autonomia, as empresas eram responsáveis pelo seu financiamento e o Estado deixou de socorrer empresas em falência. Além disso, a **perestroika** permitiu a entrada de capital estrangeiro por meio de investimentos em empresas. A implementação dessa política provocou escassez de produtos, elevando as tensões econômicas, sociais e políticas no país.

Já a *glasnost* ("transparência", em russo) foi uma reforma da estrutura burocrática visando reduzir o controle político do Partido Comunista, permitindo aos cidadãos soviéticos conhecer e discutir publicamente os problemas do Socialismo no país. Nesse sentido, a *glasnost* representou uma abertura política gradual e de liberdade de informação dentro da rígida estrutura do regime soviético.

A partir disso, reformas no Legislativo permitiram a candidatura múltipla nas eleições municipais e regionais; presos políticos foram libertados e a censura foi reduzida. Também foram permitidas a manifestação pública e a criação de associações de discussão política.

As reformas político-econômicas implementadas por Gorbachev foram vistas com desconfiança por segmentos do Partido Comunista. O que é inegável, porém, é o fato de que essas políticas incentivaram indiretamente o surgimento de movimentos nacionalistas no Leste Europeu, os quais passaram a se opor à influência soviética.

PRATIQUE

- Leia o texto a seguir.

Como o Talebã surgiu?

O Afeganistão já era um país de conflito armado constante havia pelo menos 20 anos, quando os Estados Unidos invadiram o território.

Em 1979, um ano após um golpe, o Exército soviético invadiu o Afeganistão para dar apoio ao governo comunista que havia se instalado no país.

Os soviéticos estavam lutando contra um movimento de resistência ao novo regime conhecido como mujahideen, que era apoiado por Estados Unidos, Paquistão, China e Arábia Saudita, entre outros.

Em 1989, tropas soviéticas se retiraram do país, mas a guerra civil continuou. No caos que se seguiu, o Talebã (que significa "estudantes" na língua pashto) nasceu.

O grupo assumiu grande relevância nas áreas de fronteira do norte — com o Paquistão — e no sudoeste do Afeganistão em 1994. Os talebãs prometiam lutar contra a corrupção e melhorar a segurança.

Na época, muitos afegãos estavam cansados dos excessos e disputas internas dos mujahideen durante a guerra civil.

Acredita-se que os talebãs surgiram primeiro em escolas religiosas — a maioria fundada pela Arábia Saudita, que prega uma interpretação rigorosa do islã.

Os talebãs passaram a promover a sua própria versão da Sharia, a lei islâmica, e introduziram punições brutais. Os homens eram obrigados a deixar a barba crescer e as mulheres, a usar burca, que cobre o corpo da cabeça aos pés.

O Talebã baniu televisão, música, cinema e era contra dar educação para meninas.

GUERRA no Afeganistão: 5 perguntas para entender o conflito armado mais longo já travado pelos EUA. BBC News, 9 set. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-49635386>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

Com base na leitura, elabore um texto em seu caderno relacionando o surgimento do "talibã" no Afeganistão ao fim da invasão soviética no país.

A queda do Muro de Berlim

Como vimos, ao final da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha foi dividida em quatro zonas de ocupação: a estadunidense, a inglesa, a francesa e a soviética. A divisão também ocorreu na capital do país, Berlim, e deu origem a uma separação entre Berlim Oriental, que ficou sob influência da União Soviética, e Berlim Ocidental, sob controle dos países capitalistas.

O muro construído no lado oriental para impedir o acesso a Berlim Ocidental existiu por 28 anos, de 1961 a 1989, e sua estrutura, que se estendia por 155 quilômetros, teve várias fases: nos primeiros anos, eram cercas de arame farpado, evoluindo para muros de concreto após 1965 e para a versão de segurança máxima, com torres de vigilância e seguranças armados, a partir de 1975. Após um período de proibição, os moradores do lado ocidental podiam entrar no lado oriental caso possuíssem autorização da embaixada da República Democrática da Alemanha, mas a entrada dos moradores de Berlim Oriental na parte ocidental só ocorria em casos excepcionais, como emergências familiares e a trabalho.

O muro foi um foco permanente de insatisfação para os alemães, em especial os berlineses, e muitos desejavam sua derrubada e a reunificação do país. No entanto, a força do regime soviético impediu mudanças nas políticas de fronteira, e o muro permaneceu em pé até o final dos anos 1980.

ROMAN NERUDI SHUTTERSTOCK.COM

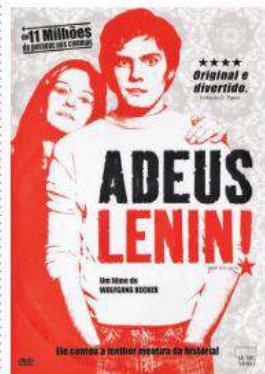


▲ Bonde saindo do setor estadunidense, Berlim, década de 1950.

|| AMPLIE ||

Adeus, Lenin!

Na Alemanha no início da década de 1990, uma mulher, membro do Partido Comunista Alemão, entra em coma antes do colapso do Socialismo. Ao voltar do coma, seu filho tenta esconder que o regime acabara e que as duas Alemanhas haviam sido unificadas. De forma bem-humorada, o filme trata da maneira como as grandes transformações políticas do período afetaram a vida cotidiana dos cidadãos que viviam nos países sob influência soviética.



SONY PICTURES CLASSICS

▲ Direção: Wolfgang Becker. Alemanha, 2003. (121 min).

|| AMPLIE ||

East Side Gallery

Em 1990, a maior seção do muro que ainda estava de pé foi transformada em uma galeria de arte, chamada de East Side Gallery (Galeria do Lado Leste). Centenas de artistas de mais de vinte países foram convidados para pintar um trecho do muro. Trata-se da maior galeria de arte a céu aberto do mundo. Para saber mais sobre a história da galeria e ver todas as intervenções artísticas, acesse o QR Code.



<http://ftd.li/ckr3ki>



BERLIN WALL FOUNDATION 2018 BY GERHARD LAHR

▲ Trecho da East Side Gallery

As mudanças na política externa soviética implementadas no governo Gorbachev promoveram a abertura das fronteiras do Leste Europeu aos países da Europa Ocidental. Primeiro na Polônia, depois na Hungria e finalmente na República Democrática da Alemanha. Isso estimulou novos movimentos migratórios dos países do Leste para o Oeste Europeu. Foi nesse contexto de deslocamento que ocorreu a queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989. Embora o muro tenha levado meses para vir completamente abaixo, as imagens dos alemães destruindo-o com martelos e marretas correu o mundo, tornando-se símbolo desse momento histórico. A queda foi um dos marcos do fim da Guerra Fria e, consequentemente, da ordem mundial caracterizada pela bipolaridade Estados Unidos x União Soviética. Mais do que isso, marcou o início do colapso do Socialismo real.

Em poucos meses, foram organizadas eleições livres na Alemanha Oriental, sendo proposta sua incorporação pela Alemanha Ocidental, com unificação monetária e econômica. O plano ocidental foi democraticamente aceito e, após conversações diplomáticas, o Exército soviético retirou-se do território alemão. Em outubro de 1990, foi oficializada a reunificação da Alemanha.

Apesar do entusiasmo inicial, a reunificação teve altos custos sociais, como o desemprego: cerca de 20% da população da Alemanha Oriental ficou desempregada. As tensões sociais decorrentes da reunificação foram sentidas por anos até a efetiva reintegração.

▲ Alemães dos lados oriental e ocidental tomam as ruas para comemorar a queda do Muro de Berlim, em 9 de novembro de 1989.



DPA/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES

• DESENVOLVENDO ▲ HABILIDADES •

A vida segue em Chernobyl, 35 anos após o pior acidente nuclear do mundo

Todos os anos, em 25 de abril, durante a noite, pessoas se reúnem em torno de um anjo fixado no topo de um pedestal de pedra na cidade de Chernobyl, no norte da Ucrânia. O corpo do anjo é todo feito de aço [...]. Essa escultura representa o terceiro anjo do Livro do Apocalipse. De acordo com a Bíblia, quando essa trombeta soou, uma grande estrela caiu do céu, as águas tornaram-se amargas e muitos morreram.

Essa parábola se tornou um símbolo para o desastre nuclear de Chernobyl, que começou à 1:24 da manhã do dia 26 de abril de 1986, quando uma explosão atingiu o reator número quatro da Usina Nuclear de Chernobyl, a apenas 17 quilômetros da cidade. Embora tenha havido evacuações em massa após o acidente, a área imediata nunca ficou totalmente desabitada, e nem poderia ficar. Uma catástrofe radioativa dessa magnitude é perigosa demais para ser abandonada. Até hoje, mais de sete mil pessoas vivem e trabalham dentro e ao redor da usina, e um número muito menor voltou para as aldeias vizinhas, apesar dos riscos.

[...]

Enquanto as partículas radioativas eram levadas para longe, o esforço de limpeza se concentrou na Zona de Exclusão de Chernobyl, formada em um raio de 30 quilômetros do marco zero. As evacuações da zona tiveram início 36 horas após o acidente, começando pelos 50 mil habitantes de Pripyat, uma cidade a apenas três quilômetros de distância da usina nuclear e construída para abrigar os trabalhadores da usina e suas famílias. Pripyat, com seus prédios de apartamentos, *playgrounds* e monumentos públicos, continua sendo uma cidade fantasma até hoje. [...]

Mas, enquanto milhares de pessoas eram evacuadas de casas para as quais nunca voltariam, outros milhares de pessoas estavam chegando. A maioria tinha sido enviada para trabalhar na descontaminação, outras vieram pela ciência e outras ainda desafiaram as ordens de evacuação e voltaram para suas aldeias o mais rápido possível.

KINGSLEY, Jennifer. A vida segue em Chernobyl, 35 anos após o pior acidente nuclear do mundo.

National Geographic, 30 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2021/04/a-vida-segue-em-chernobyl-35-anos-apos-o-pior-acidente-nuclear-do-mundo>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

1. Aponte algumas das consequências da precipitação radioativa que marcou o acidente nuclear de Chernobyl, tanto no momento do episódio quanto atualmente.
2. Explique como o acidente nuclear provocou a expulsão de milhares de pessoas de suas casas mas, ao mesmo tempo, acabou atraindo outros grupos para a região.
3. Quais fatores levaram o acidente de Chernobyl a se tornar um dos marcos da decadência do regime soviético?
4. A catástrofe de Chernobyl levantou fortes questionamentos acerca das políticas de produção de energia nuclear, principalmente no sentido de sua utilização para fins bélicos. Reúna-se com seus colegas e debatam sobre a situação da tecnologia nuclear no presente, reunindo argumentos favoráveis e contrários à utilização desse tipo de fonte energética.

- 4.** Leia o trecho da reportagem a seguir, que trata das consequências da queda do Muro de Berlim trinta anos depois.

“A reunificação não foi um diálogo, foi uma integração da Alemanha Oriental na Alemanha Ocidental”, afirma o pesquisador alemão Oliver Stuenkel, coordenador da pós-graduação em relações internacionais da FGV-SP. “A nova Alemanha reunificada seguia todas as regras e normas que já tinham sido vigentes na Alemanha Ocidental, o que criou a impressão entre muitos cidadãos da parte oriental de que estavam num novo país enquanto pouco mudou para a população da Alemanha Ocidental”. [...]

Para Rödder [Andreas Rödder, professor da Universidade de Mainz e autor de um livro sobre a reunificação], a forma como a reunificação foi conduzida criou um sentimento de inferioridade e de ressentimento [...]. É por isso que muitos sentem o que é chamado de “Ostalgie” — nostalgia da vida na Alemanha comunista. Para usar uma expressão repetida por muitos alemães dos dois lados, o muro de Berlim caiu, mas ainda há “um muro na cabeça” que só o tempo irá derrubar.

BERALDO, Paulo. 30 anos depois, marcas da reunificação ainda dividem Alemanha. **O Estado de S. Paulo**, 27 out. 2020. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,30-anos-depois-marcas-da-reunificacao-ainda-dividem-alemania,70003489166>>. Acesso em: 27 jul. 2021.

Com base nos elementos apresentados na reportagem, discuta os impactos da queda do Muro de Berlim para a população alemã e as marcas desse processo ainda presentes atualmente.

6 e 7 APROFUNDE

Movimentos nacionalistas no Leste Europeu

Além da abertura das fronteiras dos países do Leste Europeu, as mudanças associadas à *glasnost* tiveram como desdobramento o estímulo ao nacionalismo e o ápice de movimentos contra o regime soviético, que se alastraram tanto nesses países quanto nos territórios que formavam as repúblicas soviéticas.

Por exemplo, novos partidos políticos se formaram na Hungria em 1988; a Polônia passou pela ascensão do grupo Solidariedade em 1989 e, na Estônia, ambientalistas combateram duramente o governo soviético.

Já nas repúblicas bálticas da Letônia e Lituânia, dissidentes do Partido Comunista se opuseram à ocupação soviética e o idioma russo foi abolido nas escolas; em 1990, ambos os países se declararam independentes.

Em 1989, a Romênia foi tomada por uma ampla revolta depois da deportação de um pastor de origem húngara. Em decorrência disso, após violentos conflitos, o ditador Nicolai Ceausescu (1918-1989) e sua esposa foram executados pela população.

Incapazes de reagir aos novos movimentos nacionalistas no Leste Europeu e de adotar medidas políticas para reverter o cenário, os governos socialistas desmoronaram rapidamente.

Além do Leste Europeu, outras regiões sob influência da União Soviética se rebelaram contra o regime. Caso do Cazaquistão, que, em 1986, se viu em meio a uma revolta popular contra a nomeação de um russo para o alto escalão do Partido Comunista. Após provocar muitos feridos e deixar dois mortos, o movimento foi controlado. No ano seguinte, protestos nacionalistas reivindicando abertura política ocorreram também contra as autoridades soviéticas na Crimeia, nos países bálticos e na Moldávia.

▲ Manifestantes romenos comemoram a execução de Ceausescu, Bucareste, Romênia, 25 de dezembro de 1989.



Iugoslávia

O fim do Socialismo na Iugoslávia resultou em um conflito étnico-religioso, já que o país era formado por povos de diversas origens, como croatas, eslovenos, bósnios, sérvios, macedônios, montenegrinos, albaneses, búlgaros e húngaros, que praticam religiões distintas: os sérvios são cristãos ortodoxos, os bósnios são em sua maioria muçulmanos, e os croatas, católicos.

Com a expulsão dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, sob o comando de Josip Broz Tito (1892-1980), ou Marechal Tito, em 1945 foi criada a República Socialista Federativa da Iugoslávia, uma nação que englobava as seis repúblicas autônomas na Iugoslávia: Croácia, Eslovênia, Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Macedônia, Montenegro e, após 1960, Kosovo e Voivodina, antes pertencentes à Sérvia.

|| AMPLIE ||

Quo Vadis, Aida?

Filme bósnio que recria o terrível Massacre de Srebrenica a partir da visão de uma tradutora da ONU que tenta desesperadamente salvar a própria família e ajudar a sua comunidade.



▲ Direção: Jasmila Žbanić.
Bósnia e Herzegovina,
2021 (101 min).

DEBLOCKADA FILM ET AL SYNAPSE DISTRIBUTION

NAZLICAN BOSNA KARABYIK SHUTTERSTOCK.COM

A lugoslávia também não passou intacta pela onda nacionalista europeia que se seguiu ao desmantelamento da União Soviética. Em meio a uma grave crise econômica, foi conduzido ao poder, na Sérvia, o presidente Slobodan Milosevic (1941-2006). Ele defendia a união da lugoslávia sob um governo central sérvio, opondo-se ao separatismo das demais repúblicas.

Contrários à hegemonia sérvia, eslovenos, croatas e albaneses de Kosovo se uniram. Como represália, Milosevic impôs um embargo econômico à Eslovênia. A ação repercutiu na economia sérvia, já que Eslovênia e Croácia eram as repúblicas mais ricas da lugoslávia.

A separação da lugoslávia iniciou-se em junho de 1991, quando Eslovênia e Croácia declararam independência da federação. A guerra da Eslovênia durou apenas alguns dias e logo as tropas iugoslavas retiraram-se. Já a Croácia era composta de uma minoria de sérvios que, apoiada pelo governo da Sérvia, rebelou-se e conquistou 25% do território croata. Em 1991, a Macedônia também declararia independência.

Nesse contexto, começaram também conflitos em torno da independência da Bósnia. O país era marcado por grande diversidade étnica, com uma população dividida entre bósnio-muçulmanos, sérvios e croatas, que defendiam interesses diversos. Os bósnios defendiam a independência total do país, os sérvios defendiam a anexação dos territórios bósnios à lugoslávia e os croatas defendiam a anexação total da Bósnia à Croácia.

Essas disputas deram origem a uma violenta guerra, que teve início em abril de 1992, quando forças sérvio-bósnias, lideradas por Radovan Karadzic (1945-), passaram a atacar os bósnios. A principal marca do conflito foi a tentativa sérvia de realizar uma limpeza étnica, exterminando a população bósnia. Em inúmeras regiões da Bósnia ocorreram massacres, sendo o mais conhecido deles o chamado Massacre de Srebrenica, ocorrido em julho de 1995, quando mais de oito mil bósnios muçulmanos foram executados pelas forças sérvias.

Composição populacional da lugoslávia



Em 1995, bombardeios da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) em territórios sérvios forçaram uma negociação de paz. Para tentar manter um convívio pacífico no país, foram criadas divisões internas para acomodar os diferentes grupos étnicos: a Federação da Bósnia e Herzegovina, sob controle de bósnios e croatas, e a República Sérvia da Bósnia, sob controle dos sérvios.

Com o final da guerra, muitos dos envolvidos no conflito foram julgados em tribunais internacionais e acabaram condenados por genocídio e crimes de guerra, como é o caso do líder sérvio Radovan Karadzic, condenado a 40 anos de prisão.

PRATIQUE

5. Leia o trecho da reportagem a seguir.

Tribunal da ONU condena general sérvio por genocídio

Corte confirma prisão perpétua para Ratko Mladic, ex-líder militar sérvio-bósnio condenado por crimes contra a humanidade e de guerra na antiga Iugoslávia, como o massacre em Srebrenica.

Um tribunal de guerra da ONU confirmou [...] a pena de prisão perpétua para o ex-líder militar sérvio Ratko Mladic, de 78 anos, por causa do massacre de Srebrenica e outros crimes de guerra, além de genocídio e crimes contra a humanidade cometidos durante a Guerra da Bósnia (1992-1995).

A sentença para o ex-general, apelidado de “açougueiro da Bósnia” ou “carniceiro dos Balcãs”, é definitiva, não cabe mais recurso.

TRIBUNAL da ONU condena general sérvio por genocídio. **Deutsche Welle**, 8 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/tribunal-da-onu-condena-general-s%C3%A9rvio-por-genoc%C3%ADo/a-57819694>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

O ex-líder militar sérvio Ratko Mladic foi acusado de crimes contra a humanidade e de ser o mandante de um genocídio. O que é “genocídio”? Exemplifique comentando o caso de Mladic.

O fim da União Soviética e do regime comunista

O colapso do regime socialista no Leste Europeu deixou claro que, apesar das reformas de Gorbachev visarem à retomada do crescimento econômico soviético, elas fracassaram, despertando movimentos nacionalistas e a luta contra o Comunismo.

Assim como no Leste Europeu, eclodiram protestos contra as condições de vida e o controle político no interior da própria União Soviética. Ondas de greves eclodiram nas repúblicas, entre elas, a de funcionários das minas de carvão na Ucrânia (1989), evidenciando a dificuldade do governo soviético em dialogar com movimentos críticos ao regime.

Gorbachev também perdeu apoio entre as lideranças da burocracia soviética, que passaram a defender que a manutenção do regime soviético só seria possível barrando as reformas iniciadas por ele, e com um duro controle político e econômico do país.

Tais ideias ganharam força entre 1990 e 1991, com a realização nas repúblicas soviéticas de referendos que defendiam a emancipação desses territórios. Decisões semelhantes tiveram lugar na Geórgia, Moldávia, Armênia e Ucrânia.

Diante do receio da dissolução da União Soviética, lideranças do Partido Comunista soviético deram início a um golpe de Estado que visava derrubar Gorbachev e retomar o controle do país. Entretanto, o golpe fracassou, e seus articuladores foram vencidos com um contragolpe comandado por Boris Yeltsin, então presidente da República Russa.

Com essa manobra, Gorbachev permaneceu no poder, mas a força política havia passado para as mãos de Yeltsin. Assim, o Partido Comunista foi dissolvido. No início de dezembro de 1991, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas deixou de existir.

CORBIS/VCG/GETTY IMAGES



▲ Líder soviético Mikhail Gorbachev e Boris Yeltsin em encontro após a tentativa de golpe de Estado em 1991.

Entre agosto e dezembro de 1991, diante do clima de instabilidade política, as repúblicas participantes da União Soviética passaram a declarar formalmente independência. Em dezembro de 1991, a Rússia fundou o bloco econômico da **Comunidade dos Estados Independentes (CEI)**, apoiada por onze repúblicas que formalizaram seu ingresso na nova organização política. Com isso, as ex-repúblicas passavam a ter governos autônomos e independentes.

PRATIQUE

6. Em dezembro de 1991, a Rússia fundou a Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Qual a diferença entre a CEI e a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), extinta nesse mesmo momento?

APROFUNDE 10 a 12

Nova política, outras guerras

Na prática, o final da União Soviética impulsionou reivindicações nacionalistas e os primeiros anos foram marcados por grande instabilidade política, com a formação das repúblicas de Armênia, Azerbaijão, Belarus, Cazaquistão, Federação Russa, Geórgia, Moldávia, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão.

A criação da CEI possibilitou a elaboração de medidas políticas e econômicas que visavam evitar a ruína das novas repúblicas independentes, pois, com exceção dos estados bálticos, o antigo território soviético manteve a proximidade política e econômica.

Ainda assim, a transição do Socialismo ao Capitalismo nas novas repúblicas, com a adoção de medidas liberais para criar um mercado livre, foi marcada por grandes dificuldades econômicas e sociais. Com a desestruturação dos aparatos estatais de proteção social, a elevação da pobreza e a desigualdade social foram marcantes.

Mesmo com sinais de estabilização, a economia das ex-repúblicas soviéticas se tornou dependente das flutuações internacionais do Capitalismo e de suas crises. Em 1998, por exemplo, a crise econômica internacional afetou duramente a economia russa, trazendo instabilidade e reforçando as desigualdades sociais da região.

Guerras na Chechênia

Os conflitos separatistas entre os países da antiga União Soviética envolveram diferentes etnias e nacionalidades. A Chechênia, no extremo oeste da Rússia, na região do Cáucaso, é uma das repúblicas da região que, ainda em 2021, luta por autonomia; o país autodeclarou-se independente em 1991. A recusa russa em aceitar essa independência deflagrou a Primeira Guerra da Chechênia (1994-1996). Em 1994, os russos decidiram enviar tropas para a região com o objetivo de reprimir o movimento separatista e garantir o controle do território.

Com um saldo de cerca de 40 000 mortos, o conflito se encerrou com um acordo de cessar-fogo e a admissão da derrota por parte da Rússia. Porém, a solução sobre a condição chechena foi adiada. Mesmo com um acordo de paz entre os dois países, a instabilidade na região perdurou, e um novo conflito iniciou-se em 1999, quando movimentos terroristas islâmicos passaram a atacar o governo russo na região.

- ▲ Composta por 11 ex-repúblicas da União Soviética, a CEI estabelece políticas de cooperação econômica entre os países-membros.

Fonte: GIRARDI, Gisele; ROCHA, Jussara Vaz. **Atlas geográfico do estudante**. São Paulo: FTD, 2016. p. 144.



Sobreviventes e escombros do Socialismo

O fim dos regimes socialistas na Europa e na antiga União Soviética não significou a queda de todos os governos socialistas do planeta. Em outras regiões, alguns se mantiveram no poder, adaptando-se à realidade do período que se seguiu ao fim da União Soviética.

No América Central, o regime socialista cubano, liderado por Fidel Castro, permaneceu no poder, ainda que sem a ajuda econômica soviética, que aliviava o efeito do embargo econômico decretado pelos Estados Unidos desde a década de 1960. Com o fim da União Soviética, a situação econômica de Cuba ficou muito difícil, já que grande parte das negociações do país estava ligada aos soviéticos, e o governo de Fidel Castro decidiu flexibilizar a economia e promover medidas de abertura para atividades capitalistas. Em 2008, problemas de saúde afastaram Fidel Castro do poder após quase cinquenta anos, sendo substituído por seu irmão, Raúl Castro. Em abril de 2018, Raúl foi sucedido por Miguel Díaz-Canel, o primeiro chefe do Executivo da ilha após quase sessenta anos de controle da família Castro.

No Leste da Ásia, a Coreia do Norte mantém até hoje um regime comunista rígido, fechado e militarista, organizado em torno de uma mesma família: Kim Il-sung, considerado o fundador do país, governou de 1948 até sua morte, em 1994, sendo sucedido por seu filho, Kim Jong-il, que governou de 1994 a 2011, e finalmente por seu neto, Kim Jong-un, atual líder supremo do país.

O Vietnã, desde o fim da guerra, em 1975, que resultou na vitória do Vietnã do Norte, passou a ser a República Socialista do Vietnã. A partir da década de 1980, com a crise do mundo socialista, o país vive uma lenta transição de uma economia planificada para uma de mercado, mantendo, entretanto, o poder do partido único, comunista.

A China, uma das mais importantes potências do mundo socialista, vive, desde a década de 1970, um processo de abertura econômica. Em 1976, com a morte de Mao Tse-tung, grande líder da Revolução Chinesa, Deng Xiaoping conquistou o poder e lançou um processo de reforma e abertura. Desde o final de 1978, o governo chinês conduziu um processo que transformou a economia planificada e centralizada, até então bastante fechada ao comércio internacional, em uma economia de mercado com papel fundamental na economia global.

Essas reformas estagnaram-se após o episódio conhecido como o Massacre da Praça da Paz Celestial (1989), quando manifestações populares pacíficas foram duramente reprimidas pelo governo da República Popular da China, resultando no assassinato de um grande número de civis. No entanto, as reformas foram retomadas a partir de 1992, tendo um caráter mais econômico do que político, o que faz hoje da China uma das principais potências econômicas, centro do comércio capitalista mundial, ainda que mantenha uma estrutura política de partido único sob controle do Partido Comunista local.

• As profissões e a preservação do patrimônio

O final da década de 1980 e o início da década de 1990 assistiram à derrocada do mundo socialista, com o fim da União Soviética, a queda do Muro de Berlim e a reordenação do mapa europeu com a eclosão de diversos movimentos nacionalistas e separatistas.

Uma fase da História se fechava e o mundo da Guerra Fria se reduzia a escombros e ruínas. Mas essas ruínas são partes fundamentais da História desses países e precisam ser mantidas e preservadas. Nesse sentido, as profissões ligadas ao universo da preservação do patrimônio histórico e cultural ganharam especial relevância em um contexto de transformações tão intensas e rápidas.

A preservação da memória e da história de um determinado momento são premissas fundamentais do trabalho do historiador. No entanto, outros profissionais estão envolvidos nessa tarefa. É o caso dos arquitetos, importantes atores na definição de políticas públicas de preservação de patrimônio, e dos técnicos ligados à área de conservação e restauro, essenciais para garantir a salvaguarda de elementos da cultura material que simbolizam um período histórico.

A importância desse trabalho é visível no contexto dos países que fizeram parte do bloco soviético e que hoje, após as transformações ocorridas a partir da década de 1980, agem para a preservação do patrimônio ligado à sua história, inclusive com ações voltadas ao incentivo do turismo.



MAX_355/SHUTTERSTOCK.COM

▲ Estátua de Lênin, em Minsk, Belarus, outubro de 2020.

PRATIQUE

7. Um estudo do banco de investimentos J. P. Morgan, publicado em 2021, estima que a China deva superar os EUA como maior economia do mundo em 2027. Quais elementos que marcaram a trajetória econômica da República Popular da China podem ser apontados como centrais para permitir esse desempenho econômico?

Blocos econômicos regionais e globalização

Com o fim da União Soviética e da Guerra Fria, o mundo viveu a formação do que ficou conhecida como **Nova Ordem Mundial**. As relações internacionais passaram a se configurar a partir de uma divisão multipolar do globo, o que significa que surgiram novos centros de poder no planeta, com novas disputas políticas e econômicas, impedindo que os Estados Unidos se posicionassem como força hegemônica.

Além disso, o fim da Guerra Fria abalou a divisão mundial entre países capitalistas e socialistas. A partir de então, a maior parte dos países passou a seguir o modelo econômico capitalista e a disputar recursos econômicos com outras regiões. Foi no contexto hegemônico capitalista que os blocos econômicos ganharam importância na organização do sistema internacional.

União Europeia

A unificação das economias de alguns estados europeus foi um processo lento e gradual, envolvendo discussões diplomáticas sobre a melhor maneira de associá-las.

Esse processo foi iniciado na década de 1940, com a associação entre Bélgica, Holanda e Luxemburgo, que deu origem ao **Benelux**, bloco que tinha por objetivo a padronização alfandegária e a liberdade de comércio entre os países-membros. Na década de 1950, o Benelux associou-se à Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (Ceca), que daria origem à **Comunidade Econômica Europeia (CEE)**, formada pelo núcleo inicial associado à França, Alemanha Ocidental e Itália. Em 1957, foi criado, pelo chamado Tratado de Roma, o **Mercado Comum Europeu**, primeiro bloco econômico a permitir a livre circulação de pessoas entre os países-membros da CEE. Em 1973, o bloco recebeu a adesão do Reino Unido, Irlanda e Dinamarca; Grécia, Portugal e Espanha foram aceitos na CEE na década de 1980.

Em 1992, foi assinado o **Tratado de Maastricht**, por meio do qual a CEE passou a se chamar **União Europeia (UE)**. A partir de então, estava criada a cidadania europeia, que permitia a livre circulação e residência de pessoas originárias de todos os países do bloco, bem como se definiu a criação de uma moeda única, o euro, que entraria em circulação em 2002. Nesse período, aderiram ao bloco Áustria, Suécia e Finlândia.

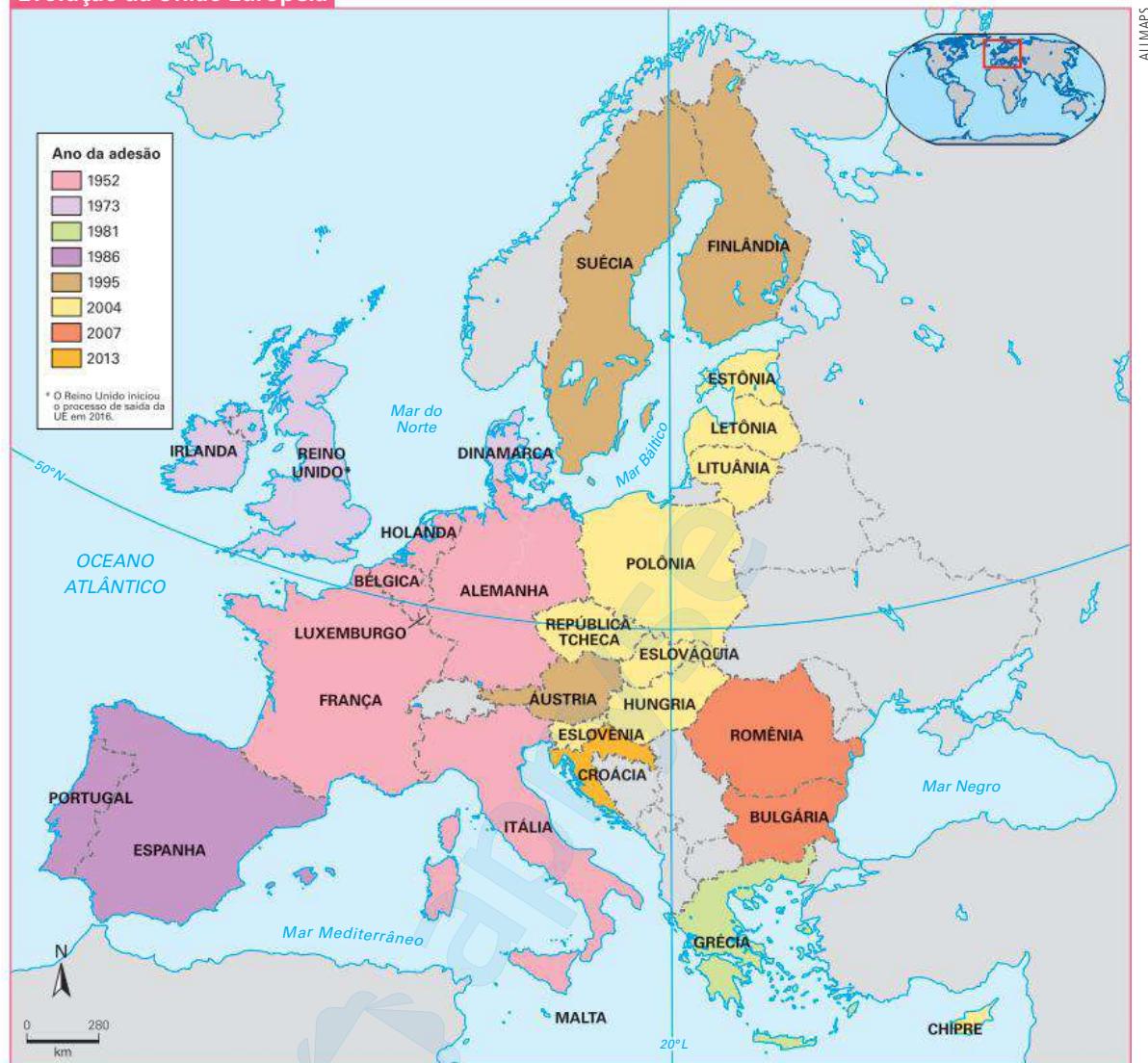
Em 2004, em busca de ajuda para enfrentar o mercado mundial, alguns dos antigos países comunistas do Leste Europeu, como Estônia, Letônia e Lituânia, foram incorporados ao bloco.

A União Europeia tornou-se, assim, o maior bloco econômico de livre-comércio, contando hoje com 27 Estados-membros, uma população de aproximadamente 450 milhões de habitantes e uma união política que coexiste aos diversos governos locais que, no entanto, continuam existindo.

Na última década, a UE vem sofrendo uma série de abalos. Em junho de 2016, um plebiscito foi realizado na Grã-Bretanha para decidir pela permanência ou não do país no bloco. Chamado de Brexit (uma abreviação de "Britain" e "Exit"), o plebiscito apontou a vitória da saída do bloco com 52% dos votos.

Em março de 2017, o Reino Unido entregou sua carta de saída da União Europeia, o que deu início a um longo processo de negociações para definir os termos da separação. Apenas em 31 de janeiro de 2020 se efetivou a saída formal do Reino Unido.

Evolução da União Europeia



ALLMAPS

Fonte: GIRARDI, Gisele; ROCHA, Jussara Vaz. **Atlas geográfico do estudante**. São Paulo: FTD, 2016. p. 139.

Integrante do bloco desde 1973, a saída do Reino Unido significou um duro golpe para a UE. Além disso, a crise econômica em diversos países, como Grécia e Espanha, assim como o fortalecimento de novos polos nacionalistas e de extrema-direita, que defendem medidas semelhantes ao Brexit, ameaçam a continuidade do bloco.

Atualmente, muitas incertezas cercam a continuidade das políticas de integração promovidas pela UE. A possibilidade de agravamento de um quadro de crise econômica, assim como o aumento das taxas de desemprego, têm gerado muitas discussões, levando alguns dos países econômica e politicamente dominantes a culpar os países mais frágeis pelos problemas econômicos do bloco, gerando tensões e conflitos.

Outro tema que tem causado atritos é a atual crise de refugiados. A UE assumiu a defesa de ajuda humanitária aos refugiados, promovendo seu acolhimento e a abertura das fronteiras, postura que confronta as ideias de vários grupos políticos e contraria as ações de países como a Hungria, que criminalizou a entrada ilegal de imigrantes.

Nafta e USMCA

O Nafta foi um bloco regional composto por Estados Unidos, Canadá e México. Entrou em vigor no início de 1994, como contraponto à União Europeia. O bloco estabeleceu acordos de redução das taxas alfandegárias, sem englobar união política, econômica ou monetária. Dessa forma, há livre circulação de mercadorias, mas não de pessoas.

O Nafta pretendia estimular o comércio entre os membros do bloco e promover o crescimento do emprego e a produção econômica. Mas os resultados não foram satisfatórios e os efeitos para a economia do bloco foram, em sua maioria, negativos.

De modo geral, não houve criação de empregos sustentáveis nos países do Nafta. Nos Estados Unidos, por exemplo, empresas deixaram de expandir seus negócios para instalar unidades produtivas no México, onde os salários eram menores e as condições de trabalho mais flexíveis. Isso impossibilitou a redução do desemprego estadunidense, não ajudou a combater a desigualdade mexicana e provocou ondas migratórias para as regiões que ofereciam salários e condições de vida melhores.

Além disso, os acordos comerciais do Nafta resultaram em *déficits* econômicos estadunidenses decorrentes da ampliação da importação de produtos mexicanos e canadenses. Por outro lado, os mexicanos se comprometeram a importar grande quantidade de milho e derivados americanos, o que arruinou um grande número de produtores rurais nacionais.

Em 2016, a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos provocou tensão entre EUA e México, em razão de propostas como a construção de um muro separando a fronteira entre os países. Em 27 de agosto de 2018, o Nafta foi oficialmente desfeito, sendo substituído por um novo acordo comercial entre os três países denominado de USMCA (sigla em inglês para Acordo Estados Unidos, México e Canadá). Proposto pelo governo estadunidense, o novo acordo recua em muitas das intenções de promover o livre-comércio entre os países-membros e está fortemente pautado nas políticas protecionistas que marcaram os Estados Unidos durante a administração Trump.



Assista a este capítulo



<http://ftd.li/s213his61334oau001>

▲ O presidente dos Estados Unidos, Donald J. Trump, e o presidente do México, Andrés Manuel Lopez Obrador, assinam na Casa Branca, em Washington, a declaração que cria o novo USMCA, em 8 de julho de 2020.

Globalização

Para alguns estudiosos, a globalização seria a Nova Ordem Mundial, decorrente do fim da Guerra Fria. Compreendida como a intensificação do intercâmbio de mercadorias, serviços, informações, pessoas e capital, o fenômeno adquiriu novas dimensões a partir da década de 1990, principalmente em função dos avanços tecnológicos em diversos setores, como telecomunicações e informática.

Essa integração mundial, tanto no plano econômico, quanto cultural e social, caracteriza a globalização. Dessa forma, os blocos econômicos, os conglomerados empresariais, a interligação comercial entre diversas regiões do planeta, as empresas transnacionais e a rede mundial de computadores são exemplos de um mundo globalizado.

Há também movimentos de luta contra a globalização. Aqueles com tendências políticas de esquerda defendem a redução global das desigualdades sociais e econômicas. Já os que possuem tendências à direita, como os movimentos nacionalistas, lutam pela restrição à livre circulação de pessoas e mercadorias, entre outras propostas. Dessa forma, os rumos da globalização e a maneira como esse processo se desenvolve são uma questão fundamental na política e economia do mundo contemporâneo.

PRATIQUE

- Leia a seguir um trecho de discurso do ex-presidente estadunidense Donald Trump, proferido em 4 de fevereiro de 2020.

Uma das maiores promessas que fiz ao povo americano foi substituir o desastroso acordo comercial do Nafta. De fato, o comércio desleal é talvez o maior motivo pelo qual decidi concorrer à Presidência. Após a adoção do Nafta, nossa nação perdeu um em cada quatro empregos da indústria de produtos manufaturados. Muitos políticos chegaram e saíram, se comprometendo a mudar ou substituir o Nafta — apenas para isso e, em seguida, absolutamente nada aconteceu. Mas, diferentemente de tantos que vieram antes de mim, mantenho minhas promessas. Fizemos nosso trabalho. Seis dias atrás, substituí o Nafta e assinei o novo Acordo EUA-México-Canadá (USMCA).

O USMCA criará aproximadamente 100 mil novos empregos com altos salários na indústria automobilística, e aumentará enormemente as exportações para nossos agricultores, pecuaristas e operários do setor industrial. O acordo também levará o comércio com o México e o Canadá para um nível muito mais alto, mas também para um nível muito maior de justiça e reciprocidade. Nós teremos isso. Justiça e reciprocidade. E digo isso, finalmente, porque faz muitos anos desde que fomos tratados de maneira justa no comércio. Este é o primeiro grande acordo comercial em muitos anos a ganhar o forte apoio dos sindicatos americanos.

DISCURSO sobre o estado da união do presidente Donald J. Trump para o Congresso dos Estados Unidos. **Global Public Affairs**, 4 fev. 2020. Disponível em: <<https://2017-2021-translations.state.gov/2020/02/04/discurso-sobre-o-estado-da-uniao-do-presidente-donald-j-trump-para-o-congresso-dos-estados-unidos/index.html>>. Acesso em: 28 jul 2021.

Segundo a fala de Trump, quais seriam as principais mudanças decorrentes do fim do Nafta e da adoção do novo acordo EUA-México-Canadá?

APROFUNDE

1. (Unesp-SP) O colapso e o fim da União Soviética, no princípio da década de 1990, derivaram, entre outros fatores,

- a)** da ascensão comercial e militar da China e da Coreia do Sul, o que provocou acelerada redução nas exportações soviéticas de armamentos para os países do leste europeu.
- b)** da implantação do socialismo nos países do leste europeu e da perda de influência política e comercial sobre a África, o Oriente Médio e o sul asiático.
- c)** dos altos gastos militares e das disputas internas do partido hegemônico, e facilitaram a eclosão de movimentos separatistas nas repúblicas controladas pela Rússia.
- d)** da derrubada do Muro de Berlim, que representava a principal proteção, por terra, do mundo socialista, o que facilitou o avanço das tropas ocidentais.
- e)** da ascensão política dos partidos de extrema-direita na Rússia e do surgimento de um sindicalismo independente nas repúblicas da Ásia.

2. (PUC-RS) Considere as afirmativas sobre as diferentes conjunturas históricas da Guerra Fria.

- I. Nas décadas de 1960 e 1970, a Guerra Fria atravessou um período marcado pelo que se chamou de “coexistência pacífica”, no qual não ocorreram conflitos militares localizados na África e na Ásia envolvendo as superpotências.
- II. Na década de 1980, verificou-se uma forte retomada, por parte dos Estados Unidos, de iniciativas de caráter estratégico-militar na lógica da Guerra Fria, expressa no chamado Projeto Guerra nas Estrelas.
- III. Ao longo de todas as fases históricas, o confronto Leste-Oeste, central na Guerra Fria, influenciou decisões e mostrou a relativa inoperância dos principais organismos da ONU, com destaque para o Conselho de Segurança.

Está/Estão correta(s) a(s) afirmativa(s)

- a)** I, apenas.
- b)** II, apenas.
- c)** I e III, apenas.
- d)** II e III, apenas.
- e)** I, II e III.

3. (UERJ)

O que unia toda a oposição ao programa de Margaret Thatcher era uma suspeita de que a filha do merceeiro estava determinada a monetarizar o valor humano, de que ela não tinha coração. Mas, se os leitores de hoje voltassem no tempo até o fim dos anos 70, poderiam ficar irritados ao descobrir que a programação da TV do dia seguinte era um segredo de Estado que não se compartilhava com os jornais. Thatcher transformou de tal maneira a vida cotidiana que hoje mal nos damos conta.

Ian McEwan. Adaptado de **Folha de S.Paulo**, 14/04/2013.

A morte de Margaret Thatcher, em abril de 2013, ocasionou muitos debates na imprensa acerca de suas ações como primeira-ministra do Reino Unido entre 1979 e 1990, como exemplifica o texto.

No contexto internacional da época, a política econômica da governante britânica foi associada a estratégias vinculadas à prática do:

- a)** fordismo
- b)** trabalhismo
- c)** corporativismo
- d)** neoliberalismo

4. (EsPCEx-SP)

No período compreendido entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da década de 1980, a União Soviética se consolidou como uma superpotência, polarizando com os Estados Unidos da América a disputa pela hegemonia mundial.

(AZEVEDO e SERIACOPI, 2013).

Dentro do bloco comunista a insatisfação aumentava cada vez mais, sobretudo nos países

do Leste Europeu. Na Polônia, operários do estaleiro de Gdansk organizaram o sindicato Solidariedade, liderados por Lech Wałęsa. Sobre o sindicato Solidariedade, no período assinalado, podemos afirmar que

- a) foi rapidamente absorvido pelo governo comunista que viu a necessidade de ouvir os operários.
- b) era entidade livre de influências do partido comunista.
- c) conseguiu de imediato participar das eleições presidenciais, porém, por ser um partido da classe operária, não obteve êxito.
- d) conseguiu apoio dos soviéticos que pretendiam ter o controle sobre todos os sindicatos do mundo comunista.
- e) foi extinto, pois, em países de ideologia comunista, o governo representa a classe dos trabalhadores, não necessitando, portanto, de sindicatos.

5. (Einstein) Mikhail Gorbachev realizou, na União Soviética da década de 1980, um conjunto de reformas, que se tornaram conhecidas como "perestroika" e "glasnost". Elas visavam, entre outros fatores,

- a) ao controle político-militar do Leste europeu e à reforma do sistema educacional.
- b) à reestruturação econômica do país e ao processo de democratização do Estado.
- c) ao controle político pelo Partido Comunista e à transição pacífica para o socialismo.
- d) ao investimento maciço no programa nuclear e à adoção de uma economia de mercado.

6. (UFSC)



Disponível em: <http://s3-sa-east-1.amazonaws.com/descomplica-blog/wp-content/uploads/2015/09/resumo-4.jpeg>. Acesso em: 11 out. 2019.

Em agosto de 1961, foi construído o Muro de Berlim, que se tornou um símbolo da Guerra Fria e do mundo bipolarizado. Em 9 de novembro de 1989, após uma série de problemas, especialmente de natureza econômica e política no bloco soviético, o muro foi derrubado. Em relação ao Muro de Berlim e seu contexto histórico, é correto afirmar que:

- 01. a sua construção foi uma decisão tomada pelos Aliados logo após o término da Segunda Guerra Mundial, visto que em torno de 3,5 milhões de alemães haviam fugido de Berlim Oriental para o lado ocidental.
- 02. a bipolaridade capitalismo *versus* socialismo marcou o quadro geopolítico internacional após a Segunda Guerra Mundial, e o Muro de Berlim não apenas dividiu a cidade como se tornou o ícone da divisão ideológica de dois blocos políticos antagônicos.
- 04. a população da parte oriental de Berlim, sob a influência soviética, não conseguia ter acesso a bens de consumo e alimentos costumeiros da parte ocidental, sob influência britânica, francesa e norte-americana.
- 08. a queda do muro em 9 de novembro de 1989 foi uma evidência de que a economia neoliberal, praticada na Europa naquele momento, passava por profunda crise e precisava incorporar os milhões de possíveis novos consumidores ao mercado.
- 16. o final da Guerra Fria, simbolizado pela queda do Muro de Berlim, trouxe significativas mudanças políticas e econômicas ao cenário internacional, como o surgimento de novos países e a intensificação de uma economia globalizada.
- 32. as disputas inerentes à Guerra Fria fizeram com que tanto o lado ocidental quanto o lado oriental de Berlim se desenvolvessem igualmente em termos de infraestrutura, o que facilitou a reunificação e garantiu a homogeneidade arquitetônica da cidade.

64. a queda do Muro de Berlim e a reunificação da Alemanha possibilitaram uma Nova Ordem Internacional, marcada pela unidade de outros territórios, especialmente nos Balcãs.

Soma: _____

7. (IFSP) Considere a imagem e o texto a seguir:



Fonte: Disponível em: <http://www.brasilalemanha.com.br/novo_site/noticia/brasilia-recebe-a-mostra-a-virada-25-anos-da-queda-do-muro-de-berlim/5118>. Acesso em: 24 out. 2015.

A imagem refere-se ao Muro de Berlim em 1989. A cidade de Berlim possui aproximadamente “890 km² (dos quais, 403 km² correspondiam à Berlim Oriental), dividida em duas partes já desde 1948, foi, em 1961, solidamente separada por uma fronteira física até então inexistente – e constituída como fronteira fechada por um muro de concreto de 43,7 km no meio da cidade (156,4 km era o tamanho total do muro em torno de Berlim Ocidental), com uma altura que variava de 3,40 a 4,20 m. O muro, simbólica e concretamente, separava sistemas, países e mundos sociais”, como afirma o historiador Moraes.

(Fonte: MORAES, Luis Edmundo Souza.

O Muro, dois Estados, dois Mundos. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/8279/4776>>. Acesso em: 25 out. 2015.)

De acordo com a imagem e com o contexto descrito, é correto o que se afirma em:

a) Os alemães comemoraram o fim da divisão entre a República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental) e a República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental), assim como a queda do Muro de Berlim e possível reunificação que só ocorreu em 1990.

b) Os alemães comemoraram a data da construção do Muro de Berlim e os 40 anos da República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental), pois havia muita resistência e protestos por parte da maioria dos alemães que eram contra a reunificação prevista para 1990.

c) Os alemães comemoraram o fim da divisão entre A República Democrática da Alemanha (Alemanha Ocidental) e a República Federal da Alemanha (Alemanha Oriental), assim como a queda do Muro de Berlim e possível reunificação que só ocorreu em 1990.

d) Os alemães comemoraram a queda do Muro de Berlim, fim da Guerra Fria, bem como o fim da luta armada entre a República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental) e a República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) e almejavam a reunificação prevista para 1990.

e) Os alemães comemoraram as pesadas indemnizações que a República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental) foi condenada a pagar judicialmente para a República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental), devido às mortes dos alemães que tentaram atravessar o muro para ir de uma Alemanha para outra.

8. (UEM-PR) Em fins dos anos 80 e início dos anos 90 do século XX, ocorreu um processo de desagregação do bloco socialista na Europa Oriental. Sobre os países que enfrentaram esse processo, assinale o que for correto.

01. A Grécia foi a exceção no processo de desarticulação do bloco socialista no País, porque não aceitou as mudanças. Desde 1989 persiste o governo centralizado, comandado pelo Partido Comunista Grego.

02. Na Áustria, apesar da resistência do Partido Comunista em adotar mudanças, membros das forças armadas se rebelaram e afastaram a junta do governo, em 1995.
04. Na Polônia, o sindicato Solidariedade foi reconhecido como independente e, em 1989, o País se tornou o primeiro do Leste Europeu a ter um governo de maioria não comunista.
08. A Alemanha Oriental deixou de existir quando ocorreu a abertura de sua fronteira para a Alemanha Ocidental e posterior queda do Muro de Berlim, em 1990, ano em que ocorreu a unificação dos dois países.
16. Na Bulgária o Partido Comunista afastou o ditador, libertou os prisioneiros políticos e convocou eleições livres para o ano de 1990.

Soma: _____

- 9. (ESPM-SP)** O diálogo a seguir circunscreve-se à realidade política do mapa abaixo, cujo país deixou de existir:

"Foram os sérvios que fizeram isso, pai?" pergunta o garoto de 7 anos. A tensão aumenta, e é prontamente repreendido. "Não fale essa palavra aqui, em voz alta", aconselha Milomir, visivelmente perturbado.

(Carta Capital, 11 de agosto de 2010.)



(Adaptado de Jayme Brener, 1993.)

A tensão retratada no texto refere-se à:

- a)** herança deixada pela hegemonia política croata, à época da existência da Iugoslávia e que hoje prossegue na Eslovênia.
- b)** convivência entre sérvios muçulmanos e bósnios cristãos na atual Bósnia-Herzegovina.
- c)** convivência entre bósnios-croatas e bósnios-muçulmanos no novo país erigido após a dissolução iugoslava e hoje formado por duas entidades na Bósnia-Herzegovina.
- d)** realidade na atual Sérvia-Montenegro, formada por dois povos rivais, os cristãos ortodoxos e os bósnios muçulmanos.
- e)** nova realidade vivida no Kosovo, o mais jovem país do mundo, onde convivem duas nações distintas e inimigas, os croatas cristãos e os albaneses muçulmanos.

- 10. (UCS-RS)** Em 1991, ocorreu um dos mais significativos fatos da história recente: a extinção da União Soviética. Sobre esse fato histórico, é correto afirmar que

- I. o estadista Mikhail Gorbachev, em 1985, assumiu o controle do Partido Comunista Soviético com ideias inovadoras. Entre suas maiores metas governamentais, Gorbachev empreendeu duas medidas: a *perestroika* e a *glasnost*.
- II. a *perestroika* visava modernizar a economia russa com a adoção de medidas que diminuía a participação do Estado na economia. A *glasnost* (transparência) estabelecia algumas liberdades políticas e direitos individuais.
- III. a implantação dessas medidas trouxe uma série de consequências, como, por exemplo, a declaração da independência de países que compunham a antiga URSS, tais como a Letônia, a Estônia e a Lituânia.

Das proposições acima,

- a)** apenas I está correta.
- b)** apenas II está correta.
- c)** apenas I e II estão corretas.
- d)** apenas II e III estão corretas.
- e)** I, II e III estão corretas.

11.(UEM-PR) Com a derrubada do muro de Berlim e o fim da União Soviética, entre o final dos anos oitenta e início dos anos noventa do século passado, encerrava-se o período da “Guerra Fria” e iniciava-se uma nova época nas relações internacionais e na geopolítica mundial. A respeito da geopolítica e das relações internacionais naquela época, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

01. A Guerra Fria promoveu um alinhamento dos países da África e das Américas contra os interesses das antigas potências coloniais que pretendiam a manutenção de seu domínio político naqueles continentes.
02. O fim da Guerra Fria estimulou o crescimento do socialismo na América Latina, com a criação e o desenvolvimento de grupos armados, como o Sendero Luminoso, no Peru, e as Farc – Forças Armadas Revolucionárias – na Bolívia, que lutavam pela implantação do Socialismo.
04. Com o fim da Guerra Fria, desenvolveram-se novas relações econômicas e geopolíticas que não mais se caracterizavam pela antiga divisão leste-oeste e nem pelo antigo confronto capitalismo-socialismo.
08. Com o fim da União Soviética, surgiram em seu antigo território novos estados nacionais, como a Croácia, a Bósnia e a Sérvia.
16. O fim da Guerra Fria contribuiu decisivamente para um grande crescimento econômico mundial e uma integração da produção e dos mercados, chamada de globalização.

Soma: _____

12.(Cefet-MG)



A União Soviética afunda-se, *cartoon* de Habib Haddad (França, 1991).

Disponível em: <<http://disciplina-de-historia.blogspot.com.br/2012/05/o-fim-da-uniao-sovietica-em-1991.html>>. Acesso em: 14 set. 2015.

A charge refere-se a um período da história soviética em que as

- a)** crises sociais e diplomáticas, protagonizadas por Kruschev, intensificaram a disputa nuclear.
- b)** revoluções populares e democráticas, lideradas por Lênin, instituíram o descontrole político.
- c)** reformas políticas e econômicas, efetivadas por Gorbachev, favoreceram a desagregação do país.
- d)** propostas financeiras e partidárias, apresentadas por Stálin, desestabilizaram os rumos da nação.

13. (UFJF-MG) Observe as seguintes figuras:



Fonte: Disponível em: <<http://redecorstophoto.blogspot.com.br/2013/10/o-que-china-podeaprender-da-queda-da.html>>. Acesso em: 17 ago. 2014.



Fonte: Disponível em: <<http://navalbrasil.com/separistas-da-ucrania-pedem-ajuda-a-putin-kievameaca-usar-forca/>>. Acesso em: 17 ago. 2014.

Após o fim da URSS, a Rússia passou por momentos conturbados e transformações político-econômicas, internas e externas.

Sobre as experiências vividas pela Rússia depois da queda da URSS, assinale a alternativa **incorrecta**.

a) Antes mesmo da oficialização do fim da URSS, os presidentes da Rússia, da Ucrânia e da Bielorrússia empenharam-se na Criação da Comunidade de Estados Independentes (CEI), que, posteriormente, incorporou outros países soviéticos.

b) Diferentemente do que ocorreu nos países da CEI, Geórgia, Armênia e Azerbaijão não tiveram conflitos étnicos e agitações dos movimentos nacionalistas.

c) A oposição do governo russo ao separatismo checheno, na segunda metade da década de 1990, desencadeou fortes ataques militares que atingiram os habitantes da região do Cáucaso.

d) Na Ucrânia, desde a chamada “Revolução Laranja”, em 2004, os conflitos e as manifestações são decorrentes da polarização entre grupos pró-Rússia e grupo de maior proximidade com a Europa ocidental.

e) A supressão de um sistema econômico, no qual o Estado controlava a economia, implicou o fim do pagamento dos subsídios estatais e o fechamento de várias fábricas, em meados dos anos 1990.

14. (PUC-RJ)

Todos os anos, no Dia da Europa, comemorado a 9 de maio, festeja-se a paz e a unidade do continente europeu. Esta data assinala o aniversário da histórica «Declaração Schuman». Num discurso proferido em Paris, em 1950, Robert Schuman, o então Ministro dos Negócios Estrangeiros francês, expôs a sua visão de uma nova forma de cooperação política na Europa, que tornaria impensável a eclosão de uma guerra entre países europeus.

Disponível em: <http://europa.eu/index_pt.htm>.

Sobre a formação da União Europeia (UE), analise as seguintes afirmativas:

I. A construção da UE foi iniciada após a Segunda Guerra Mundial com a intenção de incentivar a cooperação econômica, do que resultou a criação da Comunidade Econômica Europeia (CEE).

II. A UE regula, através de um governo comum, a política externa, a política econômica e a política interna dos países-membros, além de garantir a segurança coletiva através de uma força militar própria.

III. Todos os membros da UE devem obedecer aos termos assinados no Tratado de Lisboa de 2009, que visa a construir uma homogeneidade continental em termos ideológicos, políticos e religiosos.

IV. O mercado único é o principal motor da UE, permitindo a livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais.

Está correto **somente** o que se afirma em:

- a)** II e III
- b)** I e III
- c)** II e IV
- d)** I e II
- e)** I e IV

15. (Enem/MEC)

A bandeira da Europa não é apenas o símbolo da União Europeia, mas também da unidade e da identidade da Europa em sentido mais lato. O círculo de estrelas douradas representa a solidariedade e a harmonia entre os povos da Europa.

Disponível em: http://europa.eu/index_pt.htm.
Acesso em: 29 abr. 2010 (adaptado).

A que se pode atribuir a contradição intrínseca entre o que propõe a bandeira da Europa e o cotidiano vivenciado pelas nações integrantes da União Europeia?

- a)** Ao contexto da década de 1930, no qual a bandeira foi forjada e em que se pretendia a fraternidade entre os povos traumatizados pela Primeira Guerra Mundial.
- b)** Ao fato de que o ideal de equilíbrio implícito na bandeira nem sempre se coaduna com os conflitos e rivalidades regionais tradicionais.
- c)** Ao fato de que a Alemanha e Itália ainda são vistas com desconfiança por Inglaterra e França mesmo após décadas do final da Segunda Guerra.
- d)** Ao fato de que a bandeira foi concebida por portugueses e espanhóis, que possuem

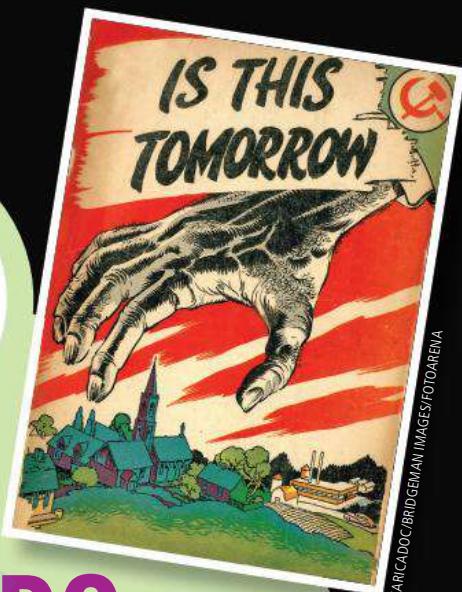
uma convivência mais harmônica do que as demais nações europeias.

e) Ao fato de que a bandeira representa as aspirações religiosas dos países de vocação católica, contrapondo-se ao cotidiano das nações protestantes.

16. (UEM-PR) Sobre os conceitos atuais de neoliberalismo e de globalização, fenômenos identificadores de uma nova ordem política, econômica e cultural, assinale o que for **correto**.

- 01. Uma das características é a formação de empresas transnacionais, que produzem bens montados com peças fabricadas em diversas partes do mundo.
- 02. A globalização implicou uma expansão da rede computadorizada de informação, o que ocasionou um processo de inclusão social com o aumento de postos de trabalho.
- 04. Os defensores do neoliberalismo são a favor da austeridade fiscal, da desregulamentação, do livre comércio e do investimento maciço no setor público ligado à educação, à saúde, à segurança e à habitação.
- 08. Em 1997, em Kyoto, Japão, foi firmado um tratado internacional que propôs a redução das emissões de gases do efeito estufa (GEE) pelas nações industrializadas.
- 16. O neoliberalismo caracteriza-se pela retomada de valores clássicos do liberalismo do século XVIII, em especial da ideia de que o mercado, e não o Estado, deve regular a economia.

Soma: _____



CARICADO/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOFARNA

Queda
do Muro de
Berlim

Reformas:
perestroika e
glasnost

Neoliberalismo

Ascensão
e queda
da indústria
bélica

DECLÍNIO
DA UNIÃO
SOVIÉTICA

Movimentos
nacionalistas no
Leste Europeu

Resquícios do
Socialismo

- Globalização
- Novas configurações:
mercados comuns (UE, Alca)

- Novos conflitos
- Novos países

- Novos conflitos
- Novos países



<http://ftd.li/s213his61334oau002>

Este capítulo em 1 minuto

SOCIO LOGIA

34.

SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE

Desde o período da Idade Moderna até os nossos dias, a exploração intensiva da natureza tornou-se parte da lógica dos sistemas econômicos, especialmente o Capitalismo, a fim de dominá-la por meio de práticas precisas e aprofundar a urbanização, a acumulação de riquezas e a produção de mercadorias.

O líder indígena Ailton Krenak se opõe à ideia de que o ser humano é capaz de controlar a natureza. Para ele, é necessário repensar a cultura que estamos vivendo, voltada para o consumismo, e a forma com que nos relacionamos com os recursos naturais. Os valores de memória e respeito ao planeta, segundo Krenak, estão além dos reformismos políticos ou de estratégias de desenvolvimento sustentável.

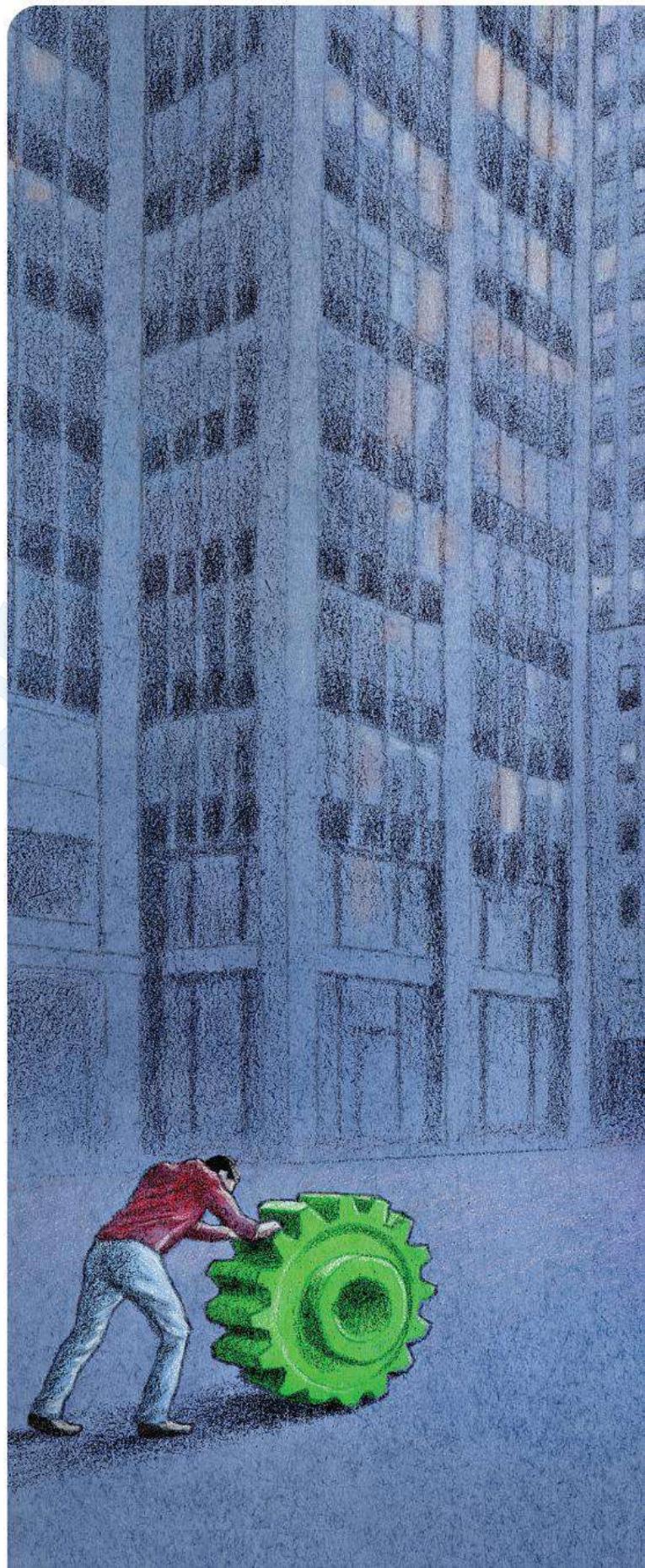
Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um punhado de corporações espertalhonas vai tomado conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobra do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernálias para nos entreter.

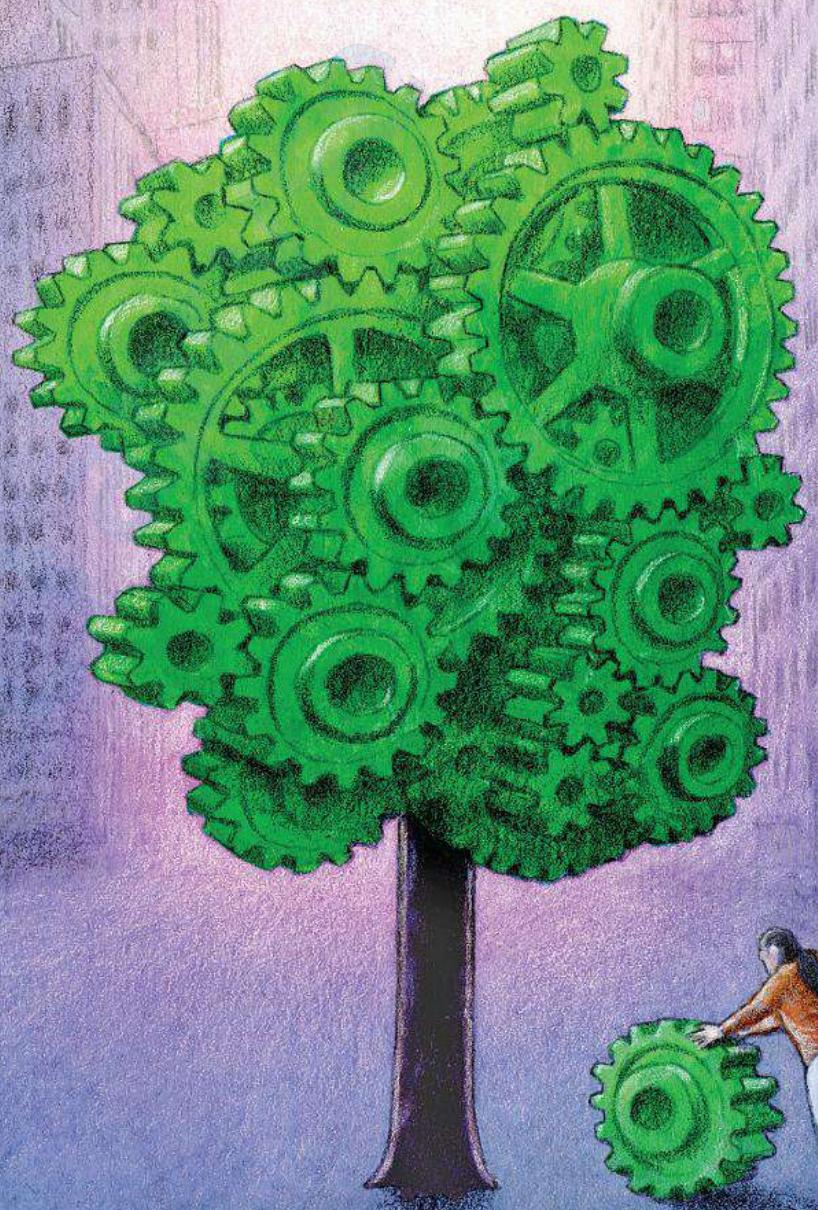
KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.**
São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 11.

É possível viver de forma sustentável em meio à lógica de produção e consumo do sistema capitalista?

- a) Você é capaz de identificar alguns locais em sua cidade onde a natureza foi afetada pela ação do ser humano?
- b) De acordo com o que já estudou, mencione duas ações para reduzir os impactos sobre o meio ambiente.

▲ A ilustração do artista polonês Paweł Kuczynski nos leva a refletir sobre os ambientes artificiais mencionados no texto, trazendo uma crítica à relação que a sociedade ocidental estabelece com o meio ambiente.





AS QUESTÕES AMBIENTAIS E A ECOLOGIA POLÍTICA



MARIE BERTRAND/CORBIS/GETTY IMAGES

Nas últimas décadas, a questão ambiental vem sendo um tema importante de debate em discussões sociológicas, filosóficas e políticas. Novos conceitos, como o de ecologia política e a teoria do ator-rede, que estudaremos neste capítulo, além das disputas políticas sobre as diferentes lógicas de acesso e uso de recursos naturais, evidenciam tais conflitos sociais de base ambiental. A ideia de preservação do meio ambiente como um projeto nacional a todos os países passa a ser um tema que promove encontros e conferências internacionais, bem como a formulação de leis de proteção ambiental.

Quanto mais técnica e ciência são mobilizadas pela produção industrial — não só para produzir uma mercadoria de maior qualidade, mas especialmente para aumentar os lucros —, maior a variedade de conexões estabelecidas entre os lugares, as sociedades, as relações políticas e econômicas e os discursos que regem o nosso mundo. As mudanças climáticas, as crises hídricas e o desmatamento podem se relacionar com pequenas atividades cotidianas, como escovar os dentes ou alimentar um animal de estimação, mas principalmente com ações e forma de utilização dos recursos naturais pelas indústrias e pelos grandes latifúndios da agricultura, ao mesmo tempo que são uma consequência de acordos entre as grandes potências econômicas.

Entre os muitos impactos do ser humano ao meio ambiente, podemos citar o esgotamento dos recursos naturais, a possível escassez de água potável ainda na primeira metade do século XXI e a degradação de terras agricultáveis. A produção científica, econômica e social humana ampliou tanto a capacidade de alterar a natureza ao ponto de alguns autores postularem que estamos vivendo em uma nova era geológica, caracterizada pelos impactos significativos da ação humana sobre o planeta: o **Antropoceno**.

Estudos das mais diversas áreas vêm refletindo sobre essa nova época geológica marcada pela ação humana e que substitui o Holoceno, período que durou entre dez e doze mil anos. O termo Antropoceno, porém, foi cunhado originalmente pelo biólogo estadunidense Eugene F. Stoermer (1934-2012), nos anos 1980, e se popularizou a partir de 2000, com o químico holandês Paul Crutzen (1933-2021), vencedor do Prêmio Nobel de Química em 1995.

São muitos os fatores que justificam falar em uma nova época geológica. Para a socióloga argentina Maristella Svampa (1961-), no livro **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina** (2019), alguns desses fatores são: o aumento das temperaturas globais, fruto das emissões de dióxido de carbono e outros gases de efeito estufa; a destruição dos ecossistemas e a perda da biodiversidade; a acidificação dos oceanos em função da concentração de dióxido de carbono e as mudanças nos ciclos biogeoquímicos (como os ciclos de fósforo, nitrogênio e água).

Para o líder indígena, ambientalista, filósofo e escritor Ailton Krenak (1953-), em seu livro **Ideias para adiar o fim do mundo** (2019), o fato de marcarmos o planeta tão fortemente, caracterizando o surgimento de uma nova era, só demonstra a problemática que ele tanto aborda, de que a ação humana tem colocado em risco outros seres e outras formas de se organizar e de viver que não estejam integradas à lógica capitalista e ao mundo da mercadoria.

Estudos ecológicos e científicos recentes postulam que a ação humana no meio ambiente tem o potencial de erradicar a vida humana no planeta. Apesar de tal destruição ser um fator intimamente conectado à Revolução Industrial e à mudança dos meios e modos de produção capitalista desde o começo do século XIX, é apenas a partir de 1972 que a questão ambiental ganha contornos específicos em debates mundiais, com a publicação do livro **Os limites do crescimento**, elaborado por cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts a pedido do Clube de Roma — grupo fundado em 1968 por cientistas, economistas, empresários e políticos a fim de pensar o futuro das condições humanas no planeta. O relatório propunha temáticas relevantes para esse debate, tais como poluição, saúde, crescimento populacional, energia e saneamento básico. O texto previa o colapso da humanidade ainda no século XX ao afirmar que o crescimento da população e da demanda por bens materiais e riquezas levaria necessariamente a um excesso de produção e de poluição.

A partir daquele momento, debates e acordos sobre o clima e o meio ambiente passaram a ocorrer pelo mundo a fim de propor uma nova ética de desenvolvimento e mudanças na gestão dos países sobre a temática.

Nesse sentido, novas reflexões também foram elaboradas no campo das Ciências Humanas sobre a relação entre natureza e sociedade.





ARTUR DEBAT/GETTY IMAGES

▲ Rio e seus afluentes cortando a vegetação no Point Reyes National Seashore, parque nacional no litoral da Califórnia, Estados Unidos. A imagem nos remete à ideia de redes e conexões de que nos fala Bruno Latour.

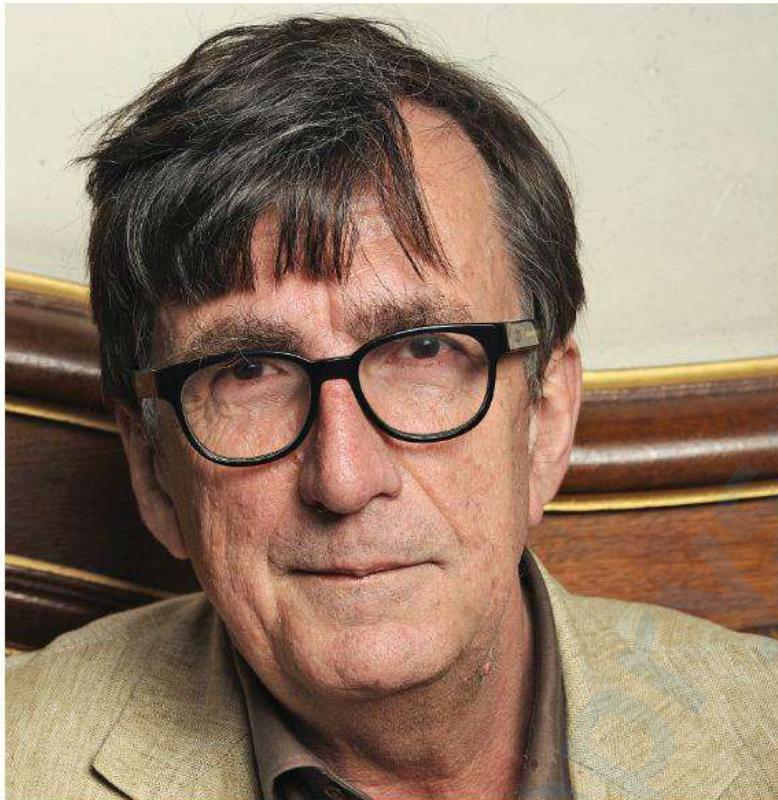
Bruno Latour e a teoria do ator-rede

Em meio a tantos dilemas ambientais, autores da Antropologia, da Filosofia e da Sociologia levantaram possibilidades reflexivas sobre a relação do ser humano com o meio ambiente. Entre tais conceitos, destaca-se a **teoria do ator-rede**, do filósofo e antropólogo francês Bruno Latour (1947-). Para ele, os conceitos de natureza e cultura devem ser articulados e pensados como se estivessem entrelaçados em redes, cujos fios atravessam as fronteiras entre os conhecimentos, as coletividades e os discursos. Outro aspecto importante que tal modo de pensamento propõe é considerar que os povos da floresta, como nos apontou Krenak e sobre os quais falaremos mais adiante, demonstram maior capacidade de se relacionar com o meio ambiente de forma integrada. Portanto, eles não devem apenas ser protegidos ou classificados como “excluídos”, mas ser amplamente ouvidos para que seja possível propor novas maneiras de relacionamento com o meio ambiente.

Essa reconsideração de outros pontos de vista diversos dos ocidentais está exposta na concepção de Latour de “simetria”, uma posição de equivalência. Assim, por um lado, constroem-se uma objeção e uma interrogação aos projetos movidos em nome das ciências modernas que, por vezes, terminam por produzir problemas sociais e ambientais — pensemos na bomba atômica, por exemplo: até que ponto se pode dizer que a ciência leva ao progresso humano? E, por outro lado, pode-se levar em conta o que outras sociedades (indígenas, quilombolas, além de movimentos críticos ao modo de produção hegemônico, como os ambientalistas e de contestação) têm a dizer sobre a relação com o planeta e a natureza.

Tendo em vista a existência milenar das sociedades indígenas em nosso país — os povos originários, afinal —, mesmo vivendo diversos períodos de tentativa de extermínio, podemos ter muito a aprender com “outros saberes” de relações com o mundo que nos circunda.

MIGUEL MEDINA / AFP / GETTY IMAGES



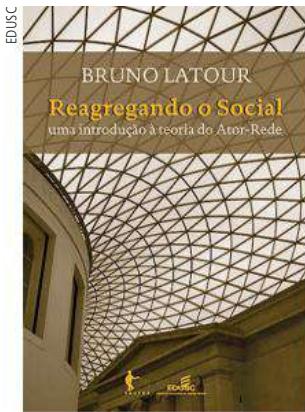
EDITORA UNESP

▲ LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza:** como associar as ciências à democracia. Tradução: Carlos Aurélio Mota de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

▲ O filósofo e antropólogo Bruno Latour, em Paris, 2010.

Latour sugere que a Sociologia, em seu nascimento, almejava pensar o processo de construção social fundamentando-se na separação metodológica entre natureza e objeto. Em sua obra **Políticas da natureza: como associar as ciências à democracia**, publicada originalmente em 1999, o autor refuta a divisão entre humanos políticos, de um lado, e não humanos apolíticos, de outro. Ele considera que ambos fazem parte de um mesmo coletivo e propõe um trabalho conjunto na articulação desse coletivo, definido como “uma lista sempre crescente de associações entre atores humanos e não humanos”. E é nesse sentido que Latour entende a **ecologia política**, conceito que busca refletir sobre as discussões públicas e ações políticas diante dos problemas ecológicos e ambientais.

Para o filósofo, a divisão clássica entre natureza e cultura é uma divisão política, isto é, tanto a natureza quanto o social (a sociedade) são semelhantes e estão em profunda interconexão o tempo todo. Por ser considerado um crítico da modernidade, Latour afirma que tal forma de pensamento ajudou a estabelecer as normas e ferramentas que permitiram ao ser humano um distanciamento da natureza (vista como inferior), criando, assim, um projeto de humanidade fundamentado no império da racionalidade e da eficácia, conforme já vimos em nossos estudos sobre o pensamento de Max Weber. Desse modo, seria danoso às Ciências Humanas que elas considerassem o processo da modernidade como algo universal, não sendo possível encarar a evolução do pensamento social como tendo um sentido único (teleológico).



▲ LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede.** Salvador: Edufba: Edusc, 2012.

Compreendendo o meio social como uma rede complexa de relações que envolvem não apenas pessoas, mas também a natureza e as produções do ser humano, Latour propõe, em seu livro **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**, de 2005, uma teoria que se fundamenta na ideia de rede de relações coletivas. O conceito de rede proposto por ele abrange a ideia de que discursos, subjetividades e objetos compõem os agrupamentos sociais.

Para o antropólogo Jean Segata, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a rede mencionada por Latour inclui pensar as ações (eventos) sociais como atividades distribuídas e diluídas entre atores sociais, natureza, objetos e as mais variadas formas de subjetividade, e não somente como relações de causa e efeito, de forma coercitiva, conforme proposto pelos positivistas do século XIX, como Émile Durkheim.

Latour conclui que a modernidade nunca existiu, pois ela é irrealizável, não havendo como exigir o descolamento do ser humano da natureza. Quando afirma, em sua frase mais provocativa, que “jamais fomos modernos”, Latour acaba por fazer uma alusão à tentativa humana de distinção entre natureza, cultura e sociedade. Para ele, a natureza e a tecnologia não podem ser consideradas como subordinadas à razão humana. É impossível domesticá-las, colocando-se em uma posição hierárquica perante essas realidades. Para uma melhor compreensão da condição humana, faz-se necessária a ideia de reconectar os elos que a modernidade ajudou a separar.

PRATIQUE

1. Leia o texto a seguir e responda à questão.

De modo acertado, pode-se afirmar que estamos em meio a uma crise ambiental, emersa de institutos consagrados pela e para a nova forma de capitalismo global, tais como o dinheiro, a globalização, corporações, massificação da produção, o imperialismo econômico, o consumismo e a busca pelo lucro incessante, os quais dificilmente se desvincularão do Estado e da sociedade presente, sem causar uma grande desordem na estrutura societária.

PEREIRA, Tamiris Melo. O impacto do sistema capitalista nos bens ambientais: o direito ambiental brasileiro diante dos novos avanços ambientais nas Constituições da Bolívia e do Equador. **Trajetórias Humanas Transcontinentais**, 18 set. 2018. Disponível em: <<https://www.unilim.fr/trahs/994>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

De acordo com o texto, é possível estabelecer uma ligação direta entre os problemas ambientais e a lógica de acumulação capitalista, conforme observamos em nossos estudos anteriores. Cite alguns exemplos de como a prática capitalista desenfreada causa impactos ao meio ambiente.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: PRODUÇÃO E CONSUMO

O que é desenvolvimento sustentável?

Conforme vimos até agora e em capítulo anterior, a expansão do Capitalismo está interligada com a transformação dos modelos de produção e consumo de sociedades no mundo inteiro, os quais geram impactos ambientais gravíssimos. Isso instigou determinados setores da sociedade a pensar em alternativas de desenvolvimento. O modelo que se destacou em congressos, debates e políticas públicas, bem como em acordos internacionais e leis específicas, é o comumente chamado de **desenvolvimento sustentável**.

As primeiras referências a uma ideia de sustentabilidade surgiram ainda em 1972, na Conferência das Nações Unidas em Estocolmo, na Suécia. O então secretário das Nações Unidas, Maurice Strong, sugeriu o termo “ecodesenvolvimento” para tratar das relações entre desenvolvimento e meio ambiente. Apenas em 1987 a expressão “desenvolvimento sustentável” foi utilizada em um documento pela primeira vez, quando a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento publicou o relatório **Nosso Futuro Comum**, conhecido como “Relatório Brundtland”, tendo em vista que o evento foi chefiado pela primeira-ministra da Noruega à época, Gro Harlem Brundtland (1939-). Desenvolvimento sustentável foi definido como o desenvolvimento que “atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades”. O relatório determinava a necessidade de uma conferência global que estabelecesse uma nova forma de relação com o meio ambiente, e sua publicação foi o resultado de um processo que procurava alinhar interesses econômicos e a questão ambiental em uma perspectiva neoliberal.

GILL ALLEN / AP PHOTO / IMAGEPLUS



▲ Gro Harlem Brundtland apresentando o relatório **Nosso Futuro Comum** em uma coletiva de imprensa em Londres, abril de 1987.

Existem muitas definições possíveis sobre o conceito de desenvolvimento sustentável.

De acordo com o sociólogo Elimar Pinheiro do Nascimento, estudioso do tema e professor da Universidade de Brasília, estabeleceu-se um consenso de que o conceito de desenvolvimento sustentável possui três dimensões. A primeira é a dimensão **ambiental**, que supõe um modelo de produção e consumo que garanta a autorreparação dos meios naturais e dos ecossistemas. A segunda dimensão é a **econômica**, que supõe o aumento da eficiência da produção e do consumo mediante inovações tecnológicas que reduzam a necessidade de utilizar recursos naturais, especialmente as fontes fósseis de energia, como o petróleo, e os recursos de diferentes distribuições e disponibilidade, como a água. Por fim, a terceira dimensão é a **social**, que concebe uma sociedade sustentável como aquela que utiliza o mínimo necessário para que seus cidadãos tenham uma vida digna, o que significa também repensar as desigualdades e o acesso a bens, além de erradicar a pobreza, alcançando-se a justiça social.

No entanto, o sociólogo ressalta que é necessário adicionar mais duas dimensões a essa definição de sustentabilidade, igualmente essenciais para o entendimento do seu funcionamento. Uma é a dimensão **política**, uma vez que os padrões de produção e consumo dependem também de estruturas e decisões do poder, havendo contradições e conflitos de interesse. Aqui, o desenvolvimento sustentável não pode ser despolitizado, pois a esfera política é importante para os processos de transformação social. A outra dimensão que deve ser incluída, segundo Nascimento, é a **cultural**. Isso porque a mudança de padrões de consumo e estilos de vida depende de mudanças de comportamentos e valores, envolvendo não só a adoção de novas tecnologias, mas também de novas formas de viver.

Desse modo, as disputas em torno do sentido do termo “desenvolvimento sustentável” não são apenas conceituais, mas refletem inúmeras tensões sociais e dilemas específicos e reais no que diz respeito à posse da terra, ao acesso e ao uso dos recursos naturais, ao preço dos bens comunitários e a diferentes teorias econômicas de uso e de exploração da natureza.

E como as sociedades podem alcançar esse ideal de sustentabilidade?

Nas últimas décadas, o desenvolvimento sustentável e a preservação do meio ambiente têm sido pautas de interesse mundial. Por isso, diversos países, de alguma forma, têm investido esforços em diminuir os danos causados à natureza e protegê-la de ações que possam prejudicar a fauna e a flora de seus territórios.

Em 2015, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou a Agenda 2030, um plano de ação que conta com 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) criados para erradicar a pobreza e promover uma vida digna para todos no planeta, embora procurem integrar apenas as três dimensões mais divulgadas da sustentabilidade: social, econômica e ambiental. Os objetivos e as 169 metas vão desde erradicar a extrema pobreza e a fome até garantir paz, justiça e instituições eficazes; cada país os adota de acordo com suas prioridades.

Nesse sentido, podem ser pensadas algumas ações alternativas que busquem proporcionar uma vida e um desenvolvimento mais sustentáveis, como a economia de água e de energia elétrica, especialmente nas indústrias e na agricultura; a reciclagem do lixo e o tratamento adequado dos rejeitos (incineração ou compostagem); o uso de transportes públicos, carona coletiva e bicicletas; um consumo mais consciente; a criação de políticas públicas ambientais, como o saneamento ambiental; um planejamento urbano mais eficiente; a educação ambiental nas escolas; a redução da emissão de gases poluentes, entre outras.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Porém, já observamos anteriormente como os problemas ambientais estão fortemente conectados à lógica de funcionamento do Capitalismo. E o próprio conceito de desenvolvimento sustentável entra também nessa lógica, o que leva muitos pesquisadores e ativistas ambientais a questionar a eficácia desse processo, como vimos com as ideias de Krenak na discussão da abertura deste capítulo. Vamos compreender um pouco melhor essa crítica?



▲ Plataforma Agenda 2030

▲ Campo com painéis para a produção de energia solar na Itália, fonte de energia alternativa e sustentável.



LEOPATRIZ/GETTY IMAGES

Críticas ao desenvolvimento sustentável

A lógica de consumo e acumulação em voga no sistema capitalista e as “concepções mentais do mundo”, conceito proposto pelo geógrafo britânico David Harvey (1935-), devem ser levadas em consideração quando discutimos a ideia de desenvolvimento sustentável. Para Harvey, as tecnologias e organizações que surgem e transformam a relação com a natureza, em razão das mudanças que o ser humano nela opera, acabam por transformar também os padrões culturais, ideológicos, religiosos e políticos que se interconectam com as relações de produção e consumo. A submissão de povos por meio da colonização e a subsequente imposição da mercantilização e do sistema capitalista a todos eles são características do Capitalismo e, mesmo diante das propostas de desenvolvimento sustentável, não deixam de acontecer.

Quando o capital encontra barreiras ou limites dentro de uma esfera, ou entre as esferas, tem de achar meios para contornar ou superar a dificuldade. Se as dificuldades são graves, então aí está uma fonte de crises. O estudo da coevolução das esferas de atividade, portanto, proporciona um quadro para pensar a evolução global e o caráter propenso a crises da sociedade capitalista.

HARVEY, David. **O enigma do capital**: e as crises do Capitalismo. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 105. (Edição eletrônica).

No livro **Populações e territórios espoliados pela ampliação recente da infraestrutura industrial capitalista: focos de luta política e ideológica na América do Sul** (2019), o professor de planejamento energético Oswaldo Sevá Filho trabalha a ideia de que o desenvolvimento não é apenas uma noção acadêmica, mas uma espécie de termo elogioso aos projetos de investimento de grande porte. Apesar do aspecto encantador do termo, ele deve ser entendido como parte de um discurso atrelado à evolução da ideologia da acumulação de capital pelos agentes capitalistas. Para Sevá, na ideologia capitalista dominante, o desenvolvimento significa o crescimento dos negócios, sendo que a apologia do benefício para todos (a melhoria, o progresso do país) acaba por mascarar o mecanismo de concentração seletiva da riqueza (a acumulação privada).

As populações indígenas e as comunidades tradicionais são a parte mais vulnerável do processo de desenvolvimento, pois sofrem consequências diretas do impacto ambiental, bem como são forçadas a absorver as leis de uso dos recursos ou de reconhecimento da legalidade de suas terras; a própria existência (e resistência) de tais populações já simboliza um contraponto ao modo de vida capitalista. Com o passar do tempo, eventos significativos mobilizaram os povos indígenas

e os ambientalistas em torno de uma visão mais crítica de tal conceito, como a perseguição e o assassinato do líder seringueiro Chico Mendes em 1988, que lutava contra o desmatamento, por melhores condições de trabalho para os seringueiros e pela preservação das áreas extrativistas na região amazônica. Outro marco da pauta ambiental foi a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, no Rio de Janeiro em 1992, conhecida como Eco-92 ou Rio-92, que coroou o conceito de desenvolvimento sustentável na agenda internacional, especialmente com a introdução da Agenda 21, que propõe o desenvolvimento sustentável como fundamental e prioritário em todo o mundo. Nesse evento, foi proposta também a elaboração da Carta da Terra, documento publicado apenas em 2000 e que estabelece quatro princípios éticos para a busca por uma sociedade mais sustentável, justa e pacífica: respeitar e cuidar da comunidade de vida; integridade ecológica; justiça social e econômica; democracia, não violência e paz.

No entanto, embora a agenda política do desenvolvimento sustentável tenha procurado, em um primeiro momento, incluir os povos indígenas em suas prioridades, a visão desenvolvimentista clássica acabou por prevalecer, reiterando o conceito de terra como uma espécie de *commodity* — ou seja, uma mercadoria primária de grande valor comercial — e reduzindo o protagonismo dos povos originários e populações tradicionais.

Segundo o sociólogo Pedro Roberto Jacobi, professor titular da Universidade de São Paulo, apesar dos avanços em vários setores pós-Rio-92, os princípios de proteção ambiental e de desenvolvimento sustentável continuaram sendo vistos como um impedimento para o crescimento econômico, o que leva pesquisadores e ativistas a afirmarem que essa lógica econômica é inconciliável com uma ideia de sustentabilidade. A crítica mais contundente recai, em especial, nos países mais ricos, que são os maiores poluidores, mas têm descumprido metas ambientais firmadas em acordos internacionais.

PRATIQUE

2.

É provável que, nos anos recentes, nenhum conceito tenha sido citado tantas vezes, discutido e empregado em tantas pesquisas, como o conceito de desenvolvimento sustentável e de sustentabilidade. Existem hoje várias visões de sustentabilidade. Diversas interpretações desse conceito foram elaboradas de acordo com a área e os objetivos dos estudos desenvolvidos, o que levou à ampliação excessiva de seu significado. Concorda-se com a opinião dominante de que o conceito da sustentabilidade pode e tem que ser considerado à luz da abordagem trans-disciplinar. Pois, nos dias atuais, reconhece-se que as ciências disciplinares não conseguiram lidar bem com os muitos conceitos ambientais, inclusive o mais importante deles — a sustentabilidade.

MIKHAILOVA, Irina. Sustentabilidade: evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática. **Revista Economia e Desenvolvimento**, nº 16, 2004, p. 22-23. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/eed/article/view/3442>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

Explique do que se trata a sustentabilidade e liste alguns exemplos dessa prática.

POVOS DA FLORESTA: MODOS DE VIDA E MOBILIZAÇÕES

Vimos como Bruno Latour sugere que olhemos para os modos de vida dos povos da floresta para nos reconectar com a natureza. Mas quem são os **povos da floresta?**

A categoria “povos da floresta” relaciona-se com as comunidades tradicionais, algumas das quais já estudamos em outro momento quando aprendemos sobre a população brasileira, com destaque para as populações indígena e quilombola. No Brasil, essas comunidades são definidas oficialmente da seguinte forma:

Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição [...].

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Art. 3º, inciso I. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 22 jul. 2021.

São, portanto, grupos que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias, mantendo relações específicas com o território e com o meio ambiente no qual estão inseridos. Respeitam também o princípio da sustentabilidade, buscando a sobrevivência das gerações presentes sob os aspectos físicos, culturais e econômicos, bem como assegurando as mesmas possibilidades para as gerações futuras.

Tais povos ocupam de maneira temporária ou permanente terras que fazem parte do território nacional. Os membros dessas comunidades possuem práticas e modos de ser, viver e sentir diferentes do restante da sociedade, o que inspirou a ideia de que eles tenham direitos próprios, com a garantia desses direitos contribuindo para a promoção da justiça social.

Os povos da floresta precisam das matas e dos rios para a sua sobrevivência e utilizam os recursos naturais sem provocar sua destruição, extraíndo produtos como castanhas, óleos vegetais e borracha, sob um modo de vida dedicado a uma agricultura de subsistência, à caça e à pesca não predatórias. Entre os povos da floresta, podemos mencionar, por exemplo, além dos grupos indígenas e quilombolas já destacados, os pescadores artesanais, as comunidades extrativistas (seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco, entre outros), os ribeirinhos, os pantaneiros, os povos ciganos, os faxinalenses, as comunidades de matriz africana e de terreiros e os caiçaras.

No quadro a seguir, podemos conhecer um pouco mais sobre algumas dessas comunidades.

Indígenas	São os "povos originários", descendentes de populações que já ocupavam o território brasileiro antes da colonização. Atualmente, vivem no país 255 povos indígenas, em um total de 896.917 pessoas, segundo o Censo 2010 do IBGE. Apresentam grande diversidade de modos de vida e culturas, são falantes de mais de 150 línguas diferentes e estão distribuídos por milhares de aldeias em 725 terras indígenas.
Quilombolas	Comunidades rurais ou urbanas formadas por descendentes dos antigos quilombos, que agrupavam ex-escravizados ou escravizados fugidos, configurando-se como locais de resistência. Procuram manter tradições ancestrais de matriz africana, como elementos religiosos, culinária, danças e cantos.
Pescadores artesanais	Vivem em regiões costeiras ou próximas de rios e lagos e praticam a pesca artesanal, com técnicas mais tradicionais, mão de obra familiar, pequenas embarcações e produção para subsistência ou comercialização local.
Extrativistas	Comunidades diversas, espalhadas por todo o Brasil, que exercem atividade de coleta e extração de produtos naturais para fins econômicos e de subsistência. Alguns exemplos: seringueiros, que extraem o látex, matéria-prima para fabricação da borracha; quebradeiras de coco, que coletam coco da palmeira de babaçu; castanheiros, que vivem da extração de castanhas.
Ribeirinhos	Habitantes de regiões alagadas de florestas ou da beira de rios, são pequenos produtores que vivem de agricultura familiar, coleta, caça e pesca.
Pantaneiros	Moradores tradicionais do Pantanal Mato-Grossense e Sul-Mato-Grossense, intimamente conectados com o funcionamento desse bioma para realizar suas atividades de subsistência.
Ciganos	Populações, em geral, nômades, de origem india, com língua tradicional (o Romani) e que se espalharam por diversas regiões do mundo. Com forte senso familiar, apresentam variedade de culturas e raízes.
Faxinalenses	Habitantes especialmente do estado do Paraná, são comunidades rurais caracterizadas pelo uso socializado das terras e seus recursos, com produção animal e agrícola campesina.
Comunidades de matriz africana e de terreiros	Os povos de terreiro estão ligados a comunidades afrorreligiosas e apresentam territorialidade, cultura e ancestralidade de matriz africana. Algumas das tradições religiosas são o candomblé e a umbanda.
Caiçaras	Descendentes principalmente de indígenas e portugueses, são habitantes do litoral das regiões Sudeste e do Sul, em particular de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, e vivem da pesca artesanal, do artesanato e do extrativismo vegetal, entre outras atividades.

Fontes: Portal Ypadé: <<https://ftd.li/tv3opq>> e Instituto Socioambiental: <<http://ftd.li/e8j6rj>>.

▲ Indígenas da aldeia Kalapalo, no Parque Indígena do Xingu (MT), 2009.

Territórios tradicionais e a preservação da natureza

Os locais habitados por populações tradicionais não podem ser considerados apenas como lotes, bens econômicos ou mesmo extensões de terra. As relações dos povos da floresta com tais ambientes, que em alguns casos é milenar, demanda que esses locais sejam entendidos como territórios. Isso nos leva a indagar: como definir o que é um **território**?

O território implica dimensões simbólicas. No território estão impressos os acontecimentos ou fatos históricos que mantêm viva a memória do grupo; nele estão enterrados os ancestrais e encontram-se os sítios sagrados; ele determina o modo de vida e a visão de homem e de mundo; o território é também apreendido e vivenciado a partir dos sistemas de conhecimento locais, ou seja, não há povo ou comunidade tradicional que não conheça profundamente seu território.

MINAS GERAIS. Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais (CIMOS) - Ministério Público de Minas Gerais.

Direitos dos povos e comunidades tradicionais. Belo Horizonte, 2014. p. 12-13. Disponível em: <<https://conflitosambientalmg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

Pesquisas realizadas para a elaboração de uma cartilha intitulada **Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais**, publicada em 2014 por iniciativa do Ministério Públco de Minas Gerais, postulam que o plantio, a criação, a caça, a pesca, o extrativismo e o artesanato podem ser associados a relações de parentesco e compadrio e têm como base relações de troca e solidariedade entre famílias, grupos locais e comunidades. O objetivo da produção de tais comunidades não é apenas vender para o mercado. Parte considerável do que é produzido é destinada ao consumo e às práticas sociais (como festas, ritos, procissões, folias de reis etc.), o que ajuda a manter a unidade do grupo.

Essas maneiras de extração dos produtos naturais possuem baixo impacto ambiental e ajudam a preservar o meio ambiente, mas não devem ser estudadas apenas como procedimentos técnicos e agronômicos, pois estão envoltas em um repertório considerável de mitos, ritos e conhecimentos herdados de ancestrais. A forma de produção e consumo desses povos é indissociável da maneira de se relacionar com a natureza e com o mundo. Nesse contexto, é natural que as práticas produtivas estejam relacionadas, por exemplo, a calendários religiosos e ritualísticos.

▲ Vista aérea da Terra Indígena Kampa do Rio Amônea, da etnia Ashaninka, na cidade de Marechal Thaumaturgo (AC), julho de 2021.

ANDRÉ DIPULSAR IMAGENS

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009), que conviveu com a etnia Bororo no Mato Grosso do Sul no período em que esteve no Brasil, conforme já estudamos, aponta que o pensamento “selvagem”, isto é, os saberes dos povos da floresta, produz resultados teóricos e práticas singulares, em razão da proximidade que tais populações têm com a natureza. Para o autor, essa afinidade é um dos alicerces básicos das práticas indígenas, que permitem uma observação e um conhecimento da natureza em seus mínimos detalhes. Sendo assim, para tais populações, a natureza não pode ser dominada tendo em vista paradigmas exploratórios. A harmonia com o meio ambiente é algo que faz parte da própria maneira de viver das populações originárias. Não há vida sem essa interconexão.

Nesse sentido, não é incomum que os territórios das comunidades tradicionais ultrapassem as divisões formais de municípios e estados. É necessário, portanto, levar em conta a distribuição demográfica tradicional desses povos, independentemente das divisões geopolíticas definidas pelo Estado, uma vez que tais comunidades são excluídas não apenas por fatores étnico-raciais, mas, sobretudo, porque sua própria existência tem sido ameaçada pela ação de grileiros, fazendeiros, garimpeiros, madeireiros, empresas (como hidrelétricas) ou até de agentes estatais. Os interesses de empresários do ramo do agronegócio, especialmente na Amazônia, explicam, em grande medida, o processo de desterritorialização de grupos étnicos em curso no Brasil.

Para o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (1940-), os conflitos e as catástrofes ambientais, bem como as disputas territoriais e as dificuldades dos povos originários em lutar pela sua sobrevivência, devem-se, sobretudo, a um conflito de formas de pensamento, o que, em linguagem sociológica, é chamado de conflito epistemológico.

O momento atual, segundo ele, é caracterizado pela distância na maneira de pensar dos diversos grupos sociais, o que Boaventura chama de “era de pensamento abissal”. De um lado do abismo epistemológico, temos o pensamento hegemônico colonialista dos grandes Estados e suas ramificações políticas; de outro, o pensamento dos povos originários, fundamentado numa relação de afinidade com o mundo natural, que lhes permite escutar e traduzir as mensagens advindas da natureza e aprender com ela os caminhos da paciência, da arte de saber viver e construir os seus saberes.

ENEM EM FOCO

A luta pelo reconhecimento dos direitos indígenas está longe de acabar, visto que muitos deles ainda não são assegurados. Assim, é de extrema relevância evidenciar quais são esses direitos e a importância de sua garantia para a sobrevivência dos povos originários. Esta questão do Enem é um exemplo de como o exame procura trabalhar a temática.

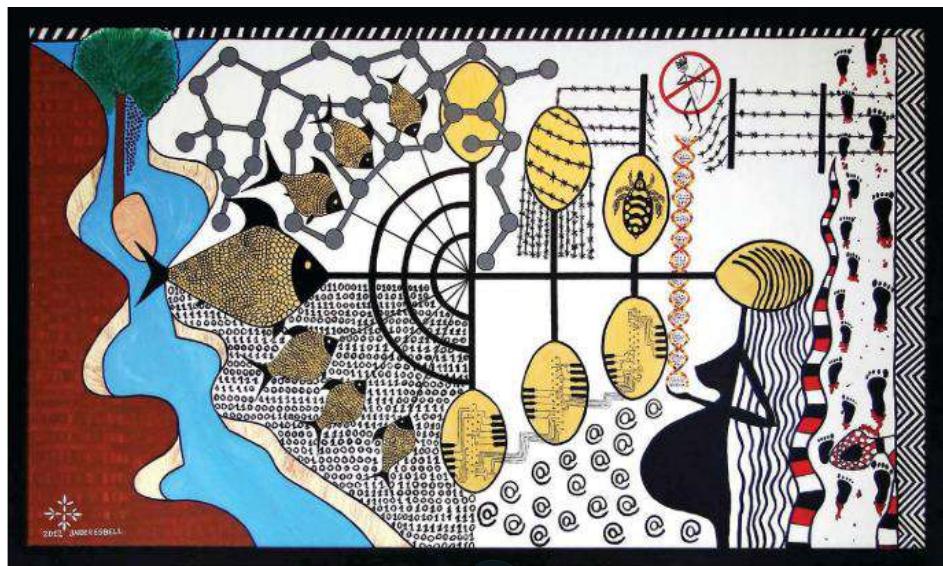
1. (Enem/MEC)

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em:
www.planalto.gov.br. Acesso em: 27 abr. 2017.

A persistência das reivindicações relativas à aplicação desse preceito normativo tem em vista a vinculação histórica fundamental entre

- a)** etnia e miscigenação.
- b)** sociedade e igualdade jurídica.
- c)** espaço e sobrevivência cultural.
- d)** progresso e educação ambiental.
- e)** bem-estar e modernização econômica.

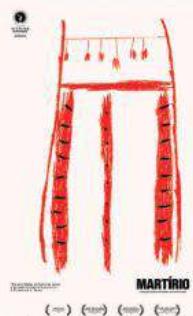


▲ ESBELL, Jaider. **Conhecimento e dignidade**. 2012. Acrílica sobre tela, 120 cm x 230 cm. Nascido em Roraima, Jaider Esbell (1979-) é artista, escritor e produtor cultural indígena, da etnia Makuxi.

AMPLIE

Martírio

O documentário analisa a violência sofrida pela etnia Guarani Kaiowá, um dos maiores povos indígenas do Brasil atualmente, mostrando suas lutas históricas e os conflitos de terra, especialmente com latifundiários. O filme apresenta-se como um importante documento de registro e visibilidade do massacre contra os indígenas, incluindo debates e negociações que ocorrem no Congresso Nacional sobre a demarcação de suas terras.



▲ **Martírio**. Direção: Vincent Carelli, Ernesto de Carvalho e Tatiana Almeida. Brasil, 2017 (160 min).

Como alternativa de combater essa intransponibilidade de modos de pensamento e de enxergar o mundo, Boaventura propõe uma ecologia de saberes, isto é, uma nova forma de pensar que busque agregar questões e procedimentos na tentativa de aproximar a maneira de pensar dos povos da floresta das outras formas de pensar o mundo. No texto “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes” (2007), Boaventura elenca algumas questões primordiais para a resolução desse debate:

- Como podemos distinguir o conhecimento científico do conhecimento não científico e como fazer a distinção entre os vários conhecimentos não científicos? Como se diferencia o conhecimento ocidental do conhecimento não ocidental?
- Como relacionar os diferentes conhecimentos e saberes entre si?
- Como identificar as diferenças entre alternativas ao Capitalismo (e ao seu sistema de opressão e dominação) e alternativas dentro do Capitalismo?

Em uma perspectiva semelhante à de Boaventura, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (1951-) observa que a desvalorização do pensamento dos povos originários demonstra que as políticas públicas e o Estado hegemônico agem sob a perspectiva da naturalização da destruição dos povos indígenas. Assim, os povos originários encontram-se ao lado de outras minorias perseguidas sistematicamente pelo Estado.

Segundo ele, os indígenas “foram e são os primeiros Involuntários da Pátria”, pois absorveram uma “pátria” que não queriam num processo que trouxe escravidão, desterritorialização, morte e doenças. Os indígenas, porém, adverte o antropólogo, são nosso exemplo de “existência” — termo que une a resistência com a existência — a uma guerra que procura fazê-los desaparecer, apagando sua existência, seja matando-os, seja “desindianizando-os” e os tornando “cidadãos civilizados”.

Resistência indígena

Observe a imagem e leia o texto a seguir.

SERGOLIMA/AFP



▲ Indígenas de diferentes etnias na Esplanada dos Ministérios, próximos ao Congresso Nacional, em Brasília, durante a semana de Mobilização Nacional Indígena (MNI), em abril de 2019, cujo objetivo era impedir retrocessos na demarcação de seus territórios.

O Estado brasileiro e seus ideólogos sempre apostaram que os índios iriam desaparecer, e quanto mais rapidamente melhor; fizeram o possível e o impossível, o inominável e o abominável para tanto. Não que fosse preciso sempre exterminá-los fisicamente para isso — como sabemos, o recurso ao genocídio continua amplamente em vigor no Brasil —, mas era sim preciso de qualquer jeito desindianizá-los, transformá-los em “trabalhadores nacionais”. Cristianizá-los, “vesti-los” (como se alguém jamais tenha visto índios nus, a esses mestres do adorno, da plumária, da pintura corporal), proibir-lhes as línguas que falam ou falavam, os costumes que os definiam para si mesmos, submetê-los a um regime de trabalho, polícia e administração. Mas, acima de tudo, cortar a relação deles com a terra. Separar os índios (e todos os demais indígenas) de sua relação orgânica, política, social, vital com a terra e com suas comunidades que vivem da terra — essa separação sempre foi vista como condição necessária para transformar o índio em cidadão. Em cidadão pobre, naturalmente. Porque sem pobres não há capitalismo, o capitalismo precisa de pobres, como precisou e ainda precisa de escravos. [...] Enfim, e sobretudo, ele prospera por via da exploração da Terra, a natureza “grátis” oferecida por Deus para o uso e abuso do “Homem”, isto é, por via da devastação generalizada do planeta.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os Involuntários da Pátria: elogio do subdesenvolvimento. **Caderno de Leituras**, nº 65, Série Intempestiva, Edições Chão da Feira, maio 2017, p. 5. Disponível em: <<https://chaodafeira.com/catalogo/caderno65/>>.

● Acesso em: 22 jul. 2021.

De que maneira a cultura indígena resistiu ao processo de colonização implementado pelos europeus no território brasileiro? Para essa reflexão, pesquise sobre os povos indígenas originários que habitavam a região onde você mora na época pré-colonial, como eles viviam, quais eram seus hábitos e costumes, por quais conflitos eles passaram e quais foram suas formas de resistência. Elabore um texto sobre o significado social desse processo de separação dos indígenas de seu território original, refletindo sobre as condições atuais dessas populações, inclusive se as etnias pesquisadas foram dizimadas, considerando também a luta por sua cidadania, ainda que a Constituição brasileira assegure seus direitos.

3. Analise a charge a seguir e faça o que se pede.



▲ Charge de Latuff, 2012.

Em seu caderno, estabeleça a relação que a charge faz entre o agronegócio e a violência contra os indígenas.

4

APROFUNDE

QUESTÕES E CONFLITOS AMBIENTAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 90% dos municípios brasileiros apresentam problemas ambientais, entre os quais, os mais relatados são queimadas, desmatamento, assoreamento, poluição das águas, do ar e do solo, produção de lixo e descarte inadequado de resíduos, diante de um saneamento básico precário. No Brasil, a falta de políticas eficazes de planejamento e utilização dos recursos naturais contribui imensamente para a degradação ambiental. A visão dos governos, que tratam dos problemas de forma separada, influencia largamente essa questão. Elementos como ar, água, solo, fauna e flora não deveriam ser considerados separadamente.

Apesar dos problemas ambientais brasileiros afetarem diretamente a população como um todo, é importante frisar que os efeitos de tais consequências ambientais afetam alguns segmentos sociais de maneira mais impactante que outros, em razão da escassez de recursos que alguns grupos possuem. Além disso, quando falamos de problemas ambientais, não estamos nos referindo apenas a parques, áreas de preservação ou lugares voltados para o turismo, mas a tudo que nos cerca enquanto natureza.

Em relação ao desmatamento (também chamado de desflorestação ou desflorestamento), os riscos são imensos e ameaçam o bioma, a biodiversidade e a perda de habitats. Além da exploração da indústria madeireira, o desmatamento ocorre para a abertura de áreas para a agricultura ou a pecuária. O método mais utilizado no desmatamento é a queimada ilegal.

Um exemplo devastador dessa situação é o que acontece na Mata Atlântica, que vem sendo derrubada para acomodar populações ou para estabelecer campos agricultáveis (pastagens artificiais, culturas anuais e outras plantações de valor econômico).

Em pesquisa divulgada pelo Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), que utilizou ferramentas como imagens de satélite para monitoramento, observou-se que, entre agosto de 2020 e junho de 2021, o desmatamento na Amazônia aumentou 51% em comparação ao mesmo período anterior. Isso significa que a maior floresta tropical do mundo perdeu 8 381 km² de área, configurando a maior devastação nos últimos dez anos na região. O instituto considera como desmatamento a remoção completa da vegetação florestal, chamada de “corte raso”, principalmente para abrir áreas de criação de gado. Por sua vez, o Imazon entende o processo de degradação como a extração das árvores, em particular para o comércio da madeira, além dos incêndios florestais realizados para a limpeza de pastos, mas que, muitas vezes, acabam se alastrando para uma área muito maior da floresta. De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), que possui um sistema que emite alertas diários de desmatamento, apenas no mês de junho de 2021, a Amazônia perdeu mais de 1 000 km² de floresta nativa.

Outro importante bioma que segue sendo devastado é o Pantanal, localizado entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Em 2020, queimadas atingiram 4,5 milhões de hectares dessa que é considerada a maior planície alagada contínua do mundo. Conforme os dados do Inpe, os registros de incêndio em 2020 foram os maiores desde o final da década de 1990, consumindo 26% de todo o bioma, afetando 4,6 bilhões de animais, segundo pesquisadores, e provocando a morte de ao menos 10 milhões deles. Além disso, o incêndio causou prejuízos em diversos municípios, propriedades rurais, áreas indígenas e ribeirinhas. As investigações para apurar os responsáveis indicaram grande probabilidade de haver relação com atividades agropastoris. A estiagem (falta de chuvas) e a crise hídrica (baixa dos níveis dos rios) também são fatores que afetam a região, aumentando o risco de descontrole dos incêndios e ameaçando os modos de vida de comunidades tradicionais.

De acordo com pesquisa divulgada em 2021 pelo Projeto de Mapeamento Anual do Uso e Cobertura da Terra no Brasil (MapBiomas), que monitorou 150 mil imagens de três satélites entre 1985 e 2020, 8 das 12 regiões hidrográficas brasileiras estão com tendência de diminuição de área. O Pantanal foi a região que mais sofreu com a perda de superfície de água, com uma redução de 74%. Isso alimenta ainda mais os ciclos de fogo, pois, sem água, a terra fica mais vulnerável às queimadas. Entre as causas indicadas pela pesquisa para essa perda de água, estão a construção de barragens e represas, o uso excessivo de recursos hídricos e as mudanças na dinâmica do uso da terra voltada para a agricultura e a pecuária, além das mudanças climáticas mundiais.



▲ Área desmatada na Amazônia, próxima a Porto Velho (RO), em agosto de 2020.

|| AMPLIE ||

A última floresta

O roteiro de **A última floresta** foi escrito pelo xamã yanomami Davi Kopenawa e por Luiz Bolognesi, diretor do filme que retrata o cotidiano de uma comunidade yanomami e a ameaça do garimpo em suas terras. O filme ganhou o prêmio do público da mostra Panorama, do festival de cinema de Berlim de 2021.



▲ A última floresta.

Direção: Luiz Bolognesi.
Brasil, 2021 (74 min).

GUILHERME BURITI/FILMES YUTUKARA/ASSOCIAÇÃO YANOMAMI/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA)

Ao lado do agronegócio, outra atividade que vem sendo questionada como uma das mais problemáticas é a mineração, como já estudamos em capítulo anterior. O Brasil tem sido palco de desastres ambientais decorrentes de rompimentos de barragens de minérios, como os ocorridos em Mariana, em 2015, e em Brumadinho, em 2019, ambas cidades localizadas no estado de Minas Gerais. Considerada uma atividade predatória, assim como o garimpo ilegal, a mineração produz impactos devastadores sobre a população e a natureza.

No que diz respeito à poluição, em suas diferentes dimensões, é importante observar como ela altera a cadeia alimentar e gera desequilíbrios no ecossistema, como aqueles identificados após desastres ambientais da mineração. Além disso, o uso de inseticidas, desinfetantes, solventes e produtos químicos nas plantações acaba por atingir os mananciais subterrâneos. A ocupação inadequada, provocada pelo grande abismo social existente no Brasil, e o saneamento básico precário, que é de responsabilidade do Estado, são também fatores de degradação dos recursos hídricos. A ONU aponta que algumas regiões do Brasil são as mais poluídas do mundo, especialmente as costeiras, onde aproximadamente 40 milhões de pessoas lançam 150 mil litros de esgoto no meio ambiente. A Bacia do Amazonas, por exemplo, é o maior filão de água doce do planeta, correspondendo a 1/5 da água doce disponível. O Brasil detém 12% de toda a água doce do planeta, mas a maior parte dela — cerca de 80% — está localizada na região amazônica. Os 20% restantes se distribuem desigualmente pelo país, atendendo a 95% da população.

Em grandes centros urbanos e industrializados, os dilemas ambientais são graves. Nesses locais, o excesso de fumaça industrial e os gases emitidos pelos automóveis acabam por poluir a atmosfera e deixar o clima mais quente. Não é incomum que as populações desenvolvam doenças respiratórias e enfrentem ilhas de calor e inversões térmicas.

Para o geógrafo David Harvey, a busca incessante de lucro e de poder, somada às forças empresariais do Capitalismo, ajuda a compreender os motivos pelos quais o Brasil do século XXI enfrenta tantos problemas ambientais. Essa lógica capitalista, baseada na propriedade privada dos meios e instrumentos de produção e que se impõe a todos nós de forma hierárquica, caracteriza-se pela expropriação de todos os bens comuns e dos recursos que pertencem ou são utilizados pelos grupos mais pobres da sociedade, com a transformação desses grupos humanos em desempregados, subempregados ou assalariados, isto é, que vendem sua força de trabalho no chamado “mercado de trabalho”.

▲ Bombeiro em combate a incêndio no Pantanal, na cidade de Poconé (MT), em setembro de 2020.

MARIO FRIDLANDER/PULSAR IMAGENS

Você sabia que a poluição sonora também é considerada um problema ambiental?

A Lei de Crimes Ambientais (nº 9.605/1998), em seu artigo 54, prevê sanções de multa e reclusão de 1 a 4 anos por “poluição de qualquer natureza em níveis tais que resultem ou possam resultar em danos à saúde humana, ou que provoquem a mortandade de animais ou a destruição significativa da flora”. No entanto, não há uma legislação nacional específica sobre poluição sonora. As chamadas “leis do silêncio” são, em geral, locais, cabendo aos estados e municípios instituírem regras sobre o assunto.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a poluição sonora é um dos fatores que mais causam problemas de saúde nas pessoas. Embora ela não gere uma acumulação no meio ambiente, como a poluição das águas, a poluição provocada por ruídos e sons que ultrapassam determinados níveis auditivos — buzinas no trânsito, obras, máquinas em indústrias, motor de caminhões e ônibus, proximidade de caixas de som em shows, entre outros — pode causar danos na qualidade de vida, no corpo e na mente das pessoas, prejudicando a concentração, a memória, o sono e o humor, o que pode afetar a forma como agimos socialmente, além de aumentar as chances de infarto, tontura, baixar a imunidade e, em casos extremos, levar à perda auditiva.

Os efeitos variam de acordo com os decibéis emitidos e impactam, ainda, a fauna e a flora da região, desequilibrando o ecossistema. Nos animais, por exemplo, ruídos excessivos podem gerar um afastamento e desestabilizar o processo de reprodução, a busca por alimentos e a sua comunicação. Já as plantas podem ter seu crescimento afetado em razão dos tremores causados pelos ruídos e pelas ondas sonoras resultantes.

É sempre importante refletirmos sobre os impactos das nossas ações sobre o mundo. E você, já sentiu algum efeito negativo causado pela poluição sonora em sua cidade?



▲ Monitoramento dos níveis de decibéis em área próxima a uma refinaria.

Conflitos ambientais

A concretização de novos investimentos e projetos criados por necessidades do Estado e de empreendimentos privados não ocorre sem conflitos com populações tradicionais e com os ambientalistas. O financiamento do projeto de expansão capitalista deve ser considerado para que possamos compreender as consequências sociais dessas empreitadas. Hidrelétricas, mineradoras, siderúrgicas, usinas de celulose, de álcool e refinarias de petróleo são exemplos de tais ações; a construção e a montagem de cada unidade de produção exigem bilhões de reais. Os grupos locais de moradores que resistem à expansão de tais empreendimentos capitalistas lutam contra o poderio do Estado e contra a soberania empresarial; não é uma luta apenas por direitos humanos, mas por sobrevivência, já que as populações moram, trabalhavam, coletam, pescam e plantam em determinada área.

Historicamente, o Estado brasileiro se relaciona com a manutenção da terra de uma maneira que não protege a integridade de populações tradicionais. Diversas leis foram elaboradas, favorecendo a invasão de territórios e promovendo o aniquilamento da cultura e da forma de viver desses povos. Como exemplo, ainda no século XIX, foi promulgada a lei nº 601, de 1850, a chamada Lei de Terras, que estabelecia a necessidade de registro cartorial e de documento de compra e venda para configurar o domínio, com a qual se instaurou uma diferença no acesso e na manutenção da terra pelos habitantes do meio rural. Isso agravou não só a concentração fundiária, mas também a própria desigualdade racial no país.

Por meio de grandes obras governamentais visando ao que era considerado desenvolvimento, o Estado brasileiro acabou promovendo a exploração coletiva dos recursos naturais mediante o uso da força de trabalho da população local. No contexto, por exemplo, do período de Getúlio Vargas no poder até 1945, podemos citar a criação da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, no norte do estado do Rio de Janeiro, e a primeira grande usina hidrelétrica brasileira, em Paulo Afonso, na Bahia.

Durante o período da ditadura militar, entre 1964 e 1985, grandes obras foram implementadas, como a rodovia Transamazônica. Tal empreendimento não teria sido possível se não fosse pelas facilidades oferecidas por agências governamentais aos grandes grupos capitalistas por meio de incentivos, subsídios e isenções fiscais.

A desterritorialização que estudamos anteriormente é chamada, no jargão empresarial, de “limpeza da área”; na linguagem dos licenciamentos ambientais, é conhecida como “reassentamento involuntário”. Na realidade, “limpar a área” é o objetivo das mineradoras, das empresas de hidreletricidade e de petróleo e do agronegócio.



▲ Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil, em registro realizado em 22 de julho de 2021, quando mostrava um total de 611 conflitos em curso no país.



▲ Mapa de Conflitos (Fiocruz).

Veja o “Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil”, uma importante ferramenta de registro, monitoramento e denúncia. Desde 2018 integrante do Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepes/ENSP), o mapa foi originalmente concebido em 2008 e disponibilizado na internet pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em 2010, como resultado de parceria entre a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase) e a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP). O projeto objetiva tornar públicas as vozes de povos e comunidades que lutam por justiça ambiental, frequentemente discriminadas e invisibilizadas pelas instituições e pela mídia. Até julho de 2021, como podemos ver, haviam sido postados no site 611 conflitos ativos em todo o território nacional. Muitos casos mostram como tais populações são ameaçadas e vítimas de violência quando buscam exercer sua cidadania, ao

defenderem seus direitos pela vida, que incluem o território, a saúde, os ecossistemas, a cultura e a construção de uma sociedade mais humana, saudável e democrática.

Alguns dos conflitos mais graves envolvem o confronto entre o agronegócio e povos indígenas, particularmente em torno do debate sobre a demarcação de terras indígenas. Desde o período colonial, há legislações no Brasil que reconhecem os direitos dos povos indígenas sobre seus territórios, mas sempre se introduziram brechas para burlá-los. A Constituição de 1988 estabelece esses direitos como originários, ou seja, anteriores à própria formação do Estado, o qual teria a obrigação de protegê-los e encaminhar a demarcação das terras, com posse e usufruto exclusivo dos indígenas. Antes disso, o Estatuto do Índio (Lei nº 6.001/1973), que regula a situação jurídica das comunidades indígenas, também instituiu regras para essa demarcação. Criada em 1967, a Fundação Nacional do Índio (Funai) é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro e responsável pelos processos de demarcação de terras, mas tem sofrido transformações em sua gestão nos últimos tempos, o que tem comprometido sua função de proteger essas populações.

Atualmente, os conflitos têm aumentado, intensificando-se as invasões de garimpeiros, grileiros, posseiros e madeireiros em terras indígenas. Ao lado disso, desde 2017, tem se debatido sobre a tese do "marco temporal", defendida por ruralistas e que postula que indígenas só teriam direito à demarcação de terras que estivessem sob sua posse antes da promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988, o que desconsidera expulsões e violências sofridas até aquela data.

Os grandes projetos do capital podem ser considerados ameaças à democracia e ao meio ambiente, pois impedem que os cidadãos, em especial os mais atingidos por tais obras e transformações no território, experimentem qualquer tipo de melhoria em suas condições de vida.

Mudanças climáticas e política ambiental brasileira

As primeiras legislações brasileiras sobre o uso de recursos naturais começaram a ser estabelecidas nos anos 1930, quando se instituiu o primeiro Código Florestal, em 1934. Ao longo de décadas, a política ambiental no país se fortaleceu, e o Brasil chegou a ser protagonista em fóruns internacionais sobre o clima e o meio ambiente. A criação de normas e instituições para a proteção de comunidades tradicionais e indígenas, como vimos, faz parte também dos dispositivos ambientais, sendo fundamental para a própria conservação da biodiversidade.

O resultado de encontros internacionais sobre o clima e as propostas de sustentabilidade pode ser percebido no Brasil já em 1978, quando foi criado o Comitê Especial de Estudos Integrados de Bacias Hidrográficas (CEEIBH) com o objetivo principal de estudar a forma pela qual o país deve fazer uso de seus recursos hídricos, tendo em vista reduzir os impactos no meio ambiente. Antes disso, ainda em 1973, criou-se a Secretaria Especial do Meio Ambiente, primeiro órgão federal para tratar do tema.

Apenas em 1981 foi instituída a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), que sugere instrumentos de padrões de qualidade ambiental, zoneamento ambiental, avaliação de impactos ambientais, licenciamento ambiental e o Sistema Nacional de Informações Ambientais como ferramentas no combate aos efeitos das atividades humanas sobre o meio ambiente.

A proteção ao meio ambiente também foi expressa na Constituição Federal de 1988:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 21 jul. 2021.

Como resultado dos acordos e das conferências dos anos 1990, a legislação ambiental no Brasil avançou, aprimorando as penalidades contra os crimes e fortalecendo o licenciamento ambiental, procedimento obrigatório para empreendimentos que possuem atividades com potencial de causar danos ambientais. O órgão responsável por esse licenciamento em caráter federal é o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), criado em 1989 e atuante em diversos conflitos. Logo em seguida, em 1992, foi finalmente fundado o Ministério do Meio Ambiente.

Já em 1998, a Lei de Crimes Ambientais (nº 9.605) trouxe mais um avanço, abrindo a possibilidade de responsabilizar criminalmente grandes empresas por danos à natureza que seus empreendimentos possam causar. Além disso, condutas que ignoram normas ambientais também passaram a ser criminalizadas, como quando não há licença ambiental para determinado empreendimento que segue sendo realizado. As sanções variam de acordo com a gravidade da infração, indo desde multas até detenção.

A virada do século foi marcada pela criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, em 2000, e da Política Nacional sobre Mudança do Clima, em 2009, sendo o Brasil um dos primeiros países a instituir tal dispositivo. A fundação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), em 2007, também foi importante pela promoção de pesquisas e ações de preservação. Já em 2010, o estabelecimento da Política Nacional de Resíduos Sólidos teve como finalidade construir padrões sustentáveis de produção e consumo, com a perspectiva de integrar os catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis à sociedade e eliminar os lixões.

A década seguinte fortaleceu a discussão sobre a biodiversidade, mas, desde 2019, percebe-se um enfraquecimento das instituições de proteção ao meio ambiente e das próprias normativas. A gestão estatal tem produzido um desmonte de algumas políticas, com uma reestruturação de órgãos que provoca perda de atribuições, flexibilização da fiscalização de crimes ambientais e até mesmo a redução da participação da sociedade civil nos contextos de decisão.

Estrategistas de movimentos ambientais, pesquisadores, movimentos indígenas, camponeses e de justiça ambiental mostram que soluções falsas e corporativas, direcionadas ao mercado, tiram a atenção de soluções climáticas reais que podem atender às nossas necessidades. A sociedade brasileira passou a demonstrar uma preocupação cada vez maior com a proteção do meio ambiente. Cada região do país sofre efeitos específicos das mudanças climáticas que vêm ocorrendo no planeta.

O aumento da urbanização e outras ações humanas no meio ambiente afetam também a variabilidade do clima, o que comumente é chamado de aquecimento global. Durante os primeiros anos do século XXI, já era possível diagnosticar, por exemplo, que as mudanças climáticas ocasionam enchentes e secas ainda mais intensas e frequentes, além de queimadas e focos de incêndio. Tais condições ambientais podem causar danos econômicos e ecológicos e, no pior dos casos, colocam vidas em risco.

Embora estejam geralmente em lados opostos na questão ambiental, tanto atividades econômicas, como a indústria têxtil, a construção de hidrelétricas e o agronegócio, quanto a silvicultura, os ecossistemas alagados e a vida selvagem são afetadas pelo aquecimento global. É possível afirmar que todos os empreendimentos, estatais ou privados, sofrerão direta ou indiretamente com o aquecimento global e suas consequências.

Em relatório divulgado em agosto de 2021 pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), da ONU, as previsões para a América do Sul são preocupantes. As conclusões indicam uma probabilidade de aumento das temperaturas em taxas maiores que a média global. No Brasil, a tendência é de alterações nos regimes de chuvas, com mais precipitações no Sul e no Sudeste, ao passo que haverá crescimento da duração das secas na região Nordeste, na Amazônia e em parte do Centro-Oeste. A orientação é que a gestão ambiental dos países deve se guiar principalmente pela redução da emissão de gases do efeito estufa, a fim de limitar as mudanças climáticas e evitar um quadro irreversível.

Assista a este capítulo



<http://ftd.li/s213soc61334oau001>

PRATIQUE

4.



▲ Charge de Arionauro, 2018.

Identifique o problema ambiental exposto na charge e discorra brevemente sobre ele.

APROFUNDE 5 e 6

APROFUNDE

1. (UEM-PR)

“No século XX, a humanidade passou a se preocupar cada vez mais com a preservação dos recursos naturais e as questões ambientais em geral. Segundo o filósofo Bruno Latour, um problema ecológico é um híbrido, pois não envolve apenas uma ciência ou um conjunto de ciências; tem também um aspecto político. Por essa razão, Latour fala em ‘políticas da natureza’: já não basta produzir uma ciência, um conhecimento da natureza, é necessário também construir ações políticas na relação entre o ser humano e a natureza.”

(GALLO, S. Filosofia: experiência do pensamento. São Paulo: Scipione, 2013, p. 283).

A partir das noções de ética ambiental e das relações entre o ser humano e a natureza, assinale o que for correto.

- 01) A partir da revolução científica no início do período Moderno, o conhecimento dos fenômenos naturais levou o ser humano a uma convivência harmoniosa com a natureza.
- 02) A noção de “direito natural”, que emerge na filosofia política da Modernidade, diz respeito somente à natureza humana e não considera digno de direitos o mundo natural.
- 04) A ética ambiental critica o antropocentrismo, isto é, a ideia de que o ser humano ocupa lugar central na natureza em relação aos demais seres vivos.
- 08) A ética ambiental contemporânea prescreve que as relações entre o ser humano e a natureza devem ser estabelecidas na forma de leis.
- 16) Na ética contemporânea, a teoria da responsabilidade propõe que é dever do ser humano agir de maneira compatível com a permanência da vida humana e com a conservação do planeta.

Soma: _____

2. (Unioeste-PR) Bruno Latour identifica em um dos impasses cruciais do mundo contemporâneo as raízes modernas da distinção entre fato e valor e apregoa, para a solução satisfatória desse impasse, uma reflexão epistemológica sobre a atividade científica, com o deslocamento de uma *ciência versus política* para uma *ciência com política*. Segundo ele, os negacionistas climáticos lograram difundir na opinião pública uma ideia de que há uma controvérsia com relação às causas do aquecimento global. “E este é um dos problemas que paralisam a política no Antropoceno. Não se trata de um debate racional. Trata-se, isso sim, de um debate para o qual os climatólogos do IPCC, que teriam sido considerados racionais em outro clima, estão sendo destituídos de poder. Eles são retratados como irracionais por aqueles que usam o poder da razão e apelam para a liberdade de investigação científica para poluir não apenas a atmosfera, mas também a esfera pública [...]. E isso, por quê? Porque ambos os lados – e eis o que produz a ideia de que há dois lados – usam o mesmo repertório ciência *versus* política” (LATOUR, Bruno. *Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno*).

Considere os três enunciados abaixo e, em seguida, marque a opção que interpreta CORRETAMENTE o pensamento de Latour.

- I. A ação dos negacionistas é política, uma vez que a política apenas distorce os fatos.
 - II. A ação dos climatólogos é científica, uma vez que a ciência é o campo dos fatos controversos.
 - III. A solução do impasse exige reflexões de caráter filosófico acerca da ciência.
- a)** Todas os enunciados são condizentes com o pensamento de Latour.
- b)** Apenas os enunciados I e II são condizentes com o pensamento de Latour.
- c)** Apenas os enunciados I e III são condizentes com o pensamento de Latour.

- d)** Apenas os enunciados II e III são condizentes com o pensamento de Latour.
- e)** Apenas o enunciado III é condizente com o pensamento de Latour.

3. (UFJF-MG) Leia os textos a seguir.

A Rio+20 será uma das mais importantes reuniões globais sobre desenvolvimento sustentável de nosso tempo. No Rio, nossa visão deve ser clara: uma economia verde sustentável que proteja a saúde do meio ambiente e apoie o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio através do crescimento da renda, do trabalho decente e da erradicação da pobreza.

Secretário-Geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon

O desenvolvimento sustentável não é uma opção! É o único caminho que permite a toda a humanidade compartilhar uma vida decente neste único planeta. A Rio+20 dá à nossa geração a oportunidade para escolher este caminho.

Sha Zukang, Secretário-Geral da Conferência Rio+20. Disponível em: <http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/03/Rio+20_Futuro_que_queremos_guia.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2012.

- a)** O que é desenvolvimento sustentável?

- b)** Em 2000, a Organização das Nações Unidas (ONU), ao analisar os maiores problemas mundiais, estabeleceu 8 Objetivos do Milênio (ODM), que no Brasil são chamados de 8 Jeitos de Mudar o Mundo. Cite um dos Objetivos do Milênio.

- c)** Em Uganda, uma transição para uma agricultura orgânica gerou receita e renda para pequenos agricultores e beneficiou a economia, a sociedade e o meio ambiente. Como a agricultura orgânica beneficia o meio ambiente?

4. (Enem/MEC)

Os seringueiros amazônicos eram invisíveis no cenário nacional nos anos 1970. Começaram a se articular como um movimento agrário no início dos anos 1980, e na década seguinte conseguiram reconhecimento nacional, obtendo a implantação das primeiras reservas extrativas após o assassinato de Chico Mendes. Assim, em vinte anos, os camponeiros da floresta passaram da invisibilidade à posição de paradigma de desenvolvimento sustentável com participação popular.

ALMEIRA, M. W. B. Direitos à floresta e ambientalismo: seringueiros e suas lutas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 55, 2004.

De acordo com o texto, a visibilidade dos seringueiros amazônicos foi estabelecida pela relação entre

- a)** crescimento econômico e migração de trabalhadores.
- b)** produção de borracha e escassez de recursos naturais.
- c)** reivindicação de terra e preservação de mata nativa.
- d)** incentivo governamental e conservação de territórios.
- e)** modernização de plantio e comércio de látex.

5. (Enem/MEC)

No primeiro semestre do ano de 2009, o Supremo Tribunal Federal (STF), a mais alta corte judicial brasileira, prolatou decisão referente ao polêmico caso envolvendo a demarcação da reserva indígena Raposa Serra do Sol, onde habitam aproximadamente dezenove mil índios aldeados nas tribos Macuxi, Wapixana, Taurepang, Ingárikó e Paramona — em julgamento paradigmático que estabeleceu uma série de conceitos e diretrizes válidas não só para o caso em questão, mas para todas as reservas indígenas demarcadas ou em processo de demarcação no Brasil.

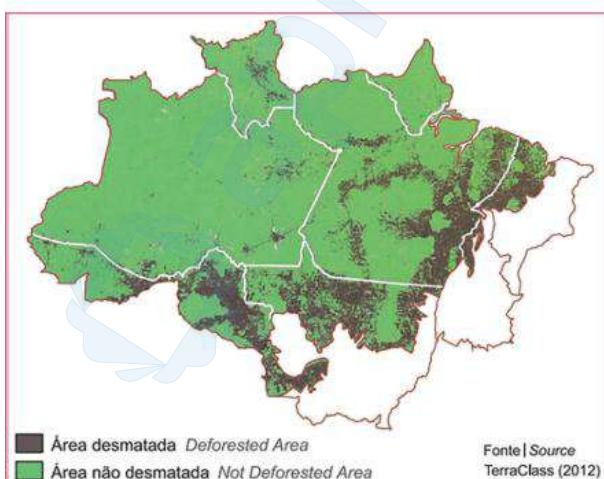
SALLES, D. J. P C. Disponível em: www.ambito-juridico.com.br. Acesso em: 30 jul. 2013 (adaptado).

A demarcação de terras indígenas, conforme o texto, evidencia a

- a)** ampliação da população indígena na região.
- b)** função do Direito na organização da sociedade.
- c)** mobilização da sociedade civil pela causa indígena.
- d)** diminuição do preconceito contra os índios no Brasil.
- e)** pressão de organismos internacionais em defesa dos índios brasileiros.

6. (FGV-SP) Em relação ao desmatamento na Amazônia, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) vem realizando o inventário de perda da floresta primária por meio do desmatamento “por corte raso”, isto é, a remoção completa da cobertura florestal em um curto espaço de tempo e sua total substituição por outras coberturas e usos (agricultura, pastagens, construção de hidrelétricas etc.).

A esse respeito, analise o mapa a seguir.



Com base no mapa, assinale a afirmação correta.

- a)** O chamado “arco de fogo”, às margens sul e leste da Floresta Amazônica, sofreu mais com o desmatamento, devido à expansão da agricultura empresarial e da pecuária de corte.
- b)** Os “povos da floresta”, comunidades ribeirinhas e produtores familiares em áreas de assentamento mantiveram os sistemas tradicionais de agricultura, o que diminuiu os índices de desmatamento.
- c)** O aumento da produtividade da bovinocultura na Amazônia influenciou na expansão da área desmatada, porque passou a exigir novas áreas de confinamento e o plantio de novas forrageiras.
- d)** A construção de barragens para a instalação de hidrelétricas deu origem a grandes reservatórios que atuam na regularização do regime de chuvas e na renovação da cobertura florestal.
- e)** Os sistemas intensivos de produção agropecuários adotaram o “corte raso” para recuperar áreas degradadas, graças à integração lavoura-pecuária-floresta.

SÍNTSE

SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE

Desenvolvimento sustentável

Questões ambientais e ecologia política

Questões ambientais no Brasil

Povos da floresta

- Mudanças climáticas e suas consequências
- Conflitos ambientais em territórios tradicionais
- Agravamento de desastres ambientais
- Problemas na gestão estatal

- Impacto do ideal de sustentabilidade sobre a produção e o consumo
- Críticas ao modelo sustentável no contexto do Capitalismo

Este capítulo em 1 minuto



<http://ftd.li/s213soc61334oau002>

MANAS THE SHUTTERSTOCK.COM

DIÁLOGOS

Chernobyl e o advento
do cidadão biológico | 142

PROJETO PESSOAL

Sejamos todos
povos da floresta | 145

34.

do cidadão biológico

Chernobyl e o advento

do cidadão biológico

biológica de cidadãos em meio

a desastres ambientais?

Esta seção colabora para o desenvolvimento da

competência geral 7 da BNCC: Argu-

Esta seção colabora para o desenvolvimento da competência geral 7 da BNCC: Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

tensões entre os blocos capitalista e socialista, que buscavam estratégias de cooperação internacional no sentido de fortalecer sua influência, desenvolver seus serviços de inteligência para se antecipar a qualquer ataque, tendo os horrores da Segunda Guerra Mundial ainda vivos na memória de todos. Mas essas tensões também se manifestavam na necessidade de um desenvolvimento econômico forte e robusto que garantisse a sustentação para ambos os regimes.

A produção de energia elétrica, por meio de diferentes fontes, é um dos elementos mais importantes para garantir esse desenvolvimento econômico. No caso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), autoridades políticas, cientistas e técnicos dominavam o uso de reatores nucleares, tecnologia até então recente e inovadora no campo da geração de energia.

A cidade de Pripyat, na República da Ucrânia, uma das integrantes da União Soviética, era uma cidade jovem, fundada nos anos 1970, moderna, com uma ampla área verde e de lazer, onde viviam jovens recém-formados na universidade com suas famílias. Foi projetada para acolher as pessoas que viriam a trabalhar na usina nuclear de Chernobyl, cujo primeiro reator foi construído em 1977 e o



HARPER 3D SHUTTERSTOCK.COM

gerador era capaz de fornecer cerca de 10% da eletricidade da Ucrânia em sua capacidade máxima.

A vida de todos os habitantes e funcionários da usina corria bem até que, em 1986, um erro cometido durante os testes rotineiros dos reatores provocou o maior acidente nuclear da história.

A resposta dos representantes do Estado sobre o acidente gera controvérsias mesmo nos dias de hoje; na época, a comunidade internacional demorou a ser informada oficialmente e pouco se sabia sobre as suas proporções ou os procedimentos que estavam sendo realizados para impedir que o desastre fosse ainda pior.

Atualmente, sabemos que dezenas de pessoas trabalharam de maneira direta nas primeiras horas do acidente para evitar que a explosão fosse ainda maior, a custo de graves consequências para a sua saúde em razão da altíssima exposição à radiação. No período que se sucedeu ao acidente, mais de 500 mil pessoas trabalharam incansavelmente para limpar os arredores da usina e garantir que os reatores fossem fechados a fim de evitar que a radiação se espalhasse por todo o mundo. Muitas dessas pessoas nem sabiam os riscos que estavam enfrentando e acabaram pagando com a própria vida pelo seu trabalho.



CHIARA SALVADORI/GETTY IMAGES

▲ Máscaras de gás contra radiação em escola abandonada na “cidade fantasma” de Pripyat, Ucrânia, 2018. A Zona de Exclusão de Chernobyl, área evacuada ao redor da usina após o acidente nuclear, foi criada a fim de evitar o acesso das pessoas e a contaminação por altos níveis de radiação. Desde 2010, o governo ucraniano realiza medições para avaliar os índices de emissões radioativas. Quando estes se encontram baixos, permite-se a entrada de visitantes, com roteiros turísticos específicos e diversas medidas de segurança.

Esse evento determinou um elemento político de grande importância — a exposição negativa da então União Soviética —, que começava a caminhar para sua derrocada como bloco coeso e fechado, por meio de um processo de abertura econômica, conhecido como *Perestroika*, juntamente com um processo de abertura política, a *Glasnost*. De forma gradual e diante da diversidade étnica da região, que levou à manutenção de tensões que perduram até hoje, emergiram as cidadanias nacionais e a garantia aos direitos inalienáveis de um Estado democrático, que foi o que ocorreu, por exemplo, com a Ucrânia e sua população.

No entanto, o desastre de Chernobyl se relaciona ao processo de abertura política das repúblicas soviéticas de uma maneira ainda mais específica. Trata-se de um tipo de direito vinculado à necessidade do Estado de garantir as condições de vida e morte, ou seja, dos dispositivos de segurança biológicos para a manutenção da vida.

Ao aderir aos direitos democráticos tradicionais, os cidadãos da Ucrânia passaram a mover ações contra o Estado pelos danos biológicos em consequência da exposição de seus corpos à radiação decorrente do acidente na usina de Chernobyl.

Como afirma a antropóloga Adriana Petryna (1966-) no livro *Life exposed: biological citizens after Chernobyl*, publicado originalmente em 2003, essas ações colocaram em destaque uma nova forma de cidadania: a cidadania biológica.

[...] a questão dos direitos inalienáveis, no que se refere à proteção legal do Estado, permanece um dilema, especialmente devido ao fato de que pessoas nascidas em algumas partes da Ucrânia são indiscutivelmente desfavorecidas com base em ameaças indeléveis ao meio ambiente e à saúde. Para esses grupos, a própria ideia de cidadania está agora submetida ao peso fundamental da sobrevivência. Portanto, neste aspecto específico da história da Ucrânia, [...] não se trata apenas de ter ingressado em um novo modo de vida democrático (abertura, liberdade de expressão e direito à informação), mas ao fato de que um amplo segmento empobrecido da população aprendeu a negociar nos mesmos termos da inclusão econômica e social da cidadania, os termos mais elementares da vida-e-morte.

PETRYNA, Adriana. *Life exposed: biological citizens after Chernobyl. With a new introduction by the author.* Tradução de Geison Loschi. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2013. p. 7.

Ao longo do último século, com a intensificação do conhecimento sobre medicina, biomedicina, biotecnologia, genética e outras ciências e tecnologias do corpo, a cidadania ganhou um novo estatuto, diante do direito aos conhecimentos necessários à manutenção da vida. Essa nova forma de pensar a cidadania atualiza as noções de biopoder e biopolítica, compreendidas com base nas obras de Michel Foucault (1926-1984) e desenvolvidas por pensadores de diferentes disciplinas das Ciências Humanas em diálogo com o conhecimento da área da saúde.

Os desdobramentos da cidadania biológica estão relacionados à responsabilização do Estado ou à busca por órgãos especializados, como comissões de bioética e agências regulatórias, que ofereçam os mecanismos disponíveis para a manutenção da vida, desde seus aspectos alimentares até aqueles relacionados a programas de vacinação ou ao uso de tecnologias avançadas para o tratamento de doenças.

No Brasil, por exemplo, esse processo tem se consolidado no que se chama de “judicialização da saúde”, com um conjunto de ações que visam assegurar tratamentos e medicamentos de difícil acesso ou de alto custo, ou cuja demanda foi negada, como forma de garantir o disposto no artigo 196 da Constituição Federal de 1988, que define a saúde como “direito de todos e dever do Estado”.



POR MIND PIXELL/SHUTTERSTOCK.COM

PASSO 1 | PESQUISA E SELEÇÃO DE CASO PARA ANÁLISE

De acordo com a noção de “cidadania biológica”, reúna-se com outros colegas e reflitam sobre ações de indivíduos ou grupos que reivindicam ao Estado o direito à saúde e à vida, seja diante da necessidade de acesso a medicamentos, seja em razão de consequências biológicas de desastres ambientais, no Brasil e em outros países. Realizem uma pesquisa sobre diferentes casos e escolham um deles para apresentar à turma.



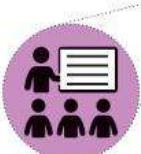
PASSO 2 | ANÁLISE DO CASO

Com base no caso selecionado, identifiquem e descrevam suas principais características, motivações, dificuldades enfrentadas, se o direito reivindicado foi alcançado e de que maneira isso aconteceu. Avaliem também como ocorreu a relação com o Estado e diversos órgãos na busca por essa nova cidadania.



PASSO 3 | APRESENTAÇÃO E DEBATE

Apresentem o resultado da pesquisa aos demais colegas — em sala de aula ou em ambiente virtual — e conduzam um debate sobre o caso, refletindo sobre a maneira como se construiu a identidade dos indivíduos como cidadãos biológicos em cada situação investigada. Procurem elaborar as discussões pensando, ainda, nos impactos de determinadas tecnologias sobre a vida das pessoas, de acordo com o caso — como aqueles gerados pelas tecnologias de energia nuclear em Chernobyl, por exemplo.



ACELERE! Aprenda ainda mais com a nova edição do Articulação Humanas.



PROJETO PESSOAL

SEJAMOS TODOS POVOS DA FLORESTA

Quando usamos a expressão **povos da floresta**, procuramos designar comunidades tradicionais, mas pensamos principalmente nos povos originários das florestas brasileiras, com um modo de vida intimamente relacionado à natureza. Assim, falar sobre eles remete à necessidade de preservar suas terras e manter suas tradições culturais, respeitando a multiplicidade de formas de pensar e viver dos seres humanos.

A perspectiva dos povos da floresta identifica e denuncia, ainda, a opressão sistemática à qual esses povos foram e são submetidos, em uma lógica de exploração desmedida dos recursos, de diferenciação e domínio da natureza e de destruição dos equilíbrios ambientais, fundamentais para a pluralidade da vida na Terra.

Mas e se todos fôssemos povos da floresta?

Diante de uma comunidade internacional que amplia seu olhar sobre a necessidade de preservação do meio ambiente, torna-se uma tarefa fundamental e desafiadora conciliar as formas de desenvolvimento econômico, político, social e tecnológico com essa nova perspectiva. O Brasil, que tem a maior floresta tropical do mundo, é um ator relevante nesse cenário, mas pouco tem atuado nessa direção.

Nemonte Nenquimo (1986-), mulher líder do povo Waorani, na região amazônica do Equador, escreveu uma carta em outubro de 2020 dirigida aos representantes dos países amazônicos — Brasil, Bolívia, Peru, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Colômbia, Suriname e Equador — apontando a ignorância do “homem branco” ao destruir aquilo que não entende.

[...] para os povos indígenas uma coisa é clara: quanto menos você sabe sobre algo, menos valor isso tem para você — e, portanto, mais fácil será de destruir. Com “fácil”, quero dizer sem culpa, sem remorso, sem se sentir estúpido e, inclusive, com todo direito. E isso é exatamente o que vocês estão fazendo conosco como povos indígenas, com nossos ter-

Esta seção colabora para o desenvolvimento da competência geral 10 da BNCC: Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

ritórios de floresta tropical e com o clima do nosso planeta.

[...] “*A Terra não espera que a salvem, espera que a respeitem. E nós, como povos indígenas, esperamos o mesmo.*”

NENQUIMO, Nemonte. Carta da Amazônia: destruímos o que não entendemos. **Instituto Humanitas Unisinos**, 14 out. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603717-carta-da-amazonia-destruimos-o-que-nao-entendemos>>. Acesso em: 2 jul. 2021.

As cartas de líderes indígenas são um gênero político importante, com advertências muito severas às nossas sociedades e ao modo como lidamos com a natureza. As gerações mais novas têm assumido para si maior responsabilidade no que diz respeito ao cuidado com o ambiente, e práticas mais recentes no campo da ciência e da tecnologia procuram se basear nessa busca por um ecossistema em equilíbrio.

Reflita sobre como é possível atuar de maneira pessoal e coletiva, em ações do cotidiano ou por meio de políticas públicas, ações da sociedade civil ou práticas de empresas privadas, por exemplo, para que o conhecimento da floresta nos aproxime mais da natureza. Faça um exercício de escrita de uma carta — inspirada nas cartas indígenas —, que procure dialogar com os modos de vida e os saberes dos povos da floresta e apontar caminhos a fim de evitar a devastação do mundo em que vivemos.



▲ BANIWA, Denilson.
INKA: A origem da gente-branca.
2017. Infogravura, tamanhos variáveis.

REGISTRO PESSOAL

NOME: _____



Esta folha é parte integrante do material de Ensino Médio do FTD – Sistema de Ensino.